

REVISTA DA SEMANA

28-8-48



Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

N.º 35



Novos Horizontes!



CASA DE GEORGE WASHINGTON, EM MOUNT VERNON, VIRGINIA. FOTO DE VICTOR JOSÉ LIMA

14.500
EXEMPLARES
VENDIDOS NAS DUAS
PRIMEIRAS EDIÇÕES

NOVAS OPORTUNIDADES PARA O FUTURO!



PREÇO:

CR. \$
20,00

Eis o que oferece a língua inglesa, atualmente falada por mais de 300.000.000 de pessoas em todo o mundo! Aprender o idioma consagrado nas páginas imortais de William Shakespeare pode significar maiores oportunidades comerciais, científicas e, mesmo, oportunidades para grandes e inesquecíveis viagens, entrando em contato direto com outros povos e outras civilizações. E, para todos aqueles que desejam aprender inglês com perfeição, brevidade, aí está "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO" — uma obra que já ficou comprovado em duas edições completamente esgotadas! Além de vocabulário completo, inclusive palavras essenciais nos diversos ramos das atividades humanas, "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO" oferece, ainda, regras gramaticais, pronúncia figurada de todos os vocabulários e uma seção exclusivamente dedicada às frases práticas, com as expressões mais comumente usadas nos Estados Unidos da América do Norte. "INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO" é um livro útil, que lhe abrirá novos e amplos horizontes.

Pedidos deste livro pelo
Reembolso Postal para:

VICTOR JOSÉ LIMA
Rua Caruso, 4, apto. 3
Tijuca, Rio de Janeiro

INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO

Por VICTOR JOSÉ LIMA
Ex-tradutor da "Military Review", em
Fort Leavenworth, Kansas, U. S. A.

Noite de solidão em Atenas

Atenas (Julho de 1948) — Esta noite ficarei sozinho. Estou condenado a uma solidão que não decorre da minha vontade, mas, antes de mais nada, das circunstâncias. É uma solidão no meio de uma cidade desconhecida, com a agravante de ter uma tonalidade familiar, qualquer coisa de íntimo, de velho conhecido. Tudo parece antigo e novo, ao mesmo tempo, sem que me seja possível atinar com a razão. Talvez sejam os móveis, os móveis deste pequeno apartamento, que lembram uma velha casa da Tijuca ou do Catete. Porque tem aquela marca indefinida e inapagável daqueles "quartos de dormir", salas de jantar", ou outros mobiliários anunciados nos cartazes, antes de se chegar à Glória. Creio que nunca em minha vida me senti tão perto do Rio, quanto neste minúsculo apartamento ateniense que, hoje pela manhã, me foi legado por uma senhora loura, de tipo acentuadamente turco.

Devem ser os móveis, umas mesinhas pequenas e pretensiosas, um "bar", cujas portas chamam nos gonzos, umas poltronas forradas de vermelho com tapagens azuis, que completam nitidamente o ambiente. Não falta sequer um "abat-jour" de pergaminho amarelo, a aumentar o calor da sala. Sim, porque em Atenas, agora, está fazendo um daqueles calores homéricos, capazes de empatar com os do Rio. Até esse pormenor é evocativo, até esse pequeno detalhe torna-se uma agravante para a minha solidão desta noite, a segunda que passo em Atenas, após o regresso de Genebra.

Prossigo em minha inspeção, e todo o resto corresponde à paisagem carioca. Sobre o "bar", meia dúzia de copos de cristal. Em Paris, eles seriam brancos, azuis, vermelhos, uma cor qualquer, definida. Na Tijuca ou em Atenas, são porém cor-de-rosa. Tinha que ser assim. Não podia ser de outra maneira. Do contrário, estaríamos na França, e não na Grécia. O prato que enfeita a mesa tem também grandes flores pintadas, e há uma infalível estatueta em "biscuit", uma inevitável floreira verde, que, de longe, dá-me a impressão de ser uma peça "Vieux-Paris". Dou-me o trabalho de erguê-la, com risco de fazer cair umas flores artificiais que a completam. Não é "Vieux-Paris", mas uma porcelana italiana. Tinha que ser assim.

A rua é tipicamente carioca. Ao lado do prédio, uma quitanda, com todos os membros da família, em mangas de camisa, e cadeiras na calçada, vendo os que passam. Cadeiras na calçada! Eu que há tanto tempo não as via, exceto nas "terrasses" dos cafés, onde "garçons" solícitos procuram atender a freguesia. Aqui, não. Trata-se de um hábito familiar, doméstico. Mal terminou o dia, cada qual procurou a sua cadeira, colocando-a em frente à loja, cuja luz ainda serve para iluminar o caminho. E não faltarão conhecidos, amigos, transeuntes, que descansarão por um instante, conversando, trocando idéias com esses cariocas de Atenas, aqui a meu lado, bem perto de mim, que me olham com curiosidade, ao ver o esforço com que procurei abrir a porta da entrada. Aqui, como no meu apartamento do Rio, falta óleo na fechadura. Até nisso a semelhança é incrível.

Sinto um desejo alucinante de lhes falar, de lhes dizer qualquer coisa, de perguntar o que pensam da vida, do mundo, da bomba atômica, da Carmen Miranda ou das Olimpíadas. Lembro-me, porém, que esta noite estou condenado à solidão e ao silêncio, que terei de voltar ao meu apartamento sem dizer boa noite a ninguém, sem poder falar antes de dormir, sem qualquer possibilidade de ficar acordado. Serei obrigado a adormecer, mesmo que não tenha sono, mesmo que queira me permitir o luxo de uma insônia, pois, de outro modo, não terei como enfrentar a longa noite que começará dentro de alguns instantes, assim que terminar esta crônica.

E estou condenado a silêncio porque não temos meios de nos entender. Aqui, nesta rua cheia de altos e baixos, parte ainda por calçar e completar, ninguém conhece o inglês ou o francês que, durante o dia, tanto podem facilitar a nossa vida. É noite, e noite escura, como todas as de Atenas, onde as ruas são fracamente iluminadas, tão fracamente que é impossível distinguir as pessoas que cruzam o meu caminho. Lembro-me do meio "black-out" de Londres, em princípios do ano passado, e não posso deixar de sorrir, ao ver que hoje estou ainda mais sozinho do que quando perambulava pelo Soho ou por Mayfair. Ali eu sabia que sempre encontraria o meu caminho, que nunca estaria inteiramente só, que me seria sempre impossível perguntar, indagar.

Aqui, não. Esta noite, ao voltar do jantar, tentei reconstituir mentalmente o trajeto de casa, que havia feito à luz do dia. Era fácil: bastava tomar uma rua em ladeira, subindo até o fim. Foi o que eu fiz, na escuridão da noite. Cheguei ao alto, mas não encontrei a minha rua. Havia desaparecido, e só um "taxi" a encontraria. Felizmente, decorei-lhe o nome e o número. O nome é extremamente complicado: "Anagnostopoulou", e o número, o único que conheço, fora os dez primeiros algarismos, que aprendi ao mesmo tempo que o "bom dia" e "boa tarde".

Na casa em frente há uma luz acesa. Uma jovem ateniense passa um vestido a ferro. Provavelmente aquele com que irá ao trabalho, amanhã. É um vestido de cores vivas, alegre, mais um a enfeitar as ruas da cidade, tão barulhentas e brilhantes durante o dia, tão tristonhas e mortas durante a noite. Porque agora, pouco a pouco, um grande silêncio vai invadindo tudo. Até um rádio, dos vizinhos, silenciou. Acreditem ou não, a paisagem é essa. As casas já começaram a apagar suas luzes e, dentro em breve, provavelmente, tudo estará entregue a um sono justo e reparador. Até o grupo do portão ao lado terminou a conversa, recolheu as melancias e melões ainda expostos, encerrando o expediente noturno.

É certo que, mais abaixo, no fim da minha rua, está uma das praças mais simpáticas e elegantes de Atenas. Dentro de alguns minutos o cinema ao ar livre encerrará suas portas, e a freguesia afluirá, ansiosa, apressada, para uma espécie de sorveteria. Depois, cada qual voltará para suas casas. Ninguém pensará em ir a um "dancing" ou a uma "boite", pois tais coisas não existem. É proibido dançar na Grécia, enquanto durar a guerra civil, e a população se submete docilmente a essa decisão governamental.

Eu continuarei sozinho. É a pior solidão, essa em que se deseja falar com alguém, e isso se torna impossível, porque os nossos idiomas não se combinam, não se entendem. Estou condenado ao meu apartamento, ao calor, à sede que, agora, pouco a pouco, me domina. Um banho, um banho frio, quase gelado, à meia-noite, talvez seja a grande solução, o remédio adequado. Depois dele, irei dormir melhor, com a consciência mais tranquila, mais otimista em relação às minhas futuras noites atenienses. As torneiras estão, porém, secas, com aquele barulho rouco, tão meu conhecido, tão nosso conhecido, amigos que me lêem. Volto para o quarto, melancólico. Apesar da distância e do tempo, vejo que o Rio não mudou. Continua o mesmo...

JORGE MAIA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

Sumário:

COLABORAÇÃO

Noite de solidão em Atenas (Jorge Maia) 3

BIOGRAFIA

A vida de São Paulo (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 34

CARICATURA

Bom humor 18

REPORTAGENS

Bom Jesus da Lapa, capital da fé sertaneja (Texto e fotos de Ney Machado) 6/13
A posse de um novo "imortal" 16/17
A vida de Castro Alves na cinematografia 26/29
Imagens da Grécia (Herman Lima) 30/33

CONTOS

Entre estudantes (H. G. Wells) 18
Histórias do Raimundão (Antônio de Oliveira) 20/21
No telefone (Charles Foley) 22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Broadcast 23
Cine-Revista 24
O Filme da Semana 25
Vida Literária 34
Livros Novos (João Luso) 36
Música 47
Cancioneiro Internacional 48
Pelas estradas do céu 50

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) 37
A personalidade da semana (Sarah Marques) 38
Muro das lamentações 43
Mães e filhos (Zóia de Laet) 44
O espírito feminino através dos tempos
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 46

FOLHETIM

"Melissa" (LeGrand Cannon Junior-John Fulton) 57/58

ILUSTRADORES

Orlando Matos
Armando Pacheco
Armando Moura



NOSSA CAPA

Ilustra hoje nossa capa a artista Betty Hutton, a explosiva lourinha da Paramount. Graças ao seu temperamento irrequieto, dinâmico, Betty Hutton criou um estilo pessoalíssimo de cantar e de dançar, maneira tão sua que não pôde ser imitada até agora, embora algumas "extras" tenham tentado. O último filme de Betty exibido entre nós foi "Chispa de fogo", e brevemente ela voltará no maior filme de sua carreira, a nova versão de "Os perigos de Paulina".

a Semaninha EM REVISTA

O CRÉDITO AGRÍCOLA E OS JUROS ESCORCHANTES



No Senado Federal, vários senadores vêm debatendo a questão do crédito agrícola, para condenar os juros escorchantes, cobrados pelo nosso sistema bancário. Um desses senadores, o ilustre representante fluminense José Carlos Pereira Pinto, fez sobre assunto o interessante e oportuno discurso. De início, reportou-se o senador Pereira Pinto aos discursos de outros de seus colegas, sobre o mesmo problema, salientando o seguinte:

"De fato, não há muitos dias, na sessão de 23 de julho último, o preclaro senador por Santa Catarina, sr. Francisco Galloiti, pronunciou um discurso fortamente documentado em que traduziu, segundo suas

próprias palavras, o clamor geral contra os juros abusivos, o preço elevadíssimo do dinheiro.

E dias após, na sessão de 4 do corrente, o honrado senador pelo Pará, sr. Magalhães Barata, teve ensejo de debater o mesmo tema, trazendo ao nosso conhecimento, que o governo daquele Estado, depois de negociar com o Banco do Brasil um empréstimo à taxa de 8%, para melhorar os serviços de luz e força de Belém, recebeu de um banco norte-americano o oferecimento de uma operação a 4%, pelo que resolvera pedir ao Senado a necessária autorização para contrair essa operação. Vemos, assim, que os próprios Estados, só obtêm recursos dentro do país a taxas altas.

Por isso, quando falo nas dificuldades de crédito agrícola, não me refiro apenas às deficiências de sua distribuição no interior do país, onde chega em parte mínima, com relação ao número das nossas propriedades rurais, mas sobretudo à elevação das taxas de juros e às outras condições onerosas dos empréstimos

aos agricultores. E não é possível tratar da matéria sem ir logo diretamente ao Banco do Brasil, não só por ser o verdadeiro centro do nosso sistema bancário, como por ter reunido às suas diversas Cartilhas a do Crédito Agrícola, que passou a ser e ainda hoje é o único órgão oficial dessa espécie de crédito no Brasil.

Continuando, o senador fluminense acentua a necessidade da expansão do crédito agrícola a taxas módicas, asseverando que não é verdadeira a alegação de que nas condições atuais não se pode alcançar juros mais baixos e outras facilidades de crédito para as classes produtoras. Mas mesmo que isso fosse verdadeiro, urge modificar-se essa situação, através da reorganização do nosso sistema bancário, a fim de resolver o problema do crédito em moldes mais consentâneos com as aspirações progressistas das nossas forças econômicas. Tem razão o senador Pereira Pinto. Principalmente porque não é possível produzir barato com dinheiro caro e elevadíssimas taxas de juros.

UM VERGONHOSO EPISÓDIO FISCAL

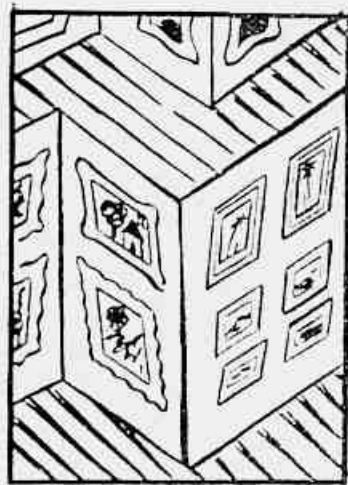


Quando os membros da Assembléia Nacional Constituinte elaboraram a Constituição da República, ora em vigor, resolveram criar uma situação de caráter excepcional, em benefício de três categorias de profissionais que, em país como o nosso, de baixo nível cultural, são medicamente remunerados: os professores, os jornalistas e os escritores, em geral. Assim, sem dúvida como um estímulo às suas atividades materialmente desfavorecidas, e como proteção econômica, foram eles isentados, pelo texto constitucional, do pagamento do imposto sobre a

renda. Foi um gesto absolutamente espontâneo dos legisladores, não nos constando que os professores, os jornalistas e os escritores brasileiros tenham ido ao Palácio Tiradentes, de chapéu na mão, pleitear qualquer espécie de favores. Concedida essa isenção, é natural, entretanto, que os que dessa se beneficiaram, por força da nossa lei magna, queiram gozar da mesma, sem restrições ou embaraços, visto se tratar de direito líquido e certo. Ou se trata de um direito líquido e certo, ou, então, a Constituição é um simples farrapo de papel, não valendo coisa alguma nenhuma. Entretanto, como estamos no mais singular de todos os países, parece que a isenção concedida àquelas três categorias profissionais irritou algumas outras e, ainda mais particularmente, aos funcionários do fisco. Por uma inadvertência do Congresso, filtrou-se, na redação final de um projeto sobre imposto de renda, um artigo que dele já fora eliminado, por inconstitucional, pois

mandava taxar os salários dos jornalistas, contrariamente à letra da Constituição. Disso prevaleceu-se, com incrível encarniçamento e obstinação, o delegado do Imposto de Renda, sr. Augusto Bulhões, que está notificando os jornalistas para que paguem o referido imposto, referente ao corrente exercício. É um despropósito. Mais do que isso: é um absurdo. Já o senador Arthur Santos, da tribuna do Senado, explicou que o dispositivo da lei ordinária, que se invoca é "um mero equívoco". Tal explicação, todavia, não prevaleceu, perante a sabedoria vesca do sr. Augusto Bulhões... Para esse ilustre burocrata, a Constituição pode ser emendada, revogada, contrariada por simples leis ordinárias... E é o chefe de uma importante repartição federal! Talvez essa casmurria terá como resultado único obrigar os jornalistas a recorrer à justiça, a incomodar os juizes, para que tenham o seu direito restaurado... E o terá, com certeza!

EXPOSIÇÃO DE PINTURA NA CÂMARA DOS VEREADORES



Na semana passada, uma exposição de pintura foi inaugurada no salão nobre da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Recebemos um convite para a inauguração, assinado pela mesa daquele órgão legislativo, — e confessamos que, no primeiro momento, isso nos causou estranheza. Parece-nos singular a idéia de que, no edifício da edilidade, se fizesse uma exposição de pintura, — e que vereadores, que ali estão para tratar dos interesses do povo, fizessem convites para esse certame. Bem pensado, entretanto, não há nisso nada demais. Não é caso de se censurar, mas até de louvar. Pois

o que é certo é que, no Rio de Janeiro, escasseiam as salas de exposição. A sala da A.B.I., a do Palace Hotel e a da Escola de Belas Artes, bem como a do Ministério da Educação, estão sempre ocupadas. As galerias particulares geralmente são focos de exploração dos pintores. Justamente por ter reconhecido isso, foi que o prefeito do D. Federal concedeu aos nossos pintores o direito de expor seus quadros e de vendê-los no Passeio Público, livres de quaisquer taxas ou emolumentos. Portanto, não fez a Câmara Legislativa do Distrito Federal outra coisa que não fosse dar um passo no mesmo sentido, franqueando aos nossos pintores seu luxuoso salão nobre, local muito apropriado para certames dessa natureza, espaço, bem iluminado, e de fácil acesso, por ser no centro da cidade. A exposição que se inaugurou no salão nobre da Câmara Legislativa do Distrito Federal na semana passada, — e na qual figura, aliás, magnífico retrato de Rodrigues Alves, o eminente estadista cujo centenário vem de

ser comemorado, — foi da ilustre pintora Sílvia MeVer, figura das mais brilhantes da nossa pintura moderna. Oxalá ali encontrem abrigo e estímulo outros artistas nossos, como, por exemplo, esse grande e talentoso pintor que é José Poncelet, e outros mais que são sistematicamente esconçados das salas da Escola Nacional de Belas Artes pela má vontade e obstinação do sr. Oswaldo Teixeira. Não seria demais, aliás, que os vereadores cariocas, completando a bela obra que iniciaram, destinassem uma verba anual à aquisição de obras dos pintores que ali expõem, quer para adornarem os salões daquela Câmara, quer para serem incorporados às coleções do Museu da Cidade. De qualquer forma, com a simples abertura do seu salão nobre aos nossos pintores que não têm onde realizar exposições, a Câmara Legislativa do Distrito Federal já faz jús a uma boa parcela de gratidão dos nossos artistas plásticos.

ANO XLVII
N.º 35 — 28-8-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHÃES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



O mundo vive agora de conferências. Bom sinal, pois dizem que da discussão nasce a luz. Encerrada a Conferência do Danúbio, onde foi internacionalizado o rio, continuam as conferências seriadas em Moscou. Stalin continua bancando o "gostoso" e prometeu aparecer aos diplomatas das potências ocidentais somente na última conferência... O sr. João Daudt de Oliveira vai aos Estados Unidos estudar a possibilidade da inversão de grandes capitais norte-americanos no Brasil. Inclusive estudará a revisão das leis brasileiras que controlam o assunto. Estará o petróleo incluído entre as nossas reservas exploráveis, ou melhor, a mercê de exploradores?... Por falar nos nossos amigos do norte: o "Diário de Notícias" publica na primeira página este telegrama: "O comitê parlamentar que investiga as atividades subversivas informou que o ex-funcionário do Departamento de Estado, Alger Hiss, não só conhecia o ex-comunista Whittaker Chambers, como também viveu com ele em 1930". Mas que temos nós com isso? Quem é o "seu" Alger Hiss? Ninguém sabe. Está havendo uma tendência das agências telegráficas em noticiar problemas internos norte-americanos. Tendência estúpida e desnecessária... A sra. Kosenkina está morre não morre. De um lado a polícia política norte-americana torcendo para que ela sobreviva; o Consulado soviético torcendo contra... Dois críticos musicais italianos, os srs. Corti Colleoni e Domenico Paoli, desentenderam-se sobre preferências artísticas e, depois de um duelo verbal, bateram-se num duelo a espada. Colleoni venceu no 4º assalto. Apesar disso, não conseguiu convencer o contendor sobre o seu ponto de vista. Avisamos ao Roberto Lyra Filho, nosso crítico musical, que vá tomando umas aulas de esgrima, por via das dúvidas. É possível que a moda pegue... Perón quer ser eleito presidente da República Argentina. Para tanto, modificou a Constituição do país, a seu bel-prazer. Os mesmos métodos do ditador Vargas, em 1937, quando criou o Estado Novo. Não há dúvida que todos os céus das ditaduras se parecem. Felizmente já sabemos qual é o fim... A Prefeitura avisou que agora, durante a seca das invernações, não teremos carne às terças-feiras. Em muitos açougues o bife começou a faltar dia sim dia não. Entretanto, o general Angelo Mendes de Moraes disse, em uma de suas costumeiras palestras pela Rádio Nacional, que o carioca está comendo mais carne que durante os anos de guerra. É um grande consolo... Foi concedido pelo Tribunal Regional da Justiça do Trabalho aumento para os comerciários. O do funcionalismo está prometido, mas ainda não veio. O aumento dos jornalistas não veio e nem foi prometido... Teco-tecos e aviões da F.A.B. continuam caindo. Em Coromandel, Minas, um piloto não brevetado cismou de fazer evoluções sobre as barraquinhas de uma festa religiosa. O avião caiu sobre uma d-las, assassinando três moças e o pai delas, morto de conecção. O "hábil" piloto nada sofreu... A Prefeitura, no intuito de modernizar a praça Quinze de Novembro, quer derrubar o "Arco do Teles", velha construção colonial existente no local. O Serviço do Patrimônio do Histórico se opõe. Achemos que a Prefeitura deve ser apoiada. O "Arco do Teles" é apenas tradição, não tem nenhum valor artístico... Racismo num país de mestiços. Essa é boa! O "rink" de patinação "Roberto", em Copacabana, proíbe que gente de cor entre no seu "sagrado recinto", embora a entrada seja paga. Já existe o Serviço de Proteção aos Índios, precisamos fundar agora o "Serviço de Proteção aos Negros"... A crônica policial do "Correio da Manhã" publicou um delicioso bate-papo mantido entre o seu criador e o comissário Sady Caldas, do 20º Distrito Policial. O repórter telefonou várias vezes para o Distrito. Não conseguia falar com o comissário, que não saía do café. Usou, depois, de um estratagemas, dizendo que era o "Firmão, do Pimenta" (Pimenta é um conhecido contraventor do bicho). Foi o "Abre-te, Sesamo". Pronto! O comissário se desmancharam em gentilezas do outro lado do fio, ao que conta o maturo. Como se vê, os jornalistas estão desprestigiados. Valem menos que os contraventores... Depois de cinco meses de argústias, nos quais foi obrigada a deixar de pagar aos seus funcionários, a N.A.B. (Navegação Aérea Brasileira) fechou as portas. Uma grande companhia que paralisa suas linhas. Várias localidades do sertão brasileiro ficarão privadas do transporte aéreo com o fechamento da N.A.B.... Faleceu em Fortaleza o sr. Daniel de Queiroz, figura de prestígio no meio intelectual do Ceará e pai da consagrada escritora Raquel de Queiroz... O almirante Gago Coutinho foi atropelado na rua Evaristo da Veiga, achando-se internado na Beneficência Portuguesa... O general Góis Monteiro encontra-se restabelecido da enfermidade que o atacou... O vereador peixeiro Levi Neves é mesmo de briga. Depois de suas valentias contra a modesta redação de "O Ataque", que lhe valeu a demissão do cargo de secretário do Interior e Segurança Pública, continua provocando tumultos na Câmara Municipal. Brigou, há tempos, com o vereador Geraldo Moreira, e na semana passada quis agredir o vereador udenista Pais Leme dentro do plenário. Por que s. excia. não senta praça na Polícia Especial, ótimo lugar para valentões?... O café moído está para ser aumentado novamente. Um líder da C.C.P. lembrou que em um ano e meio o quilo do café passou de Cr\$ 4.00 para Cr\$ 7.00, Cr\$ 9.80, Cr\$ 10.80 e, finalmente, agora, Cr\$ 11.20. Naturalmente os varejistas vão alegar que a responsável por isso é a broca do café... Foram autuados por falta de higiene os restaurantes do Fluminense Iate Clube, do Aeroporto Santos Dumont e da Panair. Em Belo Horizonte chamam-se aos falsos granfinos "granfinos sem coifão"; aqui no Rio poderíamos xingá-los "granfinos sem higiene"... As Faculdades do Rio entraram em greve, em protesto ao projeto do deputado padre Medeiros Neto, que concederia ingresso aos alunos da Escola Naval nas nossas escolas superiores sem necessidade do exame vestibular. Tal anicaca não se verificará, pois a Escola Naval prepara-se para receber todos os ex-alunos, de acordo com o indulto que o Legislativo e Executivo estão aprovando... Foi preso por investigadores do 16º Distrito Policial o perigoso indivíduo Alcino Pimentel de Medeiros, que assaltou de madrugada dois leiteiros, exigindo-lhes dez mil cruzeiros sob a ameaça de morte. Reconhecido pelas vítimas, o meliante exibiu na delegacia documentos que diziam ser ele investigador da Ordem Social, funcionário do Serviço de Recreação Operária, fiscal da Polícia Municipal, proprietário do "Cinema do Trabalhador", em Irajá, dono de uma empresa funerária e de uma casa de bicicletas. Dono de tantas profissões, terá agora mais uma categoria: assaltante de leiteiros indefesos... Dona Ada Hansen ajudou seu marido a suicidar-se e depois enterrou-o no jardim. Sobre o túmulo plantou margaridas. Descoberta pela polícia, declarou que fizera tudo aquilo atendendo a um desejo do defunto. Espósa perfeita, a dona Ada... A jovem russa Juliana Malinowski, atualmente vivendo em Paris, declarou que fugira da Rússia por não querer se tornar amante de Joseph Stalin, "muito tímido e desajeitado em questões de amor", disse ela. Preparem-se os jornais para publicar brevemente as "Memórias" da pudica fugitiva... Um casal de noivos cariocas não acreditou no azar e resolveu casar-se na última sexta-feira, treze de agosto, ano bissexto. Ao chegar à Pretoria, o casal ficou surpreso. Era o único casamento do dia. Ninguém tivera coragem para vencer a superstição. Outro casal valente não conseguiu chegar ao fóro: houve um acidente minutos antes da saída de casa e vários parentes foram diretos para o Pronto Socorro... Por hoje é só. Até sábado...

Cartas à redação

Do pintor Vito Perona recebemos a seguinte carta:

"Belo Horizonte, 14 de agosto de 1948. — Prezado dr. R. Magalhães Junior, dd. diretor-secretário da REVISTA DA SEMANA — Rio. — Muito apreciei a reportagem ilustrada na vossa conceituada revista, dada pelo atencioso amigo Milton Pedrosa; porém, por dever de consciência, peço-vos retificar a parte do noticiário que se refere ao meu querido progenitor, porque foi mal-entendido.

O sr. Pedrosa de fato diz: "Quando o pai, também por boémio, foi um dia recolhido à cadeia local, o menino foi ali pintar coisas alegres para distraí-lo".

Nunca meu pai foi na cadeia; ele foi sempre ótimo pai e chefe de família, bom funcionário e ardente patriota.

Quem foi recolhido à cadeia fui eu, por exravagância de mocidade.

Rogo-vos, portanto, sr. diretor, a fineza de mandar retificar esse trecho de entrevista, que vem ofender a sacra lembrança do meu querido pai.

Agradecendo-vos desde já, distintamente e artisticamente subscrevo, de v. s. obmo. — Vito Perona (Pintor. Artista)."

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope:

Conto para a REVISTA DA SEMANA

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Reçamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



Um aspecto do câro do Santuário de Bom Jesus, cantando durante a bênção. Todas as noites, enquanto dura a festa, milhares de pessoas se reúnem em uma grande praça, fronteira à entrada da gruta, para a cerimônia religiosa. É um espetáculo imponente, os milhares de devotos ajoelhados diante do enorme penhasco, mil bocas cantando os hinos sacros! Existe apenas um órgão na cidade e um só organista, o jovem Antônio Ferreira Barbosa, que tendo aprendido quase sozinho essa arte, realiza maravilhas no velho instrumento

BOM JESUS DA LAPA

A CAPITAL DA FÉ SERTANEJA

70.000 PESSOAS POR ALI PASSAM, DE MAIO A AGOSTO, NA MAIOR ROMARIA CRISTÃ DOS SERTÕES BRASILEIROS — ASPECTOS DA MONUMENTAL IGREJA EDIFICADA DENTRO DE UMA GRUTA DE PEDRA — O MISTERIOSO SINO DE PEDRA — A HISTÓRIA DO PINTOR QUE SE FEZ MONGE — UMA CAVERNA DE ONÇAS TRANSFORMADA EM SANTUÁRIO DE CRISTO — FESTA DE IGREJA NA ROÇA

TEXTOS E FOTOS DE NEY MACHADO

O Santuário de Bom Jesus da Lapa, no centro-oeste baiano, fez da apagada cidadezinha a capital da fé sertaneja do Brasil. O aglomerado de casas está situado à margem esquerda do São Francisco, a quatro horas de voo desta capital. Se não nos utilizamos dos possantes aviões da NAB e preferimos a viagem por terra, levaremos dois dias do Rio a Pirapora, ponto terminal da Estrada de Ferro Central do Brasil, e mais seis dias, em média, descendo o São Francisco. Vários motivos impressionam o forasteiro que se encontra na cidade durante os festejos. Uma das primeiras coisas é a singular conformação do escuro penedo, que abriga no seu bôjo a gruta famosa. A cidadezinha de Bom Jesus da Lapa está a 432 metros de altitude, no centro de um grande planalto. Até onde a vista alcança, o solo é plano, uniforme, com a mirrada vegetação da caatinga, seca e poeirenta nessa época do ano. Nenhuma outra elevação perturba o olhar. Não existe o verde das florestas. As árvores maiores, como o umbuzeiro, apontam, uma vez por outra, desfolhadas, mostrando o esqueleto de seu tronco e galhos escuros. Tudo é barrento, árido e monótono. Muito ao longe, a milhares de quilômetros, esfumam-se serranias. Dentro dessa planura, levanta-se imponente, como um milagre de pedra, o penhasco de Bom Jesus, com oitocentos metros de altura das margens de um braço do São Francisco até o topo. Tão isolado se encontra de outras formações rochosas que não parece ter surgido do solo; dá a impressão de que a enorme mole de granito

se precipitou do céu, como gigantesco meteoro. A existência do rochedo solitário leva-nos a pensamentos místicos. O bloco de pedra, visto de longe, lembra a silhueta de um leão deitado. Quando nos aproximamos, novas descobertas surgem ao olhar. A erosão cavou durante séculos profundos sulcos na pedra, esculpindo agulhas, minaretes, cúpulas, recortes bizarros, e há grutas e socavões em toda parte. Monges fantásticos surgem nas silhuetas dos blocos de pedra carcomidos. A conformação do penedo atua com uma poderosa força mística na crença dosromeiros. Para a gente simples, tudo aquilo foi feito de propósito por Deus, a fim de que ali dentro fosse venerado o Bom Jesus da Lapa.

A IGREJA SUBTERRÂNEA

Do lado poente, de frente para o rio, uma grande abertura nos leva ao seio da montanha. Lá dentro está localizada a única igreja do Brasil cuja nave, santuário, sacristia e demais dependências são formadas pelas cavernas naturais da rocha. A gruta mede trinta e nove metros de comprimento, do altar-mor à entrada, tendo em quase toda a extensão quinze metros de altura. Atrás do altar encontra-se a sacristia, localizada numa caverna menor. Para a sala dos milagres foi aproveitada uma lapa, que se comunica com a nave por uma abertura natural da pedra. A mão do homem não interferiu em nenhum dos compartimentos da igreja. Esse misterioso templo subterrâneo possui coisas maravilhosas, como, por

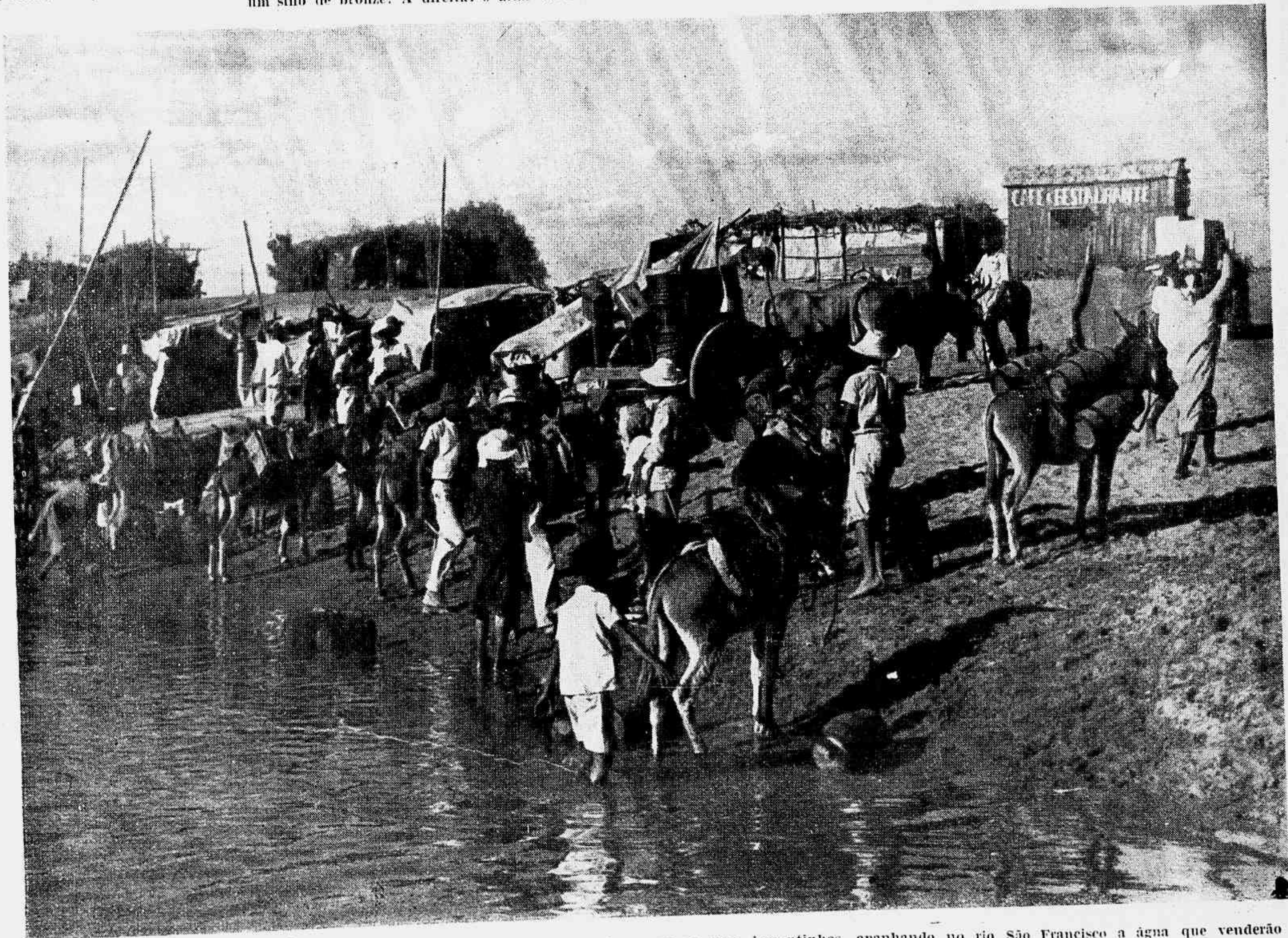
exemplo, o seu sino de pedra. Pendurado pela natureza entre o altar-mor e a sacristia, emite um perfeito som metálico, como se fôra fabricado de bronze puro. A natureza se encarregou de abrir largos orifícios, que são as janelas e as clarabóias do templo. À esquerda de quem entra na gruta está a "cova da serpente". Conta a lenda que há muitos anos viveu naquele buraco uma enorme serpente alada, espécie de monstro pre-histórico. Uma oração rezada pelosromeiros em frente à gruta faria o monstro perder uma pena. Tantas foram as orações que a víbora ficou depenada e de desgosto morreu. Mais adiante, do mesmo lado, fica a "Cova do Monge", onde foi sepultado o padre Francisco da Soledade, fundador da romaria. Outros caprichos naturais, como a "água que sobe", trazem ao tabaréu um misticismo maior. A "água que sobe" é um filete que parece escoar para cima em determinado trecho da pedra, fronteira à cova do monge, contrariando, aparentemente, a lei da gravidade. O fio d'água surge em baixo, desaparece em parte, e torna a surgir mais acima. Sob, em vez de descer. O "mistério" nada mais é que um exemplo da lei dos vasos comunicantes. Nem todos que assistem ao fenômeno conhecem as leis da física, e esta "anormalidade" tem sido comentada, não poucas vezes, como um verdadeiro milagre!

O PINTOR QUE SE FEZ MONGE

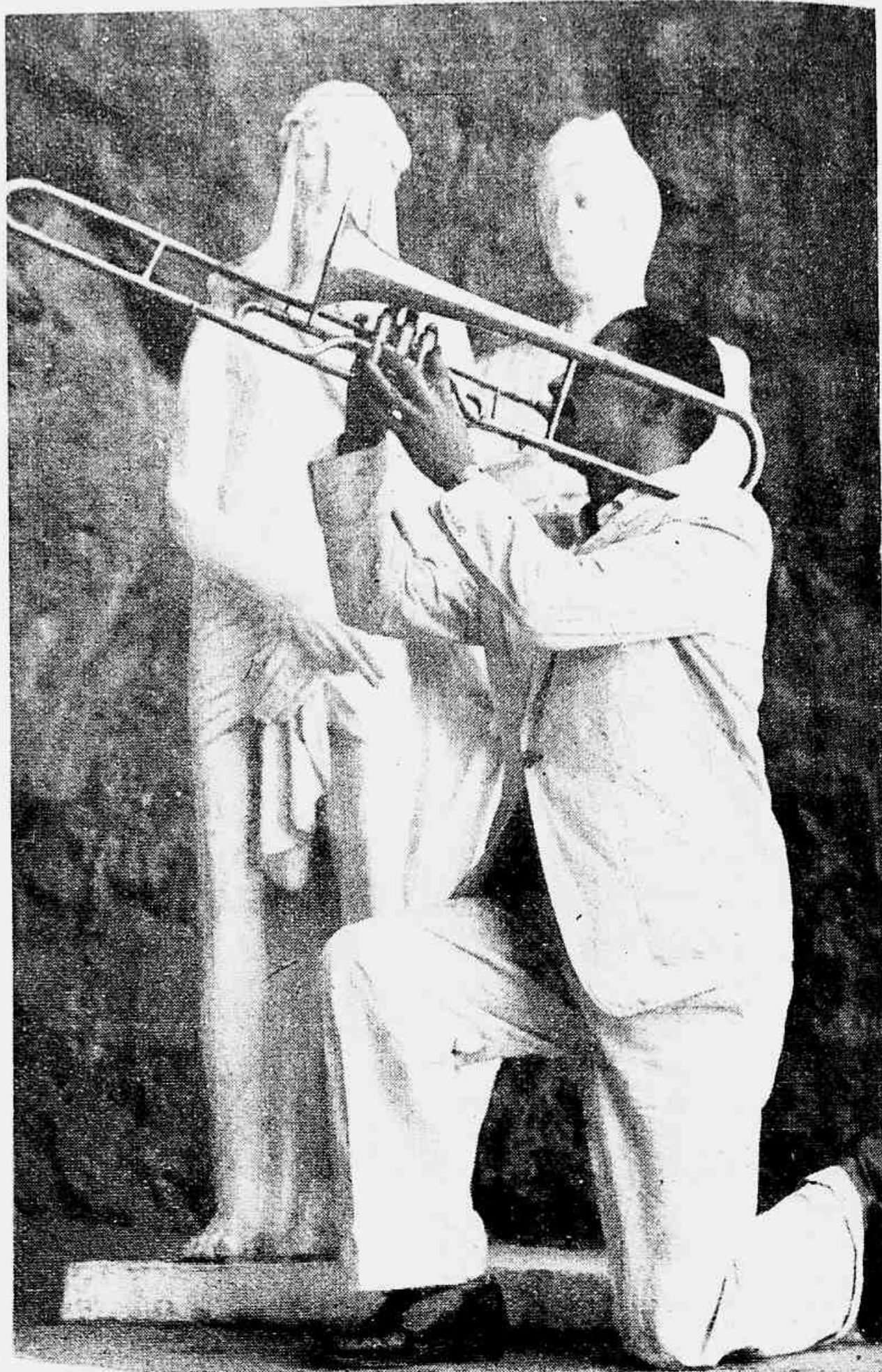
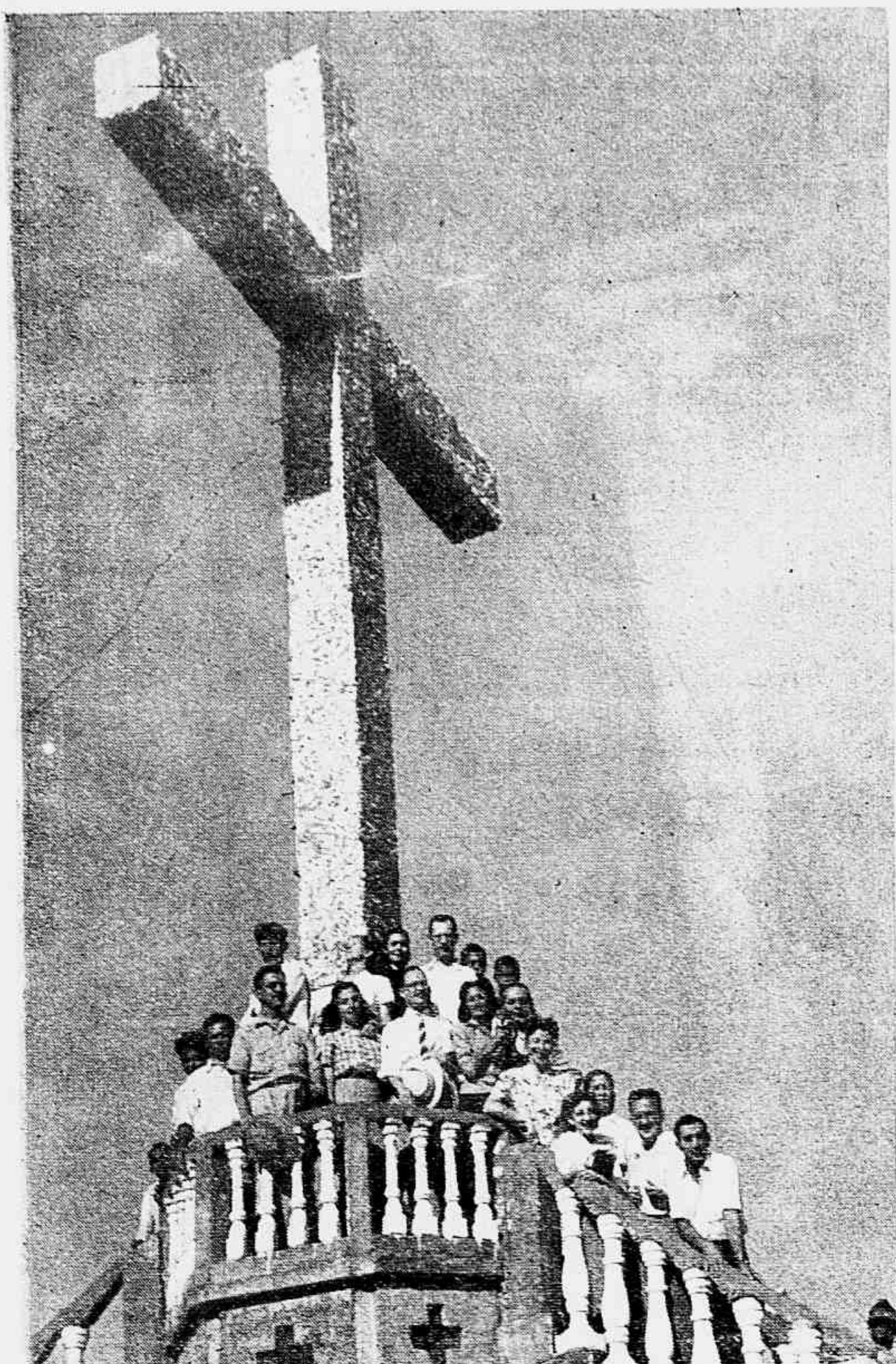
Reuemos um pouco no tempo para historiar a fundação da romaria. Seu autor foi, como já dissemos, o padre



Em cima, à esquerda: o fantástico sino de pedra. Um bloco inteiramente de granito, colocado pela natureza perto do altar do Bom Jesus, que emite sons metálicos, tal qual um sino de bronze. À direita: o altar de Bom Jesus da Lapa, construído sob a abóbada granítica



Uma cena bíblica transportada para o sertão baiano. Vêem-se na foto os aguaceiros com os seus jumentinhos, apanhando no rio São Francisco a água que venderão na cidade. Nos dias de festa cada carregamento custa cinco vezes mais que nos dias comuns



Em cima, à esquerda: O Cruzeiro de Bom Jesus, construído no cimo da montanha. A subida ao Cruzeiro concede aos devotos uma indulgência de sete anos, desde que rezem contritos um Padre Nosso aos pés dessa cruz. Na foto aparece parte da delegação de médicos e enfermeiros que esteve curando os romeiros durante a romaria. À direita: O músico Jackson Porto, de Mundo Novo, Bahia, paga a sua promessa: a execução de uma valsa dedicada ao Bom Jesus, aos pés da imagem. Como não conseguisse tocar dentro da igreja, ajoelhou-se aos pés de um dos "passos" da via Sacra, construído na parte externa da gruta



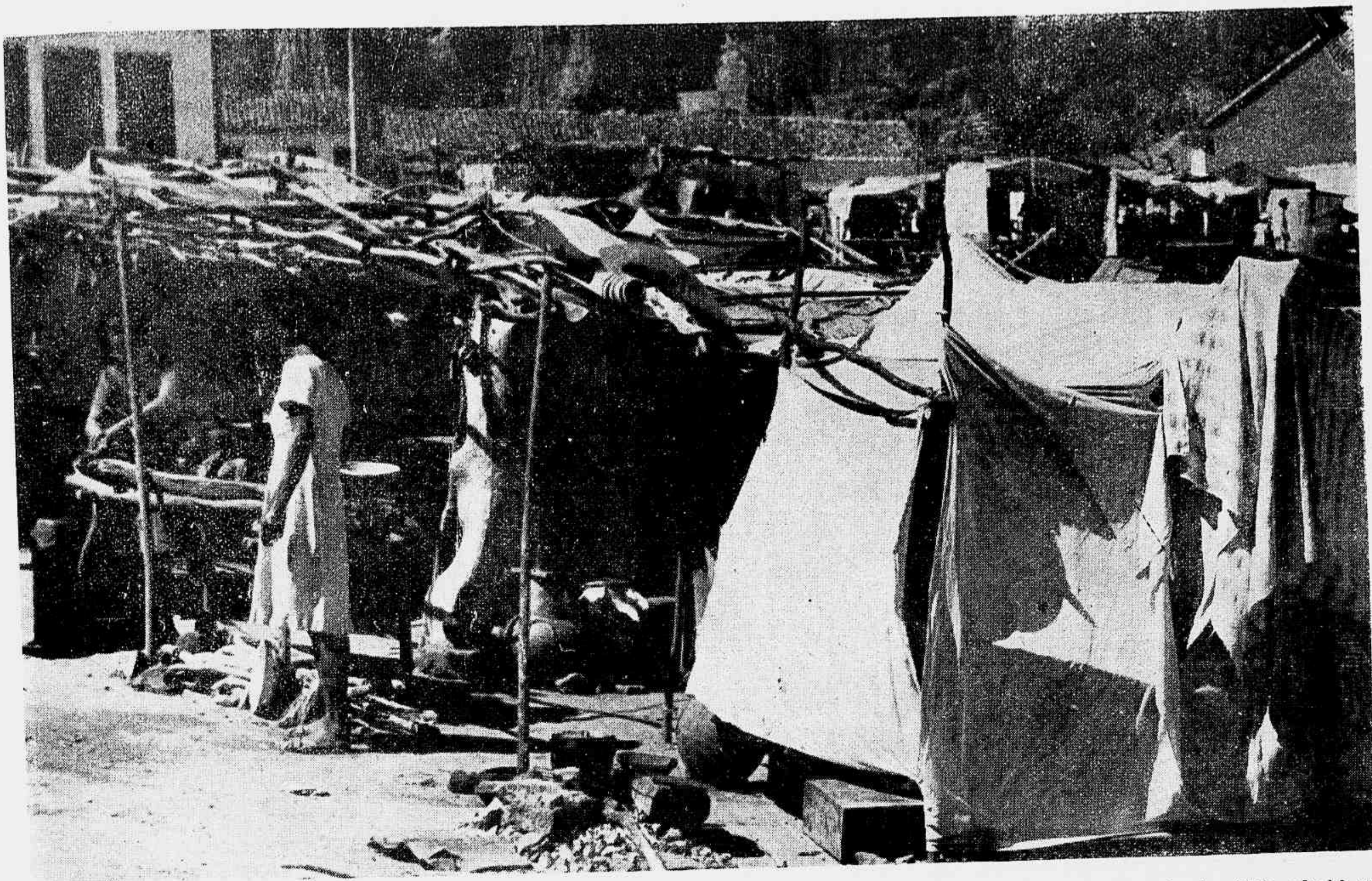
O casamento no sertão. O noivo, a noiva, os padrinhos e os convidados vão e voltam a pé, da casa à igreja. À saída do templo posam para os fotógrafos ambulantes, para o primeiro e talvez último retrato de sua vida. A lua-de-mel vivida mais tarde, como se explica no texto desta reportagem.

ÊSTE ROMEIRO veio de caminhão, de Rio Novo, pagar uma promessa. Voltará a pé, em uma viagem de quinze dias, porque todo o seu dinheiro acabou





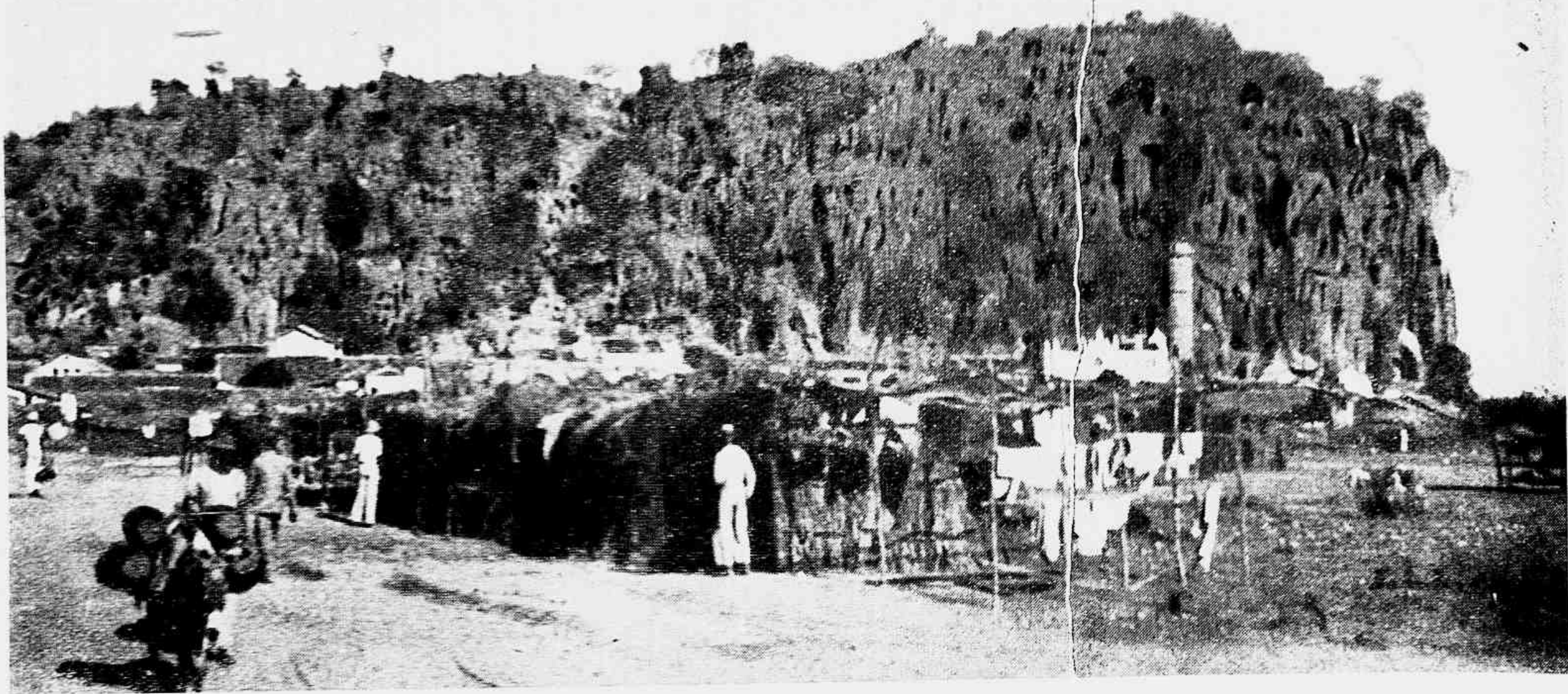
A RAINHA DA ROMARIA. Dona Maria de Lourdes Guimarães Azevedo, a mais linda romeira, foi de Bebedouro, Estado de São Paulo, a Bom Jesus da Lapa, agradecer um milagre por ela alcançado



Em cima: um detalhe de uma das favelas construídas dentro da cidade pelos romeiros. Como ficam superlotados os poucos hotéis e pensões da cidade, não há outro recurso senão construir o próprio barraco, aproveitando galhos secos e pedaços de pa no. Centenas de barracos surgem da noite para o dia, alguns servindo apenas para a dormida, outros, transformados em botequins, vendendo bolos, doces, refrescos e café, tudo preparado ali mesmo, ao ar livre



A esquerda: um detalhe das barraquinhas de quinquilharias. Os barraqueiros exploram sem piedade os devotos, vendendo-lhes rosários, imagens, pentes, pomadas e outros artigos, por vinte vezes mais do que custam no Rio, Salvador ou Belo Horizonte. A direita: uma parte da Igreja, construída próxima à gruta do Santuário. Ao lado, vêm-se mendigos separados da rua por uma corda: é o "curral dos pobres", local onde eles ficam reunidos para implorar a caridade pública. Apesar disso, milhares deles perambulam pela cidade



Uma vista da montanha de pedra que abriga o Santuário. Na extremidade, à direita, em baixo, abre-se uma caverna que dá acesso à vastíssima gruta, transformada em templo católico pelo monge Francisco Soledade, há mais de duzentos anos. Aos pés da rocha vegeta a cidadezinha, dependente quase que exclusivamente do prestígio milagroso do Bom Jesus da Lapa.

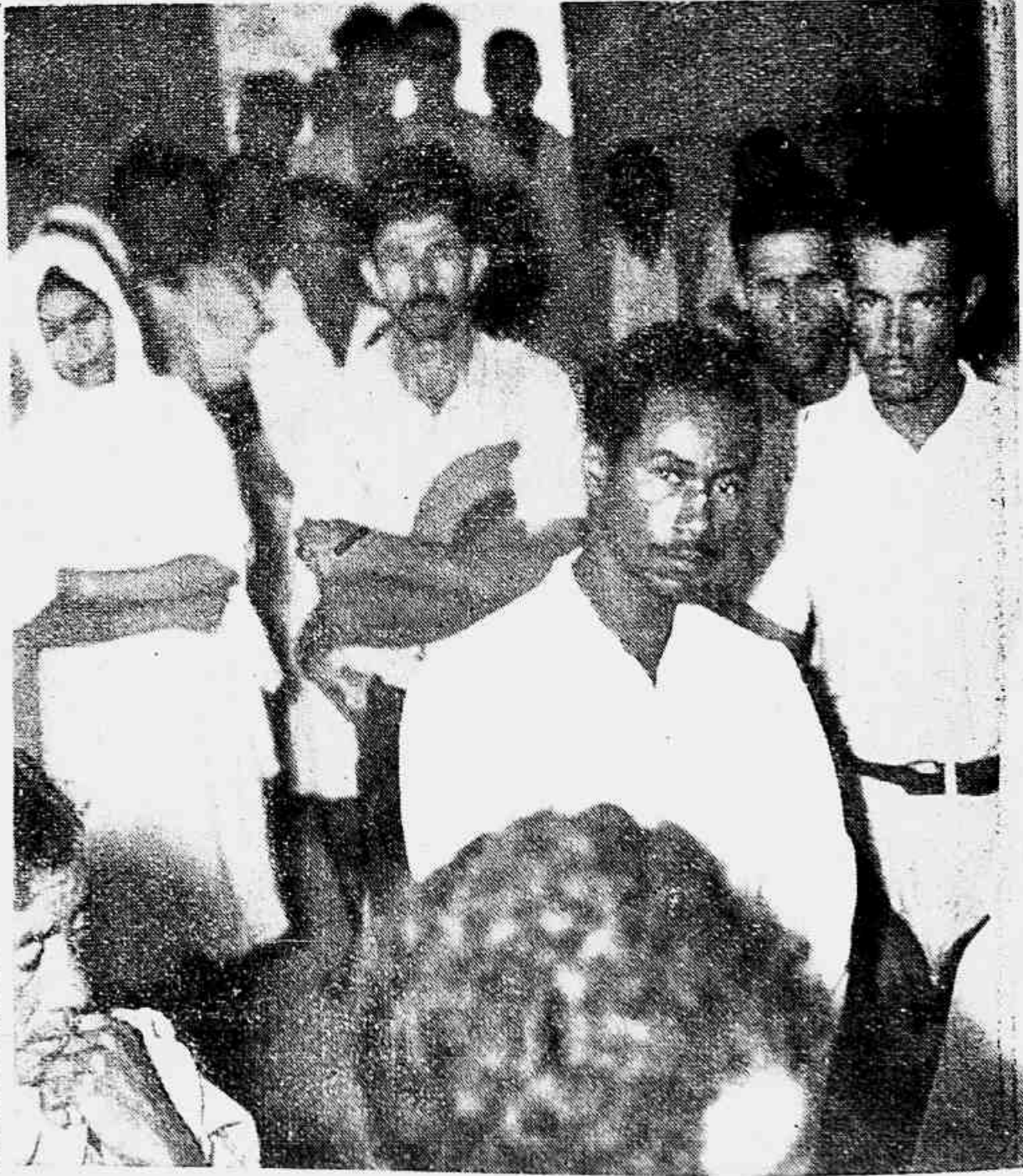
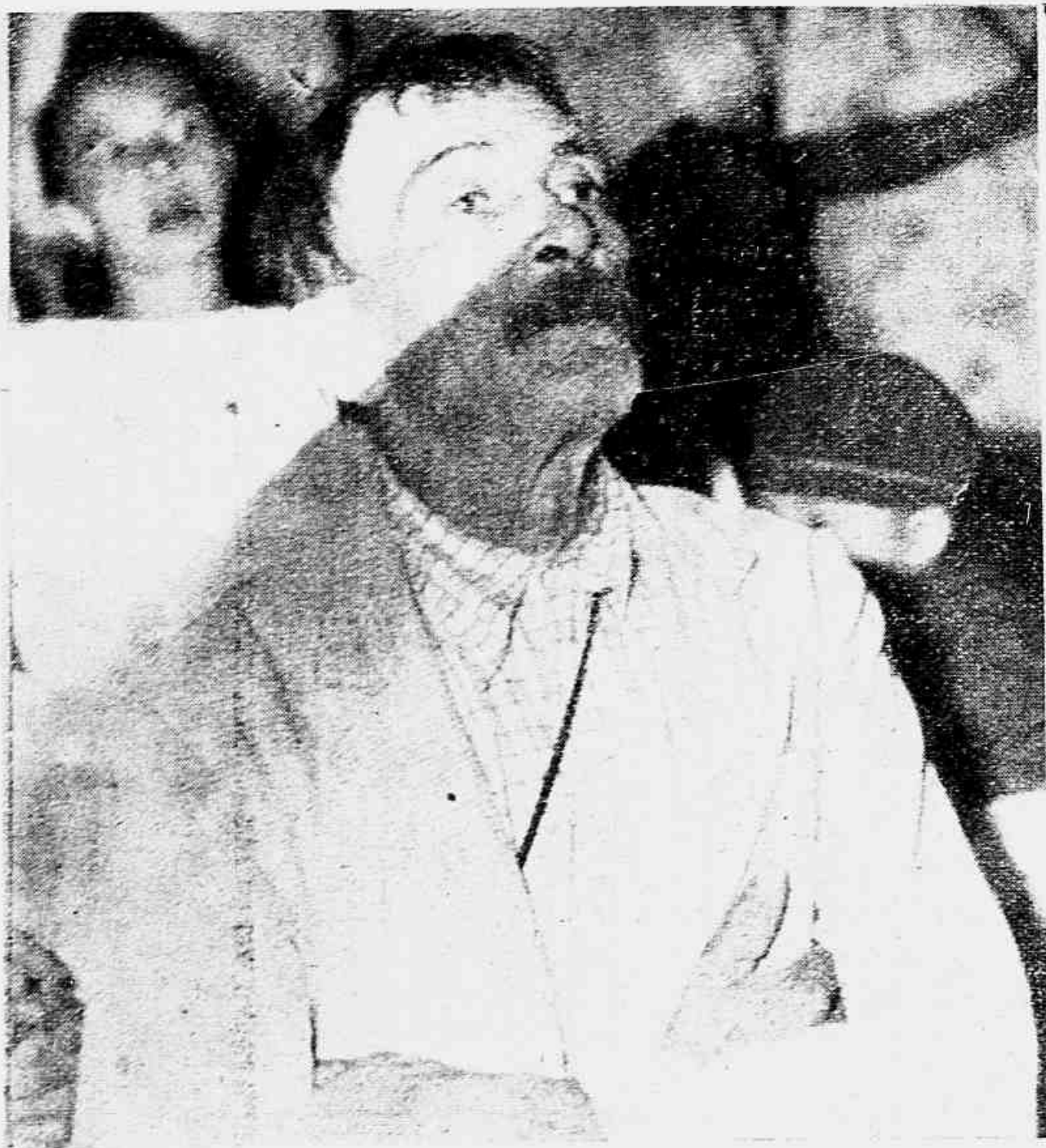
Francisco da Soledade, sagrado sacerdote na Bahia no ano de 1817 pelo arcebispo D. Sebastião Monteiro de Vidua. A romaria impressionante de hoje é devida, em parte, a algumas chibatadas que o padre Francisco levou, impetadamente, quando ainda não era padre nem missionário. O caso, resumido, pode ser contado assim: Francisco de Mendonça Mar partiu jovem ainda, de Lisboa, sua terra natal presumida, para ganhar dinheiro no Brasil. Era ourives de profissão e veio trabalhar na Bahia. Quando os pedidos de jóias escassearam, ele pensou e acumulou o ofício de pintor. Por volta de 1835, foi chamado para pintar e "roligar" o palácio do governador geral (Rellizar), ao que parece, era decorar as paredes com papéis pintados, que se compravam em rolos. Francisco terminou o trabalho e pediu o pagamento. Nesse ínterim, o governador morreu e substituiu-se imediatamente o seu secretário, homem ambicioso e egoísta. Como reclamasse a arte e pagamento que não tinha, o secretário resolveu economizar para os cofres públicos, metendo na cadeia o pintor e mais dois escravos seus, que tinham

servido de ajudantes na obra. Cada vez que no calabouço o pobre pintor reclamava os cobres, recebia duros golpes como pagamento. Com essa injustiça dos homens, Francisco de Mendonça Mar revoltou-se amargamente e, ao que falam os seus biógrafos, resolveu desligar-se da sociedade. Desprezou os homens miseráveis, voltando-se para Deus. Saído da prisão, internou-se pelo sertão santofranciscano, nada levando de seu, a não ser um crucifixo de três palmos de comprimento. Tinha o pintor, a esse tempo, trinta anos de idade. Caminhou rio acima umas duzentas léguas, ora por via fluvial, ora enfrentando as feras e os índios do interior. Depois de vários meses de caminhada encontrou no meio do sertão, próximo ao rio São Francisco, aquela gruta isolada no planalto seco. Parou ali, talvez, uma catedral à espera de um sacerdote. Dizem que a lapa, hoje servindo de santuário, era moradia de onças ferozes. O monge, empunhando a cruz de Cristo, teria dali expulsado todas elas. Pelo menos, é o que reza a tradição local.

NASCEU A CATEDRAL DO SERTÃO

Passando a residir naquela imensa fuma, Francisco Mendonça Mar adotou hábitos de eremita e fez da caverna uma espécie de pouso para os viajantes. Enquanto ali descansavam, o monge lhes inculcava no espírito a palavra de Cristo. Nessa época, em 1700, descobriram-se novas e ricas minas auríferas na capitania de Minas Gerais. E a lapa ficou como parada obrigatória dos garimpeiros. Pernoitaram ali os bandeirantes Matias Cardoso, Domingos Jorge Velho, Bartolomeu Bueno Filho e outros. A notícia de que um eremita pregava naqueles cafundós a religião de Cristo, chegou aos ouvidos do arcebispo da Bahia. Este chamou-o ao arcebispado e, após alguns anos de preparação, ordenou-o sacerdote, nomeando-o o primeiro capelão do Santuário de Voto do Senhor Bom Jesus da Lapa e de Nossa Senhora. Estava, oficialmente, consagrada a devoção.

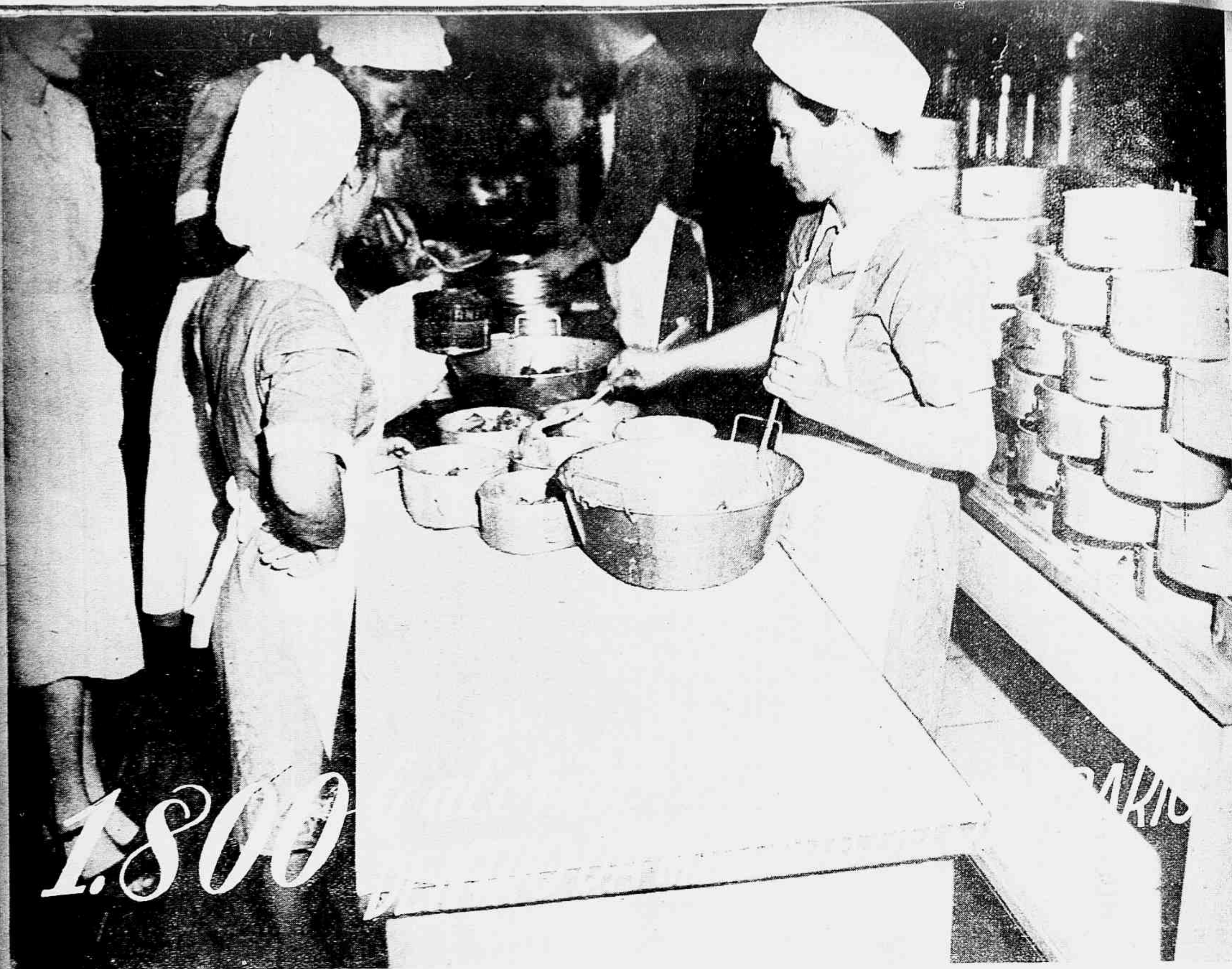
(Cont. na pag. 56)



A direita: um sertanejo surpreendido quando assistia à santa missa. Observem a expressão de fé estampada no seu semblante. A direita: parte das centenas de romeiros que procuravam diariamente o "Abrigo dos Pobres", onde se instalou o hospital e clínica da Divisão de Organização Sanitária do Ministério da Educação. Muitos procuraram a Lapa este ano, vindos de longe, para se curarem dos males físicos. A instalação deste hospital de campanha tem sido de grande utilidade para o sertão baiano, tão esquecido dos governos estadual e federal.



NO INTERIOR da gruta, uma devota acende uma vela pela graça recebida do Bom Jesus. Dia e noite ardem aqui centenas de cirios, cada um indicando um pedido satisfeito



Na cozinha do SESI as operárias aprendem arte culinária, regimes dietéticos e economia doméstica

AS COZINHAS DO SESI NOS BAIRROS INDUSTRIAIS DE S. PAULO, E COMO SERVEM ÀS FÁBRICAS E ÀS FAMÍLIAS DE TRABALHADORES — ALMOÇO GOSTOSO E RICO A 4 CRUZEIROS E MEIO — CURSOS ELEMENTARES DE CULINÁRIA E OUTRAS INICIATIVAS EDUCACIONAIS

QUANDO o leitor passa junto a uma fábrica, na hora do almoço, e vê um grupo de operários comendo em suas marmitas, é sem dúvida faz uma pergunta, que afinal é triste: como se alimentam esses homens? A pergunta é triste porque acontece que o leitor ganha mais do que um operário, faz menos esforço físico do que ele — e entretanto sabe que os alimentos estão caros e, às vezes, difíceis.

E a má alimentação do operário não afeta apenas a ele. Afeta o industrial, que não pode obter um trabalho eficiente de um homem mal alimentado. Encarece, assim, o custo da produção, porque aumenta o número de horas de serviço necessárias para uma determinada tarefa. Deste modo, aquele operário que come mal porque a vida está cara — é, ele mesmo, um dos fatores do encarecimento da vida.

É fácil fazer demagogia sobre o esfoameamento do povo e ganhar, com isso, as simpatias dos "marmiteiros" para este ou aquele partido, esta ou aquela ideologia. Mas enfrentar o problema na realidade é um pouco mais difícil. Alguns industriais já o têm enfrentado por conta própria. Há um organismo oficial, o SAPS, que tem feito muita coisa louvável nesse sentido, com seus restaurantes. A verdade, porém, é que a grande massa operária do Brasil continua a comer pouco — e mal. Nesta reportagem vamos contar o que tem feito o Serviço Social da Indústria (SESI) no maior centro industrial da América do Sul, a cidade de S. Paulo. Neste terreno, como em muitos outros, os trabalhos do SESI estão apenas em início. Mas em pouco tempo já se fez alguma coisa, e esta alguma coisa está dando certo e servirá de ponto de partida para se fazer mais e melhor. Isto é o que importa.

VAMOS A MOOCA

Convidamos o leitor a visitar a Mooca, bairro de muitas chaminés, onde uma grande população operária de todas as raças — desde negros até lituanos — trabalha e vive.

Vamos, por coincidência, chegar em um dia de pouca sorte em uma fábrica qualquer. Operários e operárias estão aborrecidos. Soou a hora do almoço, e a "bóia" não veio. Os chefes telefonam e afinal explicam a situação: houve um acidente ou um "engulço" qualquer na cozinha do SESI (os operários, ninguém sabe por que, costumam dizer da SESI no feminino) e o

almoço não virá mesmo. Mas a fábrica toma providências: cada operário recebe uma nota de cinco cruzeiros para comprar alguma coisa.

Quando os homens voltam para o "batente", o humor deles é ainda pior. Com aqueles 5 cruzeiros não puderam comer quase nada nos "butecos" vizinhos. A comida do SESI lhes fica, entretanto, por 4 cruzeiros e 50 centavos.

A marmita não contém caviar nem faisão, mas uma honesta e sólida comida nacional: arroz, feijão, carne, verdura, fruta e pão. O repórter comeu-a, e com muito gosto. Declarou, depois, a uma senhora nutricionista que se sentia satisfeito, exatamente como se tivesse comido em casa, em um dia normal. A nutricionista respondeu sorrindo que na verdade ele se alimentara melhor do que em casa. E explicou: aquele gostoso feijão era enriquecido com farinha de soja e azeite de dendê. Não se sente a diferença do gosto, mas estão reforçadas as proteínas e há uma boa dose de vitamina A. Se o repórter comer habitualmente o conteúdo daquela marmita ele terá de fazer ginástica pelo rádio ou castigar o corpo de algum outro modo: se não o fizer engordará de mais com as 1.800 calorias fornecidas.

As nutricionistas do SESI, formadas pela Faculdade de Higiene da Universidade de S. Paulo, dão ao operário não apenas o que ele "deve", cientificamente, comer, mas também o que ele "quer", o que ele "gosta" de comer. As várias rações são feitas em obediência a esse critério, e a comida é gostosa de verdade, não tem nenhum sabor "científico".

UMA COZINHA LIMPA E FRESCA

Mas vamos à rua da Mooca nº 3635, onde se instalou a Cozinha Distrital número 1 do SESI. Andemos entre essas máquinas de lavar os vasilhames e entre essas enormes panelas que são produtos da indústria gaúcha. A fumaça e o calor são absorvidos por grandes exaustores; tudo aqui é limpo e fresco.

Quinze fábricas da Mooca e vizinhanças mandam buscar aqui diariamente o almoço para seus operários. Muitos operários ou gente da família de operários da indústria vêm buscar sua marmita individual — que é fornecida a 5 cruzeiros no caso de refeição avulsa e a 4,50 para os assinantes. Há, portanto, marmitas grandes e pequenas — num total diário de cerca de 1.500 almoços, a que precisamos acrescentar, em média, uns 700 jantares.

Além dessa cozinha, o SESI já possui duas outras, ainda mais amplas, na capital paulista: uma, no Ipiranga, com capacidade para 2.500 almoços,

e outra, recentemente inaugurada, no bairro do Belém, com a mesma capacidade. Isso foi feito em pouco mais de dois anos de um Serviço que tem mil e uma iniciativas de natureza a mais diversa.

A cozinha do Ipiranga tem uma grande utilidade suplementar: fornece refeições para o Hospital que o SIESI mantém ao lado.

CURSOS DE ARTE CULINÁRIA

Mas o SIESI não descura nunca de seu papel educativo. Não é apenas a carestia da vida que faz má a alimentação do operário: é, muitas vezes, também a ignorância. Dai a idéia de fazer funcionar, junto a essas cozinhas distritais, cursos elementares de economia doméstica e arte culinária.

Aberto o primeiro desses cursos, a concorrência foi animadora. Deixando as fábricas, as mulheres operárias estavam às 5 e meia da tarde na cozinha do SIESI. A primeira turma formada, e que recebeu seus diplomas em uma festinha muito alegre em abril deste ano, foi de 28 operárias. Essas trabalhadoras aprenderam muitas coisas úteis, noções de higiene, de alimentação, de economia doméstica, ou às vezes pequeninas coisas como o melhor jeito de tirar manchas de tecidos. E aprenderam, não somente ouvindo, mas fazendo, a fazer os pratos mais queridos em casa. Conhecendo pelo arroz simples, até o arroz de ferro, o bife à milanesa, almôndegas, carne ensopada, frango assado com farofa, macarronada, sopas, malmeço, rocamboles, biscoitos, bolos enfeitados, qualquer prato que elas tivessem vontade de aprender a preparar.

As professoras notaram, com satisfação, a absoluta assiduidade de suas alunas — e viram que depois de acabado o primeiro curso o número de candidatas ao segundo era bem maior.

Os cursos continuam a ser dados em duas turmas de 20 operárias, 4 vezes por semana. O programa de educação alimentar não fica, entretanto, em tais cursos. As nutricionistas e auxiliares de alimentação visitam continuamente as fábricas que fornecem alimentação aos seus trabalhadores, os restaurantes para operários e as residências. Recebidas sempre com simpatia, vão ensinando, através de conselhos práticos e do exemplo, noções de economia doméstica, de arte culinária e de alimentação infantil.

Mediante prescrições médicas, foram elaboradas pelas nutricionistas, no ano passado, 47 regimes dietéticos para o tratamento de moléstias da nutrição. A fim de que as executantes desses regimes — geralmente donas de casa de famílias operárias — sejam orientadas na maneira de prepará-los, elas são convidadas a visitar a Cozinha do SIESI e ali assistem a demonstrações práticas e recebem conselhos sobre alimentos equivalentes e substitutos.

A excelência das instalações e dos serviços das cozinhas já é bem conhecida. Assim, no ano passado, uma turma de alunas do Curso de Nutricionistas da Faculdade de Higiene e Saúde Pública fez um estágio em uma delas. Orientadas pelas nutricionistas do SIESI, observaram e executaram os trabalhos internos e, acompanhadas pelas mesmas, fizeram o serviço externo, isto é, de visitas a fábricas e domicílios.

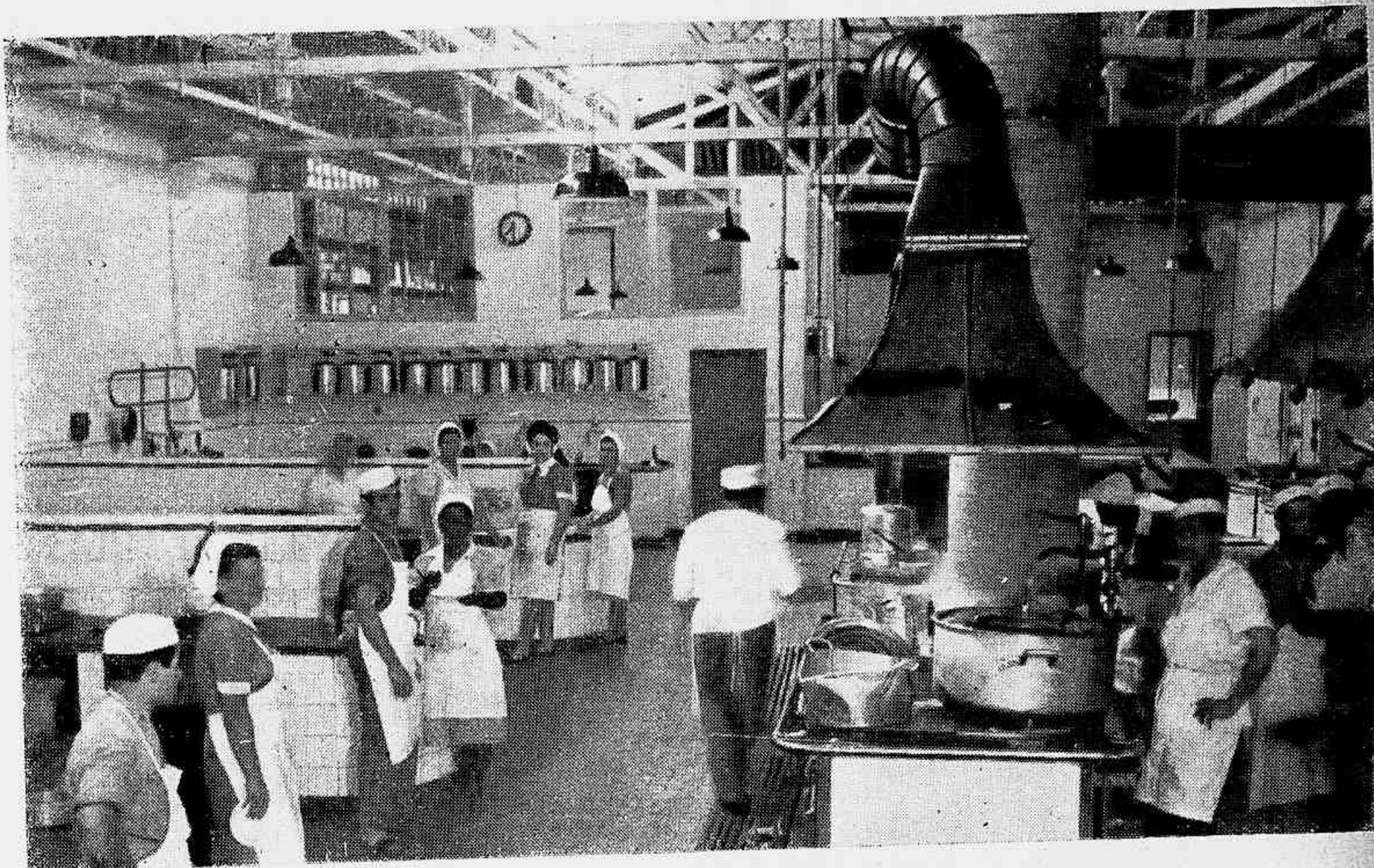
Fora mesmo do campo operário, as cozinhas do SIESI já têm sido úteis em sua missão educativa: a Polícia do Estado teve sua cooperação para o melhor preparo de seus cozinheiros — isso com grande alegria e proveito dos soldados daquela corporação.

Alimentando e ensinando, as cozinhas distritais desempenham, assim, um papel notável no melhoramento prático das condições de vida do operário. E fazem isso sem praticar a caridade — coisa estranha às finalidades do SIESI — mas cooperando efetivamente com o trabalhador e sua família, baseando sua simpatia e sua compreensão.

Em aspecto da cozinha do SIESI, na Mooca, em São Paulo. No primeiro plano vê-se, de um lado, um operário acionando a máquina de lavar marmitas e do outro lado, sobre o banco, as grandes marmitas térmicas em que o almoço é enviado às fábricas.



Para as fábricas o almoço vai em grandes marmittas térmicas, mas a cozinha do SIESI o distribui também em marmittas individuais.



Aspecto interno de uma cozinha do SIESI para os operários da indústria.





A posse de um novo "imortal"

RECEBIDO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS O SUCESSOR DE AFRÂNIO PEIXOTO — O SR. AFONSO PENA JÚNIOR FOI SAUDADO PELO SR. TRISTÃO DE ATAÍDE

A noite de sábado, 14 do corrente, foi uma das mais belas da Academia Brasileira de Letras. Porque assinalou a posse do novo acadêmico, sr. Afonso Pena Júnior, eleito para a cadeira de que Castro Alves é o patrono, e deu ensejo a que fossem proferidos excelentes discursos, — o do novo "imortal", fazendo o elogio de Afrânio Peixoto, seu antecessor imediato, e de Tristão de Ataíde, que fez o elogio do ilustre intelectual mineiro, figura de renome nas letras jurídicas como na crítica e investigação literária, em que conquistou posição de relevo com seu recente livro sobre "A Arte de Furtar" e seu autor". A posse do sr. Afonso Pena Júnior teve, ademais do brilho literário, um aspecto social altamente significativo. Escritores, homens públicos, figuras de grande expressão em nossa sociedade, estiveram presentes ao ato festivo, no qual estiveram representados o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, por um dos oficiais de sua Casa Militar, e o governador do Estado de Minas Gerais, sr. Milton Campos, pelo deputado federal Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho. A sessão foi presidida pelo acadêmico Adalmar Tavares, estando presentes os "imortais" Peregrino Júnior, Múcio Leão, Cláudio de Sousa, Olegário Mariano, Ataulfo de Paiva, Oswaldo Orico, Manuel Bandeira, Miguel O'ório de Almeida, Rodrigo Octavio Filho, Luís Edmundo, Gustavo Barroso, Clementino Fraga e Aloysio de Castro. Uma das notas mais singulares da noite literária de 14 do corrente, na Casa de Machado de Assis, foi, sem dúvida, o fato de terem os oradores da sessão solene de recepção, srs. Afonso Pena Júnior e Tristão de Ataíde, terem citado vários poetas modernistas, em suas orações. Entre eles, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, e Guilherme de Figueiredo, — o que revela intuições conciliadoras entre as correntes conservadoras da nossa literatura e os valores novos, sem preconceitos de escola ou de forma.

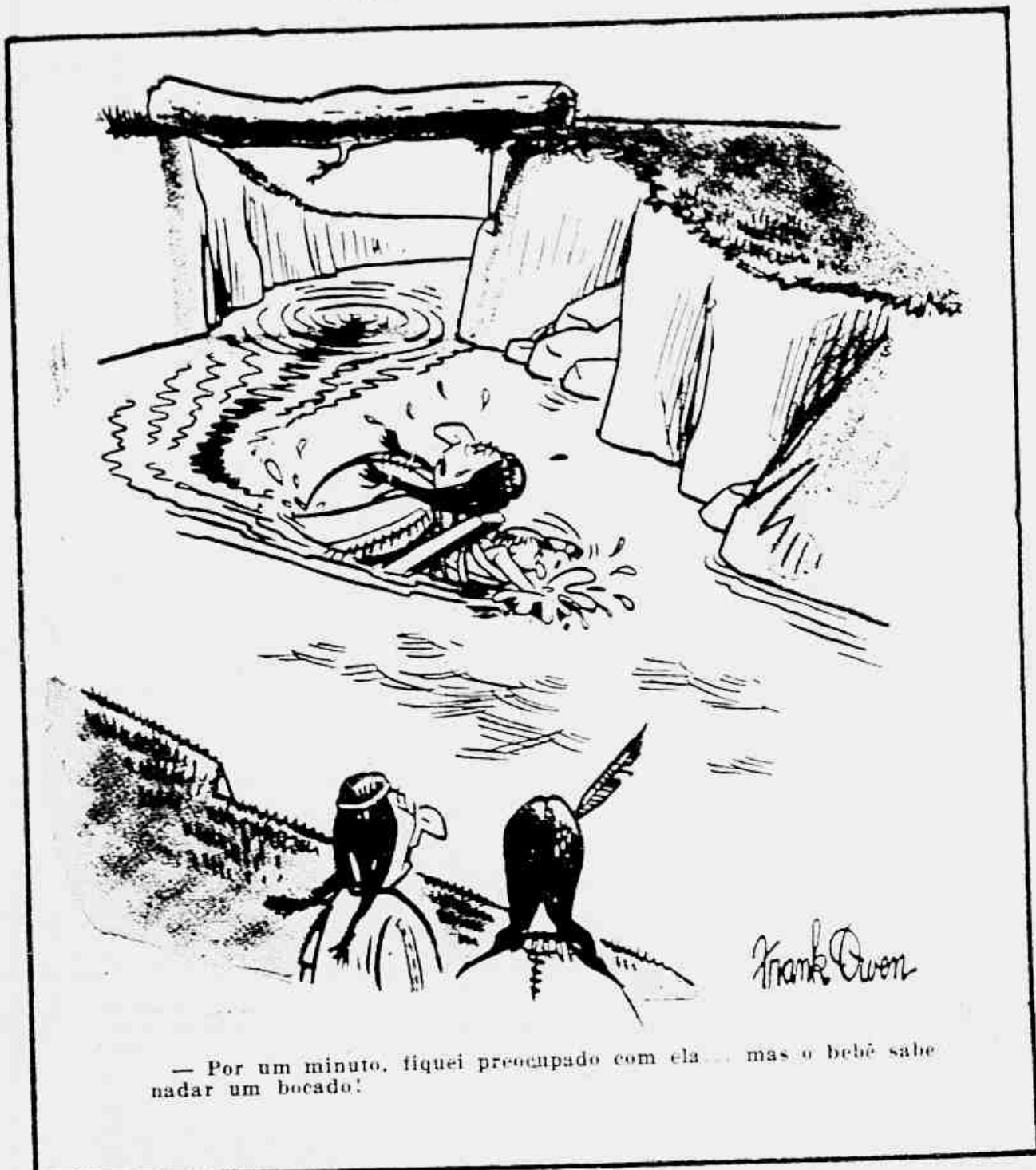
Em cima: o mais novo dos acadêmicos, sr. Afonso Pena Júnior, ao lado de um dos veteranos da Casa de Machado de Assis, ministro Ataulfo de Paiva. Em baixo, o sucessor de Afrânio Peixoto na cadeira n.º 5, de que Castro Alves é o patrono, posando para a nossa objetiva, entre os seus pares



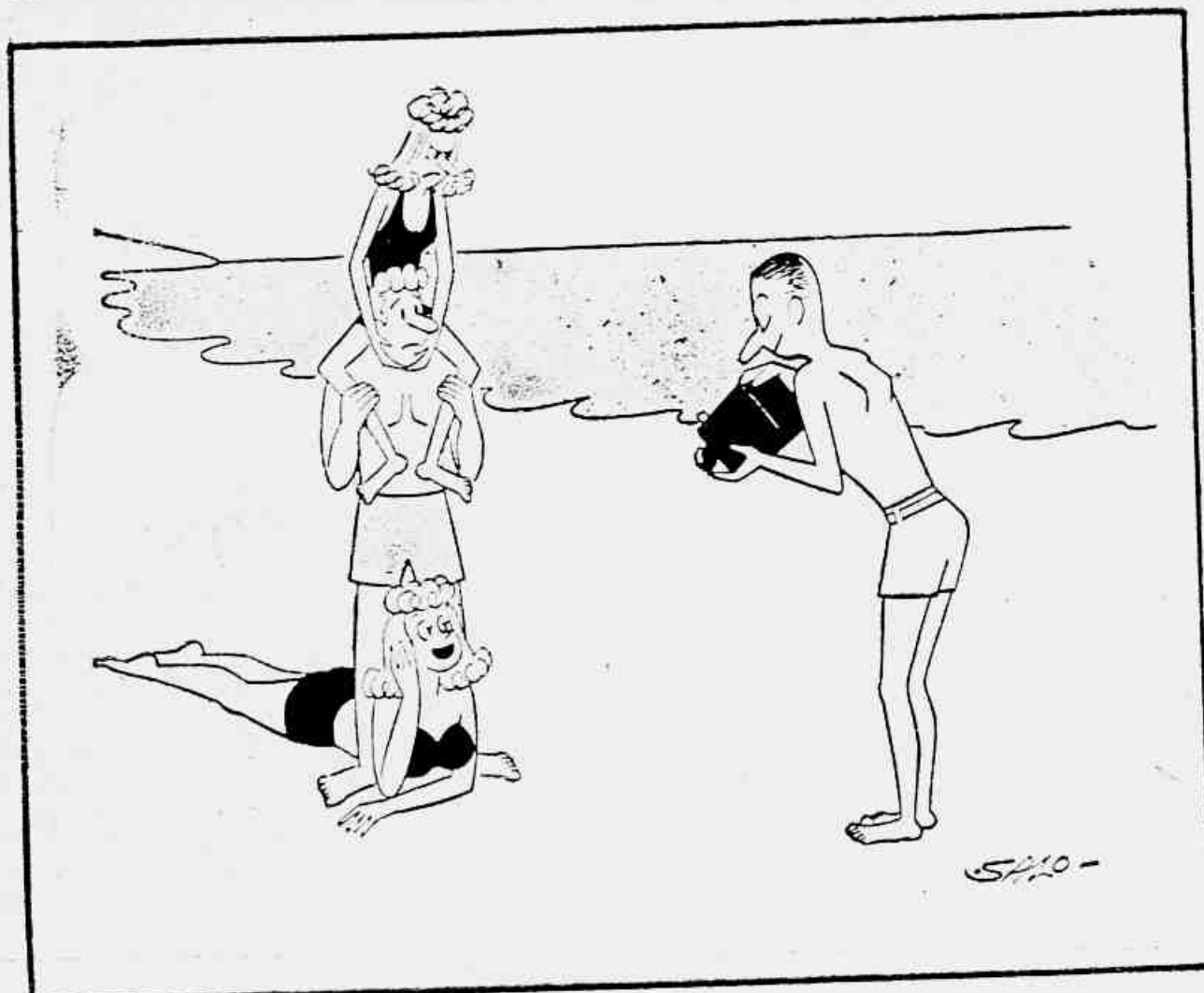


Em cima: o sr. Afonso Pena Júnior, o novo membro da Academia Brasileira de Letras quando fazia o elogio de Afrânio Peixoto, seu antecessor imediato na cadeira n.º 5; ao lado — três aspectos da assistência que enche os salões do Petit Trianon (no segundo aparece no primeiro plano, a esposa do novo acadêmico, sra. Afonso Pena Júnior; no terceiro, Viriato Corrêa, Oswaldo Orico, Clementino Fraga, Ataúlfo de Paiva e Olegário Mariano, de Ataíde, fazendo a saudação da Academia a "novo imortal"





BOM HUMOR



Lá fora, uma nuvem plúmbea carregada de chuva; dentro do laboratório, um calor abafado e a luz amarela das lâmpadas de gás, com os seus *abat-jours* verdes, os quais se achavam dispostos em todo o comprimento, duas em cada mesa. Também sobre cada mesa havia bocais contendo os restos golpeados dos camarões, dos mariscos, das rãs, dos porcos da Índia; e, ao longo da parede, em frente das janelas, viam-se estantes suportando preparados conservados em álcool: por cima, uma fileira de pranchas anatômicas, maravilhosamente executadas, em caixilhos de madeira branca, pendia sobre uma série de pequenos armários quadrados. Todas as portas do laboratório estavam guarnecidas de quadros pretos sobre os quais se viam linhas meio apagadas representando os esquemas da véspera.

Ninguém estava no laboratório, a não ser o chefe dos trabalhos práticos, sentado, em silêncio, perto da porta do gabinete das coleções: não se ouvia nenhum outro ruído senão um zumbido fraco e contínuo e o tinfo do microtomo com o qual ele estava trabalhando. Mas, de todos os lados, numerosos estudantes haviam deixado os vestígios da sua passagem: sacos de mão, caixas de instrumentos; à direita, um grande desenho coberto com um jornal, à esquerda, um exemplar muito bem encadernado das *Novidades de parte alguma*, livro frívolo, entre parêntesis, e contrastando com o caráter do lugar. Tudo aquilo tinha sido abandonado às pressas, no momento em que os alunos, à chegada, se empenhavam em escolherem um assento à parte, na sala das conferências. Enfraquecidas pela porta fechada, as frases cadenciadas do professor assemelhavam-se a uma melodia monótona.

Súbito, amortecidas pelas janelas cerradas, ressoaram as pancadas do relógio do Oratório, dando onze horas. O tic-tac do microtomo interrompeu-se, o chefe dos trabalhos consultou o seu relógio, levantou-se, meteu as mãos nos bolsos e atravessou lentamente o laboratório na direção da sala das conferências. Durante um instante, ele se conservou de pé, atento. Foi então que se lhe deparou o pequeno volume de William Morris. Pegou nele, examinou o título, sorriu, abriu o livro, notou o nome do proprietário na primeira página, folheou algumas páginas e por fim abandonou o volume.

Quase ao mesmo tempo, a voz monótona do professor calou-se na sala da aula; ouviu-se pousarem-se ao mesmo tempo todos os lápis sobre as carteiras, um rumor de pés que se moviam contra o solo, depois, um grande número de vozes falando todas simultaneamente. Então aproximou-se da porta um passo pesado, ela principiou a abrir-se e ficou entre-aberta, como se uma pergunta mal entendida tivesse refido o recém-chegado.

O chefe dos trabalhos voltou-se, deu lentamente alguns passos para trás para passar perto do microtomo, e saiu do laboratório pela porta do gabinete dos preparados. Nesse momento, um estudante, depois outros, trazendo os seus cadernos, entraram do anfiteatro no laboratório e dispersaram-se por entre as pequenas mesas, ou formaram um grupo perto da saída. Era uma assembléia excepcionalmente heterogênea. De fato, ao passo que Oxford e Cambridge recusam ainda diante da idéia impressionante das classes mistas, o colégio das ciências, há alguns anos, excedeu a própria América nesse ponto; de outro lado, todas as condições sociais também aí se encontram, por isso que o prestígio é grande e os seus concursos, livres de qualquer limite de idade, têm um campo de recrutamento mais vasto que as próprias universidades escocesas.

A classe contava vinte e um alunos, alguns dos quais se demoraram no anfiteatro a copiar as figuras, que haviam ficado no quadro preto, antes que elas fossem apagadas, a interrogar o professor, ou a examinar os exemplares que este havia levado para ilustrar a lição do dia. Dos novos estudantes que acabavam de entrar no laboratório, três eram moças; uma, leura e de óculos, vestindo um costume cinzento esverdeado, examinava o nevoeiro pela janela, enquanto as outras duas, ambas de aspecto saudável e de rosto vulgar, desenrolavam e vestiam o avental de linho cru que tinham trazido para quando se pusessem a dissecar.

Dois dos estudantes homens atravessaram o laboratório e sentaram-se nos seus lugares: o primeiro, um ex-alfaiate,

pálido, de barba negra; o segundo, um mancebo de vinte anos, de feições agradáveis, de boa aparência, trajando um terno castanho, elegante, era o jovem Wedderburn, filho de Wedderburn, especialista de moléstias de olhos. Os outros formavam um pequeno círculo ao redor da porta do anfiteatro. Um deles, corcunda, de aparência doentia, usando óculos, estava sentado em um banco de madeira curvada; outro, baixo, e trigueiro, e um jovem de cabelos louros, de tez avermelhada, estavam encostados, lado a lado, à pia de ardósia, ao passo que um quarto estudante, em pé diante deles, tomava a si a maior parte da conversação. Este chamava-se Hill. Era um rapaz de complexão robusta, da mesma idade que a de Wedderburn: era claro, tinha os olhos pardo escuro, os cabelos de uma cor indeterminada, traços irregulares muito acentuados. Falava muito alto e tinha as mãos metidas nos bolsos. Seu colarinho, muito gasto, tinha saído muito azul das

mãos de uma lavadeira pouco cuidadosa; quanto a sua roupa, não havia dúvida, tinha sido comprada feita, e ele tinha um buraco do lado do sapato, preto do dedo grande. Fosse que falasse aos companheiros, fosse que os escutasse, ele deitava constantemente os olhos para a porta do anfiteatro.

Estavam todos discutindo a peroração agramatical da lição que acabavam de ouvir, a qual era a última de um curso de introdução à zoologia. "E" num ovo que principia a série dos vertebrados superiores; é num ovo que ela termina. Nada mais sabemos a esse respeito" havia dito o mestre com a sua voz triste.

E assim, elegantemente, havia ele terminado o esboço de anatomia comparada que tinha desenvolvido.

O corcunda dos óculos repetia a frase acompanhando-a com uma apreciação ruidosa, e, com um ar de manifesta provocação, ele atirou-a sobre a cabeça do estudante louro; daí se originava uma des-

sas discussões, vagas e incoerentes, sobre generalidades, coisa tão cara, não se sabe porque, aos estudantes de todos os países.

— Nada mais sabemos a esse respeito, convenho, com os recursos atuais da ciência, disse o jovem louro, secundando o desafio. Mas há qualquer coisa acima da ciência.

— A ciência, respondeu Hill, com segurança, é o conhecimento sistemático. As idéias que não participam do sistema, devem, em todos os casos, ser umas idéias pouco sólidas.

Ele não pôde saber se aquilo era um pensamento sutil ou uma tolice, até que os seus interlocutores a tomassem a sério.

— Uma coisa que eu não posso compreender, disse o corcunda livremente, é se Hill é ou não materialista.

— Há qualquer coisa acima da matéria, respondeu logo Hill, percebendo que, des-

(Continua na pág. 53)





CONTO DE
ANTÔNIO DE OLIVEIRA

★

ILUSTRAÇÃO DE
ARMANDO PACHECO

★

ESPECIAL PARA
REVISTA DA SEMANA

O preto velho Raimundão, exímio contador de lórotas, vivia lá em casa desde não sei quando, exercendo o seu ofício de vaqueiro, e, vez por outra, dando uma demão nos arranjos da cozinha.

Raimundão dizia-se filho de uma ex-escrava. Aparentava cinquenta anos, porém ele próprio dizia que andava beirando os cem.

— Negro quando pinta tem três vezes trinta.

Bom, como chibé de farinha d'água com rapadura, não se negava a fazer qualquer mandado e tinha para com minha mãe uma obediência quase filial.

— Raimundão, mata o capado do chiqueiro, pois amanhã o patrão faz anos. E' preciso também tirar lenha para o forno.

Depois de bebericar a sua pinga habitual, o preto velho corria a amolar a faca para sangrar o leitão que, imenso de gordo, há muito comia, deitado, a ração de lavagem na gamela.

Não me recordei bem da sua fisionomia, porque já se passaram muitos anos. Lembro, apenas, que era um preto alto, desempenado, o coração roído de bexigas e os pés grandes, esparramados e cheios de rachaduras. Viviam sempre rescendendo a cachaça, mas respeitador e obediente como ninguém. Os olhos injetados pelo álcool e a cara amarrada, metia sempre medo à gente, à primeira vista, pois falava grosso que parecia uma trovada de mês de julho.

À noite, no pátio da fazenda, todos se reuniam para ouvir as suas histórias, ora sobre caçadas, ora sobre episódios da escravatura; ora tristes, ora alegres. O segredo da sua sedução estava em contá-las com graça; dava relêvo aos menores incidentes e remedava com perfeição as vozes dos animais e os ruídos da natureza.

— Raimundão, conta agora aquela do homem que virava bicho.

Então, o preto velho desenrolava uma verdadeira enfiada de narrativas deste gênero. De quatro pés, ganindo como cão escurraçado, ou zurrando como o nosso jumento caduco do capim-

Histórias do Raimundão

zal, reproduzia talqualmente a metamorfose do rei da criação na carcaça dum luar, que a credence manhosa dos sertanejos consagrara na lenda do lobisomem. Em matéria de assombrações, êle decerto ganharia qualquer concurso. Todos os fantasmas de estradas mortas lhe eram familiares, davam-lhe conselhos e pediam-lhe rezas fortes. Conhecia os caaporas todinhos da redondeza e prodigalizava-lhes fartos nacos de fumo melado de corda. Sabia em qual encruzilhada aparecia o fantasma da Joana Capadeira e conhecia o cruzeiro grande, onde, de quinta para sexta, fazia parada e dava demonstrações gratuitas de várias magia a alma errabunda do Pilão Deitado, famigerado autor de 14 mortes.

Havia até um duende camarada, espécie de trasgo mendicante, que vivia de favor na tapera da Forquilha, bebendo golpes da pinga de cabeça, que Raimundão conduzia num polvarinho preso ao cinto, para refrescar. Nessa potoca ninguém caía, mas faziam de conta que acreditavam, a fim de lhe estimular a pojada veia narrativa.

— Vocês ainda não viram nada! Dizia êle entusiasmado, rematando uma de suas costumadas historietas, em que havia macacos que falavam, guaribas que se ajoelhavam, chorando, com a cria nos braços, diante da lazarina apontada do caçador, assim como gibóias intrujonas, que vinham de noite amamentar fingidamente com a ponta da cauda as crianças de peito, enquanto sugavam calmamente todo o leite das mães adormecidas.

A tia Mulata, sentada na esteira, com o seu rosário de caroços de sabonete de soldado entre os dedos encarquilhados e cheios de tremuras, arrenegava, benzendo-se:

— Cruz, credo! Sai daí, Raimundão! Já chega de botar a perua para rodar...

— Escutem lá, prosseguia êle, sem se incomodar com os esconjuros da velha.

— Outro dia, eu brinquei a noite toda num terreiro de mina. E os parceiros eram todos defuntos conhecidos. Foi assim: eu estava deitado na rêde, numa espera, meio amadornado com a pinga-fogo cai não cai das mãos, assuntando o piso miúdo dum galheirinho que vinha em meu rumo, amiudando nas folhas secas, catando brotinhos de catingueira debulhados pelo chão. Quando me espantei, tinha alguém esobiando perto de mim, como me chamando. Nisso, a alma penada da tia Noêmia do Pão de Ouro me pegou pelas mãos e me levou por uma picada a dentro, até um terreiro de Changô, que estava assim de pretos, em plena mata. Tinha negro como formiga em volta de mel entornado, uns tocando atabaques e tambores, e outros dançando e bebendo tiquira, com o pai de santo no espinhaço. Tia Noêmia me ofereceu uma lambada boa para fechar o corpo. Êta, bichinha gostosa como seiscentos, que ainda hoje sinto me queimando os gorgomilos!

— Brinquei até o sol clarear. Quando um galo, distante, começou a amiudar, tudo sumiu-se de repente e eu dei por mim sentado num tóco de pau, com o clavinote encarapitado entre as pernas e um maracá de mina nesta mão.

— Cruz, credo, Raimundão! — cuspinhou longe a tia Mulata, arregalando os olhos avermelhados de sapiranga. — Cadê o maracá?

— Que maracá?

— Ora, potequeiro, o maracá

que trouxeste do terreiro da tia Noêmia!

E todos queriam ver o instrumento fantasmagórico, existente apenas na imaginação inventiva do narrador.

— Vocês não estão vendo — replicou-lhes o nosso Hoffmann sertanejo — que o maracá também desapareceu, pois era coisa do outro mundo?

— Qual nada! Isso é peta e da boa! Vai buscar o maracá, ou então eu não acredito nessa lenga-lenga.

E a tia Mulata, recolhendo a esteira de pindoba e o seu longo rosário, encaminhou-se para dentro da sua camarinha, murmurando um padre-nosso atropelado, para apaziguar no purgatório as almas do outro mundo.



NO TELEFONE



CONTO DE CHARLES FOLEY



ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO MOURA

Ao sair do clube dei alguns passos pelo "boulevard" com o senhor Maroux, homem de fisionomia simpática, embora marcada por uma soturna melancolia e, diante da agência telefônica, lhe disse:

— Já volto... Vou falar três minutos no telefone.

Ele estremeceu a esta última palavra e lhe vi a mão crisar-se no castão da bengala. Quando voltei para junto dele, pareceu-me ainda muito nervoso e, para lhe romper o mutismo inexplicável, comentei despreocupadamente:

— Que invenção maravilhosa esta do telefone e que serviços inestimáveis nos prestam diariamente os progressos da ciência!

— O senhor acha? — fez o senhor Maroux, num tom de ácido sarcasmo. — Ao contrário, me parece que a Ciência, longe de nos ajudar, sublinha irônica-mente nossa impotência humana e multiplica cruelmente nossos meios de sofrimento. Um exemplo, acontecido comigo, lhe fará apreender melhor meu pensamento e lhe explicará a dolorosa emoção

que ainda me faz vibrar, decorridos muitos anos... Eu estava passando as férias do outono, com Luisa, minha mulher, e Marcelo, meu filhinho, em minha propriedade de Morande, casa comprada recentemente e que ficava ao meio de terrenos baldios e de pequenos bosques, a três léguas de Marselha. Nanette, nossa velha criada, fazia a arrumação e a cozinha. Blaise, um criado dedicado, radiante por voltar para perto da cidade onde morava num pavilhão independente. Com a minha espingarda à bandoleira e meus dois cães no encalço, eu passeava o dia inteiro com minha mulher e o bebê naquela solidão deliciosa.

Para diminuir meu isolamento, eu tinha mandado fazer à minha custa uma linha telefônica que me ligava ao posto central de Marselha. Dêsse modo, cada noite, do meu quarto de dormir, eu me mantinha ao corrente dos negócios de minhas usinas em Paris.

Nessa bela tranquilidade foi perturbada por um aviso de meu procurador: uma "demarche" pessoal poderia fazer-nos

obter uma importante encomenda do governo. O tempo estava tão bonito e Marcelo passando tão bem que Luisa resolveu esperar-me em Morande.

Ora, na tarde da minha partida para Paris, a chuva caiu lúgubremente. Quando o carro de aluguel chegou diante do vestibulo, em face da imensidão negra das charnecas e dos bosques, tive um apêto de coração. Luisa tranquilizou-me:

— Ora! só ficarás ausente duas noites. Nanette dormirá perto do meu quarto; Blaise tem tua espingarda e, do pavilhão onde ele dorme, nos ouve chamar; os cães são uma guarda excelente... que poderia acontecer-nos?

A voz dela não me pareceu muito segura. E tive a ponto de desistir da viagem, porém minha mulher adivinhou meu pensamento:

— Não estás em idade de te desinteressares dos negócios. E' preciso que na sua maioridade nosso filho encontre as usinas em plena prosperidade. Podemos pelo telefone conversar a qualquer hora

do dia. Vai. Repito: com Blaise e Nanette, não tenho medo de nada.

Tive vergonha de minhas apreensões. Beijei Luisa e Marcelo e parti.

Passei, no trem uma noite em claro. Em Paris, saí do vagão e me precipitei para a cabine telefônica. Feita a ligação, ouvi, fanhosa e velada, muito doce, apesar de tudo, a voz de minha querida mulher:

— Alô! Passaste bem a noite, Luisinha? Não tiveste medo?

— Sim... um pouco. Principalmente Nanette. Só podemos dormir de manhãzinha porque... — não vás te alarmar por isto! — porque Nanette julgou ouvir passos no jardim. Os cães, que ficaram presos por esquecimento, ladraram tanto! Acabamos tendo que abrir a janela e chamar Blaise. Ele apanhou a espingarda, soltou os cães e fez uma volta da casa, sem notar nada de suspeito. O bebê, que não desconfiou de coisa alguma, a coisinha querida, acordou agora e está me chamando. Até logo. Se tiveres um momento livre, antes do jantar, torna a telefonar-me.

Meio tranquilizado, passei a ocupar-me ativamente do meu negócio e só fiquei livre para voltar ao telefone depois das oito horas. Tive de esperar muito tempo:

— Alô! Alô! Por que demoraste tanto, Luisinha? Que é que há?

— Uma coisa, esta tarde, que não tínhamos previsto. Já estando fechadas as persianas e enquanto Nanette preparava para Blaise uma cama no vestibulo, a fim de nos evitar os temores da noite passada, chegou um garoto da cidade trazendo uma carta para avisar a Blaise que a mãe dele, tendo adoecido de repente com muita gravidade, pedia que a fôsse ver a toda a pressa. Esse garoto desconhecido regressou às carreiras, sem nos dar mais nenhuma informação.

Blaise ficou transtornado, porque adora a mãe. Não queria deixar-nos sozinhas antes do dia amanhecer, mas seu olhar desolado mostrava muito bem quanto essa demora lhe custava. Eu pensei que, se aquela mulher morresse esta noite, eu privaria o pobre Blaise de beijá-la pela última vez. Venci os escrúpulos dele e o fiz resolver-se a partir. Ele me prometeu voltar esta noite mesmo e, para ganhar tempo, voltar de carro. Acabei agora mesmo de trancar os ferrolhos depois dele ter saído: foi por isso que te fiz esperar. Estás contente com os teus negócios?

— Sim, mas falemos de ti. Não devias ter deixado Blaise sair. Mesmo de carro, ele não estará de volta antes das dez ou onze horas. Minha única segurança era saber que ele estava perto de vocês. Agora eis que ele sai. E esse garoto que vai embora sem que vocês pensassem em saber com certeza se a notícia era verdadeira! Blaise, ao menos, deixou os cães e a espingarda?

— Os dois estão dormindo, na entrada. Quanto à espingarda, Blaise deve tê-la deixado no vestibulo. Vou me certificar. Estás ouvindo Marcelo que está no meu colo e está te gritando boa noite? Escuta!

— Boa noite, papaizinho, boa noite!

— Boa noite, meus queridos! Vou jantar correndo e já volto.

Ao sair, sentia-me obcecado pelo que minha mulher acabava de me contar. Eu dissimulara minha ansiedade, com medo de aumentar os próprios receios de Luisa; mas aquela ansiedade, apenas apaziguada pela manhã, avivara-se cruelmente com aquela carta inesperada, estranha, inverossimil, que afastava da casa o único defensor, o único homem.

Minha imaginação se revestiu duma disposição tão negra que, de volta ao hotel, não pude engulir um só bocado. Levantei-me da mesa para regressar ao posto telefônico; mas meu procurador veio me dar umas informações novas, aliás muito necessárias ao êxito do meu negócio. Não pude despachá-lo muito depressa e era muito tarde quando entrei de novo na cabine do telefone. Meu coração batia de impaciência e minhas mãos faziam vacilar o receptor diante do meu ouvido. Fiquei alguns segundos sem entender nada.

— Alô, Luisinha! Alô! Estás aí? Responde... estou inquieto...

Reconheci enfim a voz de minha mulher, mas uma voz baixa, opressa, varada de terror:

— Ah! querido, há uma hora que estamos loucas. Não achei a espingarda! Só pode ter sido o garoto que a roubou, quando saiu. Blaise ainda não voltou:

(Cont. na pág. 51)



Dizem que os acrósticos estão fora de moda e são coisa de almanaque. Mas Miguel Gustavo, quando lhe sobra tempo, dá para fazer acrósticos, além de sonetos, poemas e quadras. Foi por meio dos seus versos que conseguiu despertar o coração de Sagrador de Severo, hoje sua esposa e vereadora municipal. Depois de desposá-la, o responsável pelo programa "Quadros Brasileiros" reencidiu e fez-lhe o acróstico abaixo:

Cabendo manejar como ninguém,
A palavra bonita com que tem
Ganho fama, dinheiro, posição,
Raspa todo o argumento que alguém possa
Aremessar-lhe na conversação...
Magra de corpo e gorducha de bossa,
Ora por todos os princípios bons
Resolve todas as situações

Difíceis e intrincadas, de momento,
Envolvendo-as com jeito e com talento...

Sabe de coisas que ninguém conhece,
Conta casos. Protege. Dá crianças.
Unta os lábios da gente de esperanças,
Visita creches. Lembra ao que se esquece...
Examine! Procure! Por favor,
Rebusque! Veja!... — Qual!... Ninguém encontra
Outra mulher igual a Sagrador!...

O QUE EU GOSTARIA DE FAZER



ALBERTO MADEIRA responde pelo sucesso das histórias em capítulos das "emissoras associadas", na qualidade que é de sonorizador das novelas dessa poderosa organização. Cabe-lhe, ainda, a responsabilidade da programação musical da Roquete Pinto, que, segundo os entendidos, é das melhores do "broadcasting". Interrogado sobre suas aspirações no rádio, declarou-nos ele:

— Antes de tudo, elevar o nível dos programas radiofônicos. Como? Procurando despertar o interesse da massa de ouvintes pelo que realmente tem valor como estética musical e radiofônica. Os programas deveriam ser organizados numa ascensão lenta, desde os fatos pitorescos da vida dos compositores, suas lutas, suas decepções, seus imprevistos, até as partituras mais facilmente compreensíveis. No rádio-teatro valorizar mais o texto, irradiando peças de teatrólogos de reconhecido valor e explorando menos os efeitos fáceis do dramalhão, da sonoroplastia violenta e da novela água-com-açúcar. Acabar com o texto avulso, deixando só os programas patrocinados. Na apresentação geral, menos "epilepsia" e mais sobriedade. O rádio brasileiro está sofrendo de um "distúrbio vago-simpático".



★ Fagano Sobrinho está no Rio, animando algumas atrações da Rádio Tupi. Explorando o lado cômico, esse elemento do "broadcasting" paulista, a nosso ver, não conseguiu ainda despertar a atenção do público para seus programas. Suas histórias cômicas têm longas barbas, não arrancando a clássica risada do carioca...

★ Jean Seblon voltou ao cenário artístico. Sua estréia deu-se ao microfone da Tupi bandeirante. Dentre os números por ele interpretados destaca-se o samba "Porque", de Dorival Caymmi. Tão logo termine seus compromissos em São Paulo, o teremos numa das emissoras cariocas, repetindo os números que Yvette Giraud trouxe.

★ Flávio de Alcázar trocou o rádio carioca pelo mineiro. Depois de curta atuação na P.R.E.-3, o jovem artista paulista retornou à terra montanhosa, como exclusivo da Inconfidência. Também uma das "boites" locais contratou-o para participar de seus "shows". Flávio não se sentiu à vontade no "broadcasting" do Rio, razão de sua volta a Minas.

★ "Los Panchos" estão em São Paulo, participando dos programas da Record, que, segundo o "announcer", é a maior... Quando da temporada desse conjunto vocal na P.R.A.-9, tivemos oportunidade de constatar o valor do mesmo, justificativa para o cartaz que possui. É possível que "Los Panchos" volte ao Rio no mês de outubro.

★ Finalmente, Max Nunes lançou o anunciado programa. Trata-se de "Rua 42", uma realização nos moldes de "Agente as consequências". Max Nunes, ao que tudo demonstra, ainda não encontrou chance para se expandir, motivo de permanecer na cêrca, à espera de melhor oportunidade... "Rua 42" agrada, porém seu produtor é capaz de coisa melhor.

★ Finalmente, Max Nunes lançou o anunciado programa. Trata-se de "Rua 42", uma realização nos moldes de "Agente as consequências". Max Nunes, ao que tudo demonstra, ainda não encontrou chance para se expandir, motivo de permanecer na cêrca, à espera de melhor oportunidade... "Rua 42" agrada, porém seu produtor é capaz de coisa melhor.

★ Paul Urbach, famoso pianista húngaro, está participando das audições da Rádio Gazeta. Uma vez terminado seu contrato com a P.R.E.-6, ele exibirá sua arte no rádio carioca, apresentando-se ao microfone da P.R.E.-3. Paul Urbach especializou-se na execução do "jazz", desfrutando grande popularidade entre os apreciadores desse gênero.

★ Odir Odilon está de volta, uma vez que terminaram seus compromissos com a Companhia Dery Gonalves. Porém Chianca de Garcia já lhe fez uma proposta para excursionar à Argentina. Enquanto a estuda, Odir vai cantando ao microfone da Globo e pensando na viagem aos Estados Unidos.

★ Pedro Bloch disse adeus à vida de solteiro! O autor de "Marilena versus Destino" acaba de contrair matrimônio com a senhorita Miriam Sukienik. O casamento, porém, não impedirá sua atuação no "broadcasting", onde tanto tem realizado. Ao casal, nossos cumprimentos.

★ Dila Melo entregou a Marlene uma nova produção. Da mesma artista, as "Três Marias" gravarão um número. Também Neusa Maria, recém-chegada de São Paulo, porá na cena um samba da autora de "Fiz a cama na varanda", o mesmo acontecendo com "Os Trovadores".

"Black-out" é uma figura simpática e popularíssima da Rádio Nacional. É um dos nossos melhores intérpretes de samba. Tem bossa. Não é cabotino. Nas festas a que comparece, — como as que o SAPS organiza para os trabalhadores, aos sábados, em seu restaurante da praça da Bandeira, "Black-out" abafa. Está sempre disposto a conceder um "bis". Dila Melo é uma de suas maiores fãs, como compositora e como ouvinte. "Black-out" seria um sucesso no teatro de revistas. Não há por aí um Chianca de Garcia que lhe dê uma oportunidade?



Alzirinha Camargo está de malas prontas para visitar o Brasil, do qual se acha afastada desde 1945. A artista patriciã, ao que se anuncia, aparecerá ao microfone da Tupi, numa curta temporada, a fim de matar as saudades dos seus inúmeros fãs

RADIO-FLASHES

Lucienne Delyle, cuja voz tornou-se famosa ao levantar o "Grand Prix du Disque Français 1947", era uma simples intérprete da canção francesa. Foi cantando "Embrasse moi", que ela despertou a atenção de seus compatriotas para suas qualidades vocais. É essa artista que a Nacional está apresentando em sua programação de estúdio, depois da temporada de Yvette Giraud.

QUANDO MURILLO MENDES ACHA QUE "CABE AOS INTELLECTUAIS A DEFESA DA CULTURA AMEAÇADA PELO PRIMARISMO, A LEVIANDADE E A IGNORÂNCIA DOS HOMENS DE RÁDIO", JOSÉ LINS DO REGO SOLIDARIZA-SE COM OS PRODUTORES RADIOFÔNICOS, LEVANDO PARA O MICROFONE DA CONTINENTAL A PIRESCA "CONVERSA DE LOTAÇÃO". AI, NAS ONDAS HERTZIANAS, O AUTOR DE "BAUQUÊ" VAI ENCONTRAR ALVARO MOREYRA, APRESENTANDO SUAS PITORESCAS "FOLHAS SOLTAS", E GENOLINO AMADO, MINISTRANDO AS PROVEITOSAS AULAS DO "CURSO DE LITERATURA", ALÉM DO ACADÊMICO MENOFFI DEL PICHIA, QUE, EM TRAJES MORNIÉS, VAI DISCORRER SOBRE VARIADOS ASSUNTOS. MAS NÃO É SÓ. TEM AINDA, COMO COMPANHEIRO DE AVENTURA RADIOFÔNICA, O PROFESSOR ARELLIO PAPINI, A DAR EXPANSÃO AO "CURSO DE PORTUGUÊS". TODOS ESSES NOMES JÁ MAIS CONSPIRAM CONTRA A CULTURA OU SE ALIAM A "IGNORANTES HOMENS DE RÁDIO"...

Por isso, não recamos nenhuma intervenção no "broadcast" brasileiro, conforme deseja o poeta católico. Esse estado de coisas, que ele vê em nosso rádio, é um exagero de sua imaginação. No rádio há do bom e do ruim, e até mesmo do péssimo, como no nosso jornalismo, no nosso teatro e em tudo o mais. É fora de dúvida, porém, que o rádio tem contribuído para que muitas obras literárias se tornassem mais conhecidas. Isso deu-nos as betas na poderoso in-

vento de Marconi. Para que exagerar a ameaça à cultura e o primarismo de alguns dos que trabalham para distrair alguns milhões de brasileiros? Se existe muito de ruim nas emissoras nacionais, também sobram algumas boas realizações. Basta o poeta Murilo Mendes procurar ouvir um "Obrigado, doutor!" ou uma "Conversa em família", para mudar de opinião e desfazer o conceito que fez de todos os radialistas. Porque, nos próprios círculos literários do Brasil, existem certos poetas que, pelo seu primarismo e pela sua ignorância, são verdadeiras ameaças à própria poesia, como Murilo Mendes, cujo valor é inegável, será, sem dúvida, o primeiro a reconhecer.

A. MIGUEIS

REVISTA



VENENOS DE BILHETERIA...
— John Payne é, sem dúvida, um rapaz bonito. Sim, ele é muito bonito, muito bem penteado e muito indigesto. Tipo do camaradinho pau. Não se compreende por que ele faz tantos filmes em uma terra em que há atores como Henry Fonda, James Stewart e Gary Cooper. E' o rei da chateação tecnicolor-musicada

VOCÊ SABIA...

...que na semana passada foi iniciada a exibição do "Hamlet", de Shakespeare, dirigido e interpretado por Lawrence Olivier, no cinema Astor, de Boston?

...que a Polícia do Estado de Massachusetts pediu para cortar do filme a expressão shakepereana "cheiro de suor em leito adulterino", bem como alguns dos insultos que Hamlet profere contra sua própria mãe, sendo, por isso, ridicularizada pela imprensa de Nova York?

...que a Legião da Decência, da Igreja Católica Apostólica Romana nos Estados Unidos, no entanto, considerou o mesmo filme como "sem objeção para adultos de mentalidade formada", sem pleitear nenhuma espécie de cortes?

...que Carmen Miranda teve pela primeira vez o seu nome nas marquises do Radio City Music Hall, — o maior cinema

do mundo, — com o lançamento, ali, do filme em tecnicolor "O príncipe encantado" (A Date With Judy), no qual figura ao lado de Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor, Xavier Cugat e Robert Stack?

...que John Agar, marido de Shirley Temple, está agradando muito como galã

de "Fort Apache", o novo filme de John Ford, com John Wayne, Henry Fonda e Pedro Armendariz?

...que Dore Schary, o principal produtor da RKO Radio, abandonou essa companhia depois que ela foi vendida ao milionário Howard Hughes, passando-se para a Metro-Goldwyn-Mayer?



Fred Astaire e Ginger Rogers, uma fórmula que pertenceu à RKO e é agora tentada pela Metro...

FRED ASTAIRE E GINGER ROGERS JUNTOS OUTRA VEZ...

Toda vez que termina um filme, Fred Astaire faz solenes declarações (parece que com sinceridade) de que esse será o seu último trabalho. Que vai viajar, que vai descansar, que vai assistir filmes dos outros... Mas o que acontece sempre é que lhe acenam com uma nova oportunidade, um novo filme, uma história de que dizem maravilhas, etc. — e Fred Astaire faz então esse filme, o último. Quando fez "Desfile da Páscoa", há pouco, na Metro-Goldwyn-Mayer, Astaire mais uma vez disse tudo isso. Mas já está fazendo (desta vez a desculpa foi que o filme seria com Ginger Rogers, e que ele não queria parecer ingrato a Ginger, sua companheira

nas primeiras glórias) "Barkleys of Broadway".

— Este será, definitivamente, o meu último filme! — repetiu Astaire há dias.

Mas Louis B. Mayer está perfeitamente calmo. Em sua gaveta, no "office" dos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, tem mais dois enredos feitos sob medida para o insinuante e eternamente lépido Mister Astaire... De mais a mais, não irrita a ninguém ouvir dizer que vai deixar o cinema, etc., porque o comediante-bailarino sempre o diz na sua prosódia muito simpática e com o seu sorriso de quem sabe viver...



Num intervalo da filmagem de "O Príncipe Encantado" (A Date with Judy), Jane Powell posou este "still" ao lado de Scotty Beckett, rapazinho que, naturalmente, daqui a dias, será apontado como namorado de Jane Powell, etc. etc. O que se observa neste "still" é que a estrelinha da Metro precisa fazer regime. Tem tendência para engordar. E como é cantora, então — que perigo! No elenco de "O Príncipe encantado", está a nossa Carmen Miranda.

*

...que Burgess Meredith vai produzir um filme baseado em argumentos de John Steinbeck, intitulado "A última Juana", história de uma espécie de Joana D'Arc moderna, e que Paulette Goddard será a protagonista?

...que Spencer Tracy e Deborah Kerr vão a Londres, filmar ali, sob a direção de George Cukor, nos estúdios de Elstree, o filme "Edward, my son", baseado na peça teatral de Robert Morley e Noel Langley?

...que "Under Capricorn", o filme que Ingrid Bergman está fazendo em Londres, sob a direção de Alfred Hitchcock e Sidney Bernstein, baseado no romance de ambiente australiano de Helen Simpson, será filmado em tecnicolor?

...que um dos maiores êxitos do momento em Nova York é o filme "So Evil My Love", da Paramount, com Ray Milland, Ann Todd e Geraldine Fitzgerald, dirigido por Louis Allen e lançado no Rivoli?



RICARDO MONTALBAN, UM MEXICANO LADRÃO.

Afirmam que Ricardo Montalban "roubou" inteiramente o novo filme de Esther Williams, "Numa ilha com você". E' certo que em "Festa brava" é grande o sucesso do galã mexicano, figura destinada a vencer de verdade, bem o sabemos; mas daí a roubar inteiramente um filme em que Esther Williams aparece o tempo todo de sarong, como acontece em "Numa ilha com você"...

Por falar em Ricardo Montalban: a Metro-Goldwyn-Mayer tem grandes projetos a propósito desse simpático mexicano. Sabiam que ele é casado com Georgianna Young, a que quer dizer que é cunhada de Loretta Young?

BORIS KARLOFF, UM MONSTRO REGENERADO

BORIS KARLOFF é dono de uma fazenda de eucaliptos, nas montanhas de Santa Monica, na Califórnia, onde vive quando não está preso a contratos no cinema ou no palco. Outro dia, ele esteve em Nova York, quando era lançado o filme cômico-macabro "Abbott and Costello meet Frankenstein". Muito bem recebido pelo pessoal da Universal, os diretores de publicidade dessa empresa manifestaram o desejo de fotografá-lo olhando para os cartazes do Cinema Criterion, onde aquela película estava sendo anunciada. Boris Karloff aceitou, declarando, porém, o seguinte:

— Não me importo de posar a fotografia que me pedem, mas só o farei se não tiver a obrigação de ver o filme...

Perguntaram-lhe por que e ele declarou:

— Amo de mais esse monstro para assistir, sem revolta, a Abbott e Costello debochando dele...

Boris Karloff renunciou aos papéis do monstro frankensteiniano desde 1939, quando apareceu em "O filho de Frankenstein", assim explicando as razões de sua atitude:

— Depois dessa película, convenci-me de que não era necessário ser um ator com um passado artístico e uma experiência dramática, como me prezo de ter, para poder representar o papel do monstro. Não havia campo para uma interpretação pessoal, porque o mons-

tro era um bruto, mecanizado, sem o dom da palavra, sem expressões humanas, — ficando todo o trabalho à conta do encarregado do "make-up". Com isso, entretanto, não quero diminuir os meus sucessores. Todas as pessoas que têm a paciência necessária para permanecer horas e horas sentadas em uma cadeira, recebendo uma enorme carga de "maquillage", são dignas do maior respeito...

Três vezes monstro, em "Frankenstein", "A noiva de Frankenstein" e "O filho de Frankenstein", ele foi um médico louco, — e não aquele personagem, — em "A casa de Frankenstein". Mas, mesmo depois disso, continuou a fazer papéis de vilão, em películas como "Asilo sinistro" e outras. Agora, porém, em "Os inconquistáveis", ele faz um papel diferente, o de um chefe índio, e em "Tap Roots", da Universal, vai aparecer como um índio velhinho e bondoso, — setenta anos de dogura e de experiência da vida. Em "Sansão e Dalila", o novo filme épico de Cecil B. De Mille, vai fazer, pela primeira vez, o papel de um soberano, — o rei dos Filisteus. William Henry Pratt, — pois é esse o verdadeiro nome de Boris Karloff, — acaba, desse modo, de escapar ao ciclo dos monstros, do qual a Universal já devia ter tido vergonha, depois de tantos anos de exploração das platéias com seus lobisomens, cadáveres ressuscitados, vampiros, "zombies" e outras bobagens... — MICKEY.



AO ALTO: — Cena de "A Sinfonia Pastoral", o filme que eJan Delannoy extraiu da obra de André Gide. À DIREITA: — Michele Morgan, em "A Sinfonia Pastoral", filme que teve três prêmios no Festival de Cannes, — o que foi conferido ao melhor filme francês, o que foi conferido à melhor intérprete e o que foi concedido à melhor partitura, — a que Georges Arwic escreveu especialmente para a obra de Gide.

"A SINFONIA PASTORAL"

PERSONAGENS:

Gertrude	MICHELE MORGAN
O Pastor	PIERRE BLANCHAR
Amelie	LINE NORO
Jacques	JEAN DESAILLY
Louise de La R.	ROSINE LUGUET
Doutor Martins	LOUVIGNY

Da famosa novela de ANDRÉ GIDE (Prêmio Nobel de Literatura de 1947). Música de George Auric — Dirigida por JEAN DELLANOY — Um filme distribuído pela UNIÃO CINEMATOGRAFICA BRASILEIRA.

EM uma pequena aldeia perdida entre as neves dos Alpes Suíços, um piedoso pastor luterano é chamado para assistir os últimos momentos de uma velha camponesa que habita uma cabana miserável. Chegando lá, constata que a aldeã já estava morta e deixara ao desamparo sua neta — um ser estranho e primário, quase um animal. Penalizado, o pastor a leva para o seu lar, apesar da resistência que a isso opõe Amelie, sua esposa, e a indiferença dos seus dois filhos: Jacques e Charlotte. E o pastor inicia a tarefa de educar Gertrude, a enjeitada, cega e mal sabendo falar, pois o longo silêncio que sofrera junto à avó fizera-lhe perder o contacto com os sons.

Jacques vai para Lausanne, para estudar. O pastor, após um longo, penoso e paciente trabalho, consegue transformar Gertrude em um ser humano. Era quase uma transfiguração. E Gertrude, desenvolvendo-se física e intelectualmente, desabrocha em uma mulher belíssima. Até mesmo os seus olhos, sem luz, eram lindos.

O pastor, que fôra em seu exaustivo trabalho de educação auxiliado pelos conselhos do seu amigo dr. Martins, querendo completar a sua obra, faz com que Gertrude aprenda música no câro da pequena igreja, com a organista mlle. de la R...

Certa vez, o pastor leva a sua pupila para um concôrto em Neu-

chatel, onde é executada a "Sinfonia Pastoral". Ao voltar, Gertrude quer saber se em realidade o mundo é tão belo quanto a descrição musical que a sinfonia lhe faz. Cega, a única noção que ela tem do mundo é a que lhe dá o seu amigo e protetor.

Jacques volta a Chaux-du-Fond, para passar as férias escolares com sua família. Uma tarde, o pastor, que havia deixado Gertrude no câro da igreja e saíra a visitar seus paroquianos, voltou mais cedo do que pensava fazê-lo... e surpreendeu Jacques e Gertrude em um colóquio amoroso. Nada lhes disse. Mas nessa mesma noite, interrogando o filho, percebeu que êle não era mais uma criança e Gertrude era uma linda mulher. O pastor pede ao filho que parta com amigos em excursão pelos Alpes. Amelie, a esposa, percebe bem todo o tremendo conflito que vai pela alma do seu marido, mas isola-se em um silêncio amargurado.

(Continua na pág. 52)



A ESQUERDA: — Outra cena de "A Sinfonia Pastoral", vendo-se ao centro o ator Pierre Blanchar. A DIREITA: — Cena ao ar livre, de "A Sinfonia Pastoral", o grande filme francês extraído da obra de Gide.



Cena de "O Vendaval Maravilhoso" (A vida e os amores de Castro Alves), filme de David Serrador, dirigido em Lisboa por Leitão de Barros. Na tribuna, aparece o ator Paulo Maurício no papel de Castro Alves

A VIDA DE CASTRO ALVES NA CINEMATOGRAFIA

"REVISTA DA SEMANA" DIVULGA EM PRIMEIRA MÃO ASPECTOS DA PRODUÇÃO DE DAVID SERRADOR, DIRIGIDA POR LEITÃO DE BARROS — A DESCOBERTA DE PAULO MAURÍCIO, QUE FAZ O PAPEL PRINCIPAL

ESTA quase terminada, em Lisboa, a filmagem de "Vendaval maravilhoso", produção de David Serrador, dirigida pelo veterano cineasta português Leitão de Barros, apresentando como tema a vida de Castro Alves, o grande poeta brasileiro que foi a alma do movi-

mento abolicionista. Leitão de Barros foi escolhido para dirigir essa película em atenção aos êxitos que assinalam sua carreira diretorial, êxitos que incluem películas como "A Severa", "As pupilas do senhor reitor", "A varanda dos rouxinóis", "Bocage", "Camões", etc. —

toda uma série de películas em que se espelharam figuras históricas, costumes, folclore e aspectos paisagísticos da terra portuguesa, apresentados com grande propriedade e bom gosto. Para a filmagem, Leitão de Barros procurou apoiar-se em valores artísticos e literários brasileiros. O



A esquerda: O ator Barroso Lopes, em um dos tipos do filme de David Serrador, dirigido por Leitão de Barros. A direita: os atores Armando Braga e João Perry, em uma cena da mesma película

argumento e a dialogação foram escritos por Leitão de Barros e por Jeracy Camargo, figura ilustre das nossas letras teatrais, com base nos trabalhos biográficos mais autorizados sobre o grande poeta. Quem seria, o intérprete do papel central, o de Castro Alves? Leitão de Barros veio ao Brasil. Frequentou os nossos teatros. Viu os nossos atores jovens representando. Nenhum deles, entretanto, lhe parecia adequado ao papel, com o ar de ingenuidade e de imaturidade que Castro Alves devia ter nos seus dias de estudante. Ensaia, nessa época, no Glória, o Teatro de Câmara, que ali deu uma série de espetáculos às segundas-feiras. Leitão de Barros, que, no Glória, em companhia de Celestino Silveira, nosso colega de imprensa e figura de destaque do nosso rádio, e da ensaiadora Ester Leão, entrevistava candidatos a papéis do filme de David Serrador, viu, um dia, um jovem que entrava no teatro com alguns atores do Teatro de Câmara. Interessou-se por ele. Ofereceu-lhe um teste. O rapaz, entretanto, declarou lealmente:

— Creio que o senhor se enganou. Eu não sou ator. Vim aqui apenas acompanhando uns amigos...

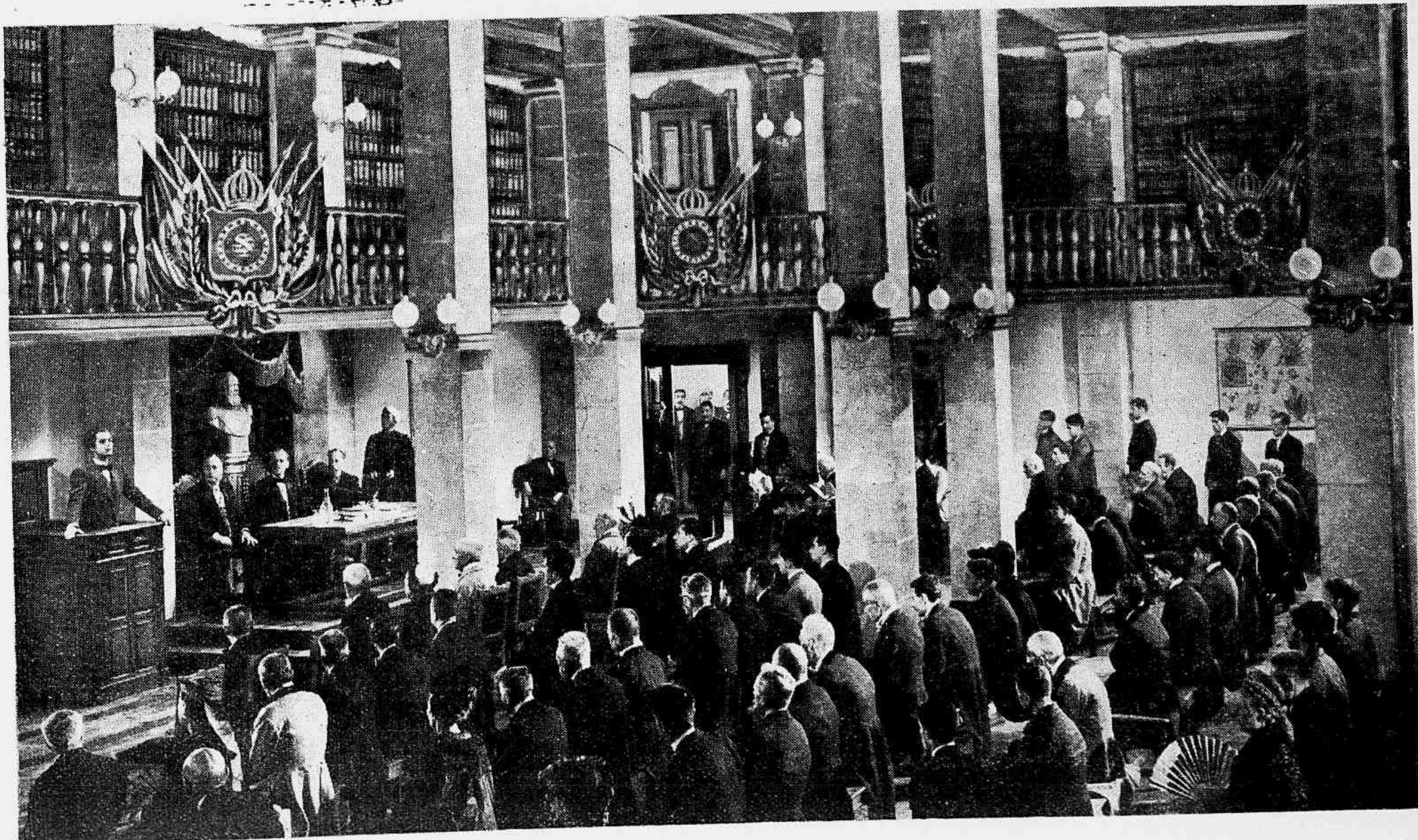
— Não. Não me enganei — respondeu Leitão de Barros.

— Não estou lhe exigindo experiência profissional. Basta que tenha instinto dramático. E isso é o teste que vai provar. Porque tipo eu sei que tem...

O rapaz aceitou, mais ou menos divertido com a experiência. Leitão de Barros impôs-lhe várias condições: segredo, estudo (Ester Leão se converteu em sua treinadora), compenetração, troca do nome por outro que lhe parecesse mais consentâneo com a natureza romântica do seu papel, etc. O teste foi feito e o resultado confirmou as previsões de Leitão de Barros. A fotografia do rapaz, — hoje chamado profissionalmente Paulo Maurício, — nos trajes de Castro Alves, com o cabelo à Castro Alves e as roupas à Castro Alves, foi um sucesso. Não precisava mais ter dores de cabeça a esse respeito. Para completar o elenco, dispunha de atores brasileiros que foram a Portugal com a Companhia Eva Todor, e de artistas portugueses, — um deles a fadista Amália Rodrigues, contratada para fazer o papel de Eugénia Câmara. Fez, ainda, ir do Rio a Lisboa o ator Edmundo Lopes, que faz o papel de Ruy Barbosa quando jovem, e conseguiu que alguns rapazes brasileiros do nosso Consulado em Lisboa fizessem alguns papéis complementares. O filme está sendo realizado com a máxima amplitude de recursos técnicos e financeiros, devendo resultar, sem dúvida, numa das mais brilhantes realizações da longa carreira de êxitos de Leitão de Barros. Por outro lado, firmará, também, as bases de um intercâmbio cinematográfico com Portugal, pois é a primeira vez que assunto, artistas e capitais brasileiros são colocados ao serviço do desenvolvimento do cinema português.



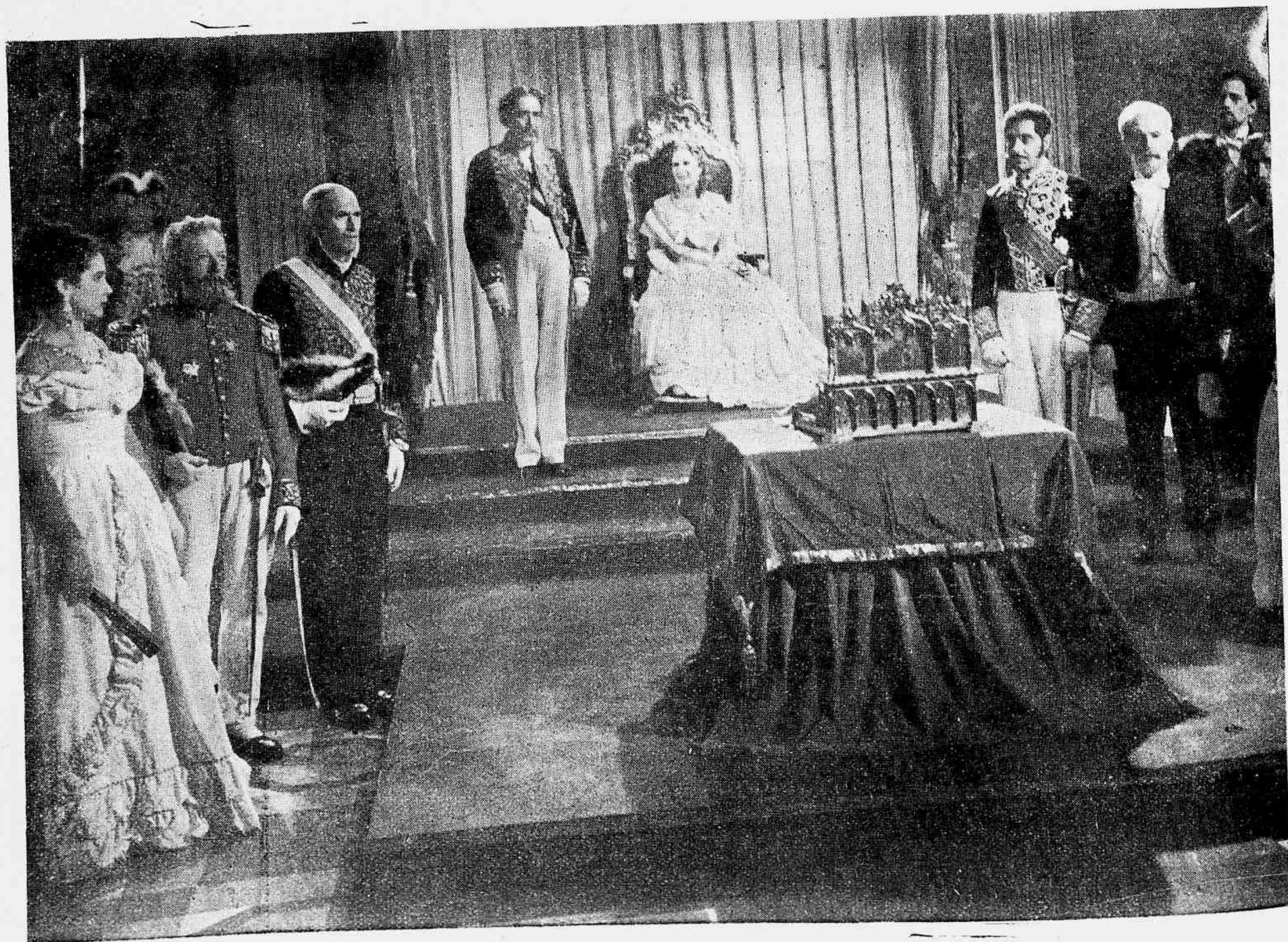
EM CIMA: A princesa Isabel que Leitão de Barros arranjou em seu filme. É bem diferente do original. Foi romantizada e embelezada, à maneira de Hollywood. Mas o que perdeu em veracidade ganhou em... realza cinematográfica.

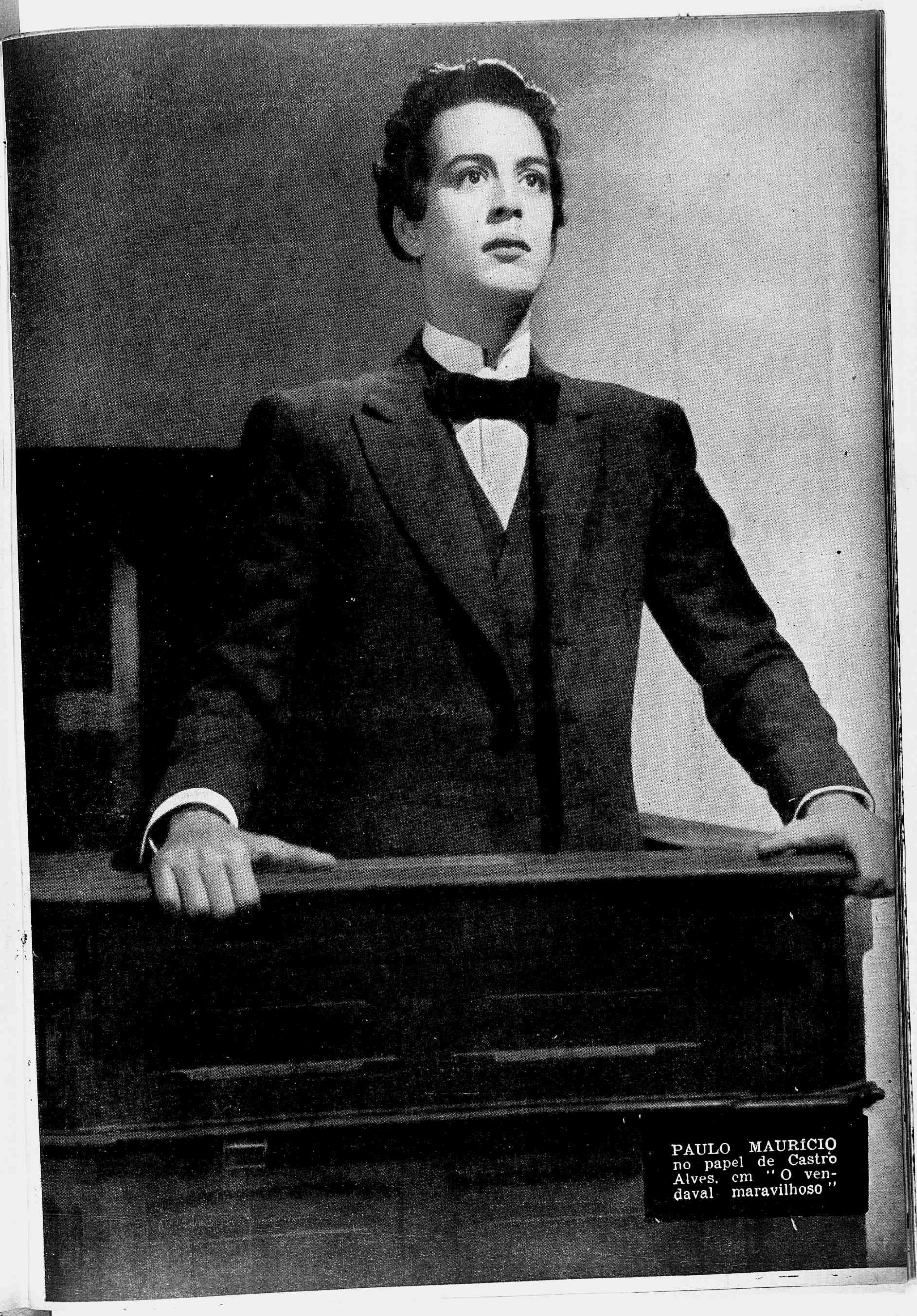


Cena do filme em que Castro Alves empolga os seus colegas do Ginásio Boliviano com a declamação dos seus poemas.

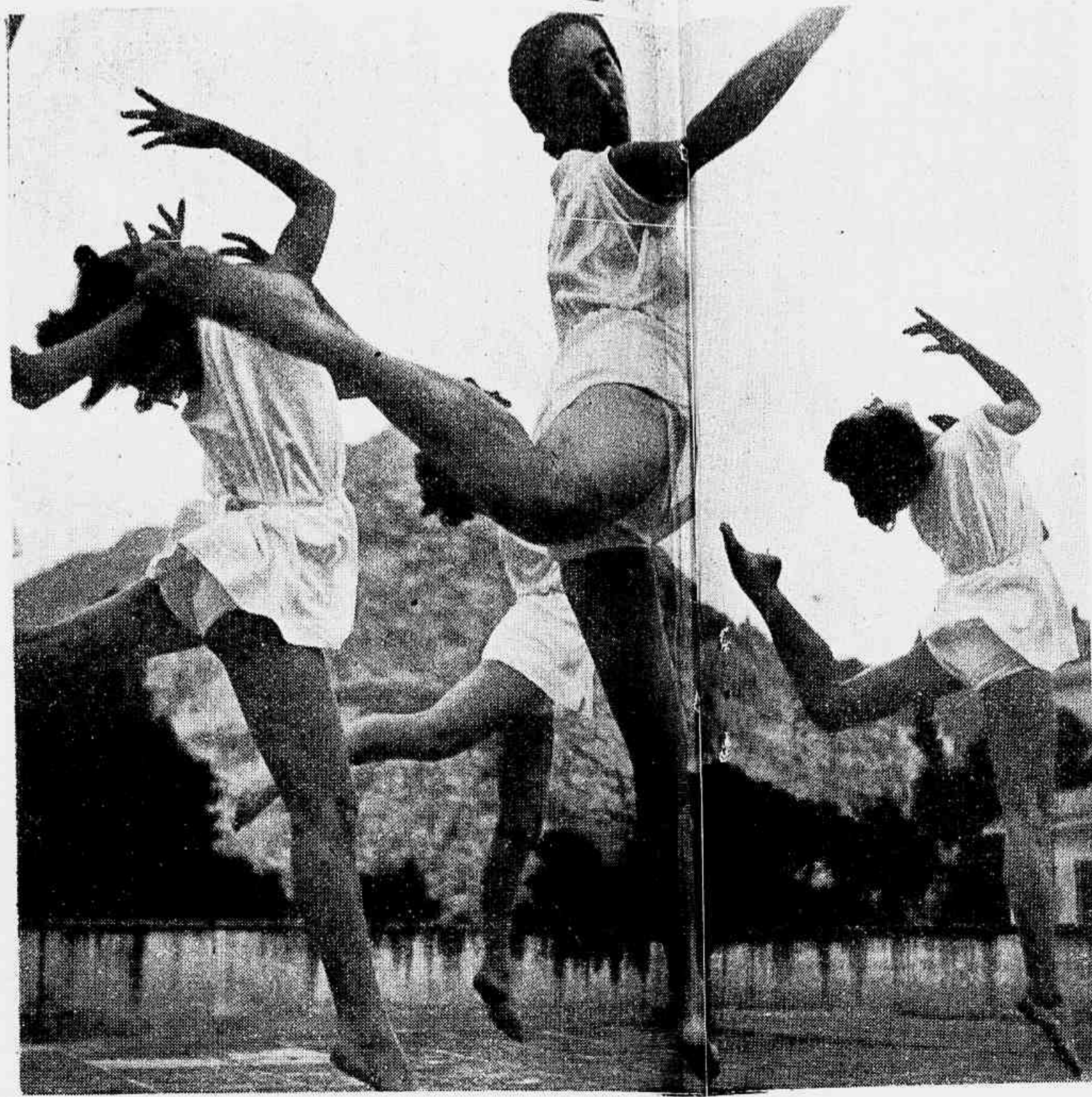
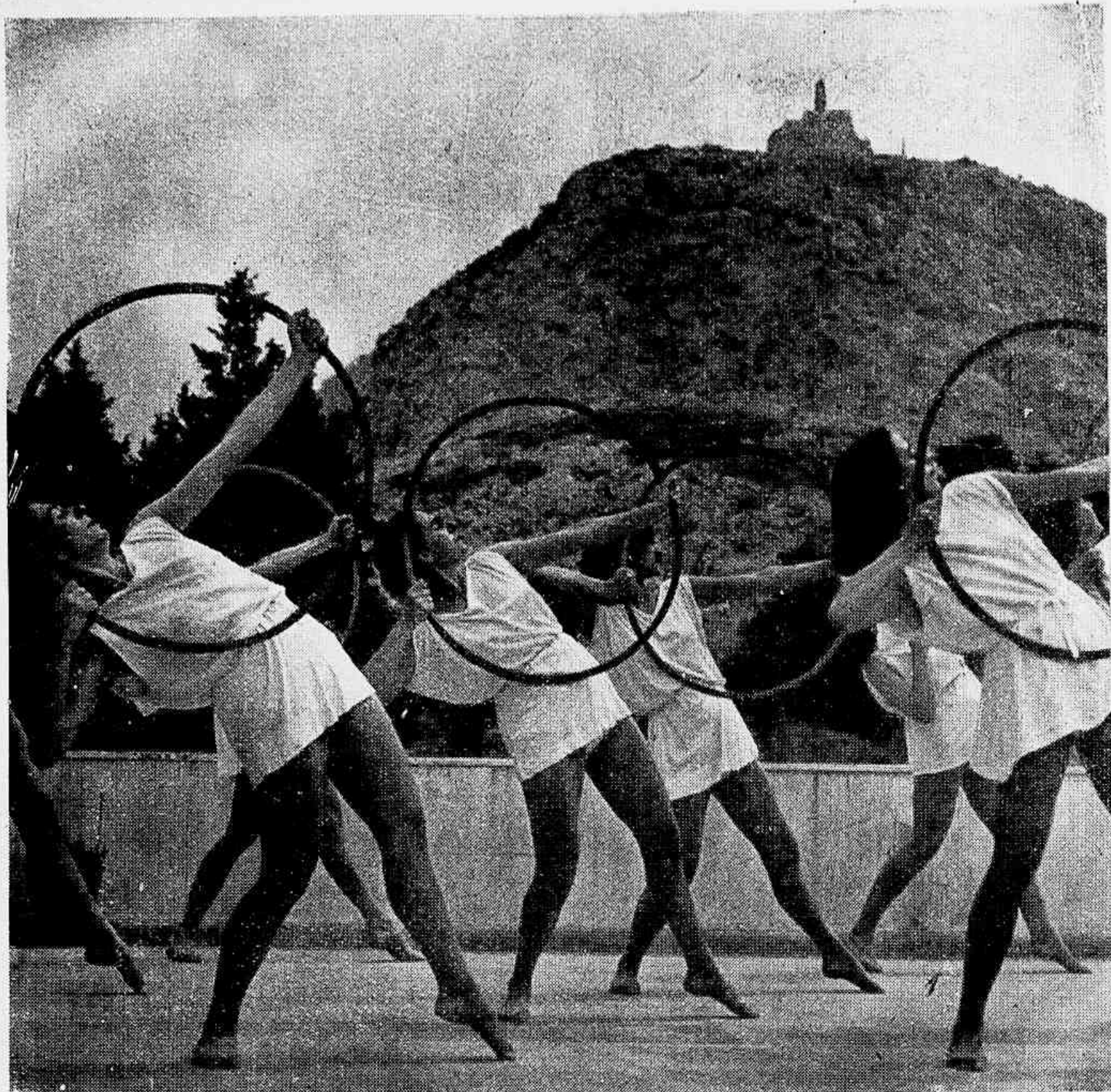


EM CIMA: — Cena de "O Vendaval Maravilhoso" (A vida e os amores de Castro Alves), filme de David Serrador, dirigido por Leitão de Barros, passada em uma das ruas da Bahia. EM BAIXO: — Cena no paço, quando a princesa Dona Isabel, como regente do Império, ia assinar, a 13 de maio de 1888, a lei que abolla radicalmente a escravidão no Brasil.





PAULO MAURÍCIO
no papel de Castro
Alves, em "O ven-
daval maravilhoso"



AO ALTO À ESQUERDA: — Danças antigas — O lento estilo ritmado da verdadeira dançarina grega é fielmente interpretado por estas moças da Grécia atual em suas túnicas curtas, enfiando em Atenas. Os arcos são usados como símbolo das Olimpíadas. A DIREITA: — O SALTO DA AMAZONA — As Amazonas de outrora eram notáveis pelo vigor. Estas moças de hoje interpretam o espírito das antepassadas lendas, em saltos e volteios, no ardor das danças olímpicas. AO LADO: — A MÚSICA — Os instrumentos musicais usados como acompanhamento para as danças são simples e pouco diferem dos usados há séculos. Aqui uma dançarina Academia de Dança de Atenas faz ressoar um gongo de bronze com uma baqueta forrada.

As cidades, como as criaturas, cabem às vezes certos títulos que não são somente o seu sinete de glória, como também a marca do seu destino. Roma, a eterna. Paris, a cidade-luz. Viena, a cidade das valsas. Havana, a perla das Antilhas. Londres, a cidade do "fog". New York, a cidade tentacular, a cidade-pólvora.

Da mesma maneira, os países, e aí temos a Holanda com as suas tulipas e a sua legenda flamejante do gênio de Rembrandt; Portugal com o eterno marulhar do oceano d'"Os Lusíadas"; a Espanha, com as suas touradas e o seu "salero"; Cuba e a rumba; a Alemanha e a brutalidade do seu prussianismo de todos os tempos.

Mas, acima de todos, há um país e uma cidade que, sem apelativo especial, basta dizer-lhes o nome e todo o seu inextinguível esplendor no tempo e no espaço vibra como uma grande aurora inesperada.

IMAGENS DA GRÉCIA

GUERRILHAS E JURADOS — ÓDIO E SANGUE SOBRE A ACRÓPOLE — A CHAMA OLÍMPICA — RESSURREIÇÃO DOS DEUSES — O ESPÍRITO E A ALMA — A ESCULTURA GREGA E AS CAIXEIRINHAS DE ATENAS

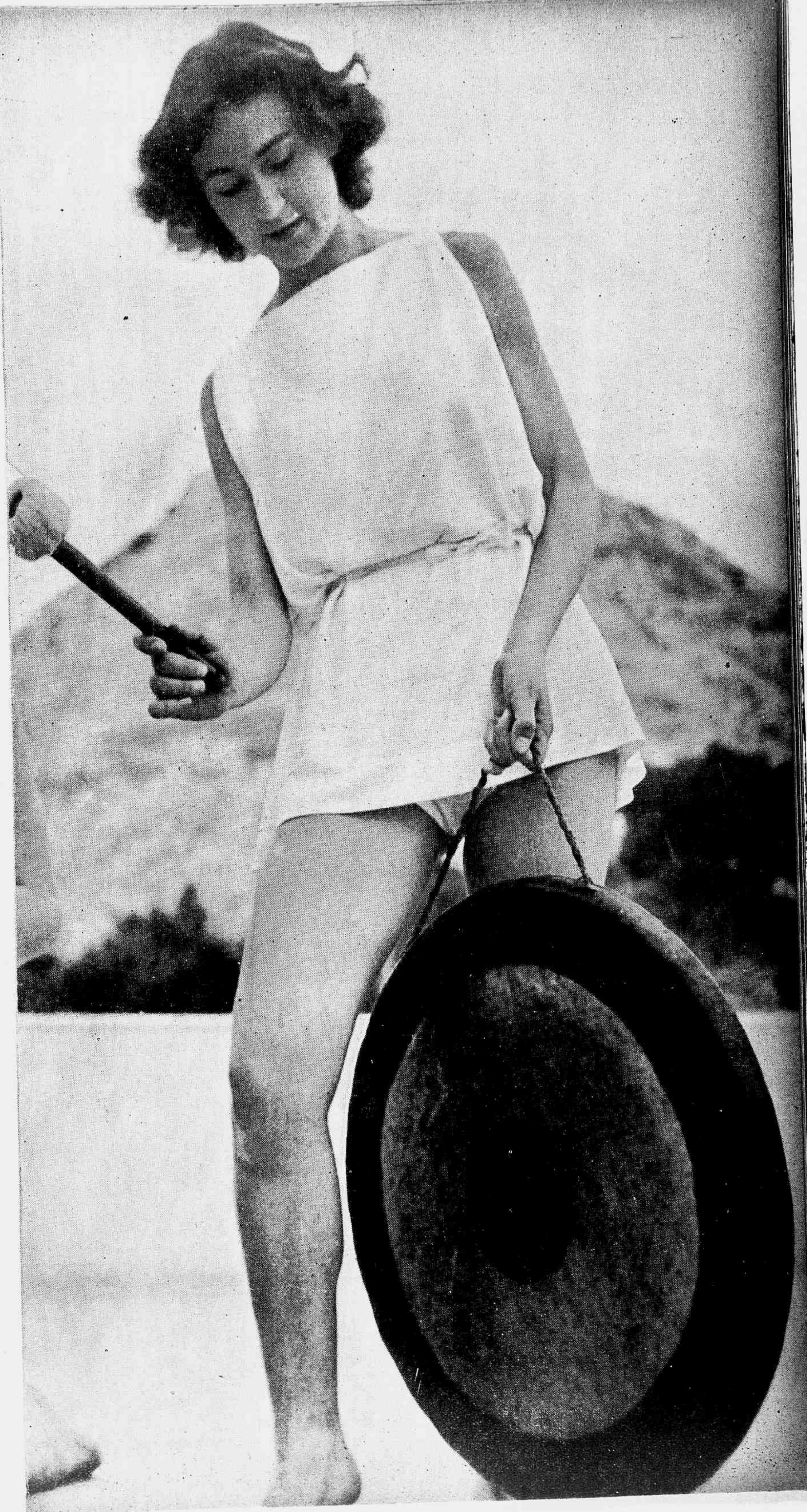
Por HERMAN LIMA

Fotos KEYSTONE — Especial para REVISTA DA SEMANA

Na verdade, não precisamos dizer Grécia, a imortal, nem Atenas, sabia. O nome é o seu título máximo, para o espírito universal, como não é necessário outro nome, diz-se apenas Deus, mãe, amor, menos ainda, não precisamos dizer-lhe, basta apenas senti-lo, para a sua presença acessível.

Foi Lamartine, na sua "Viagem pelo oriente" quem lhe ergueu clamor deste hino tão elegante, na sua síntese de ra página, como aquela maravilhosa "Oração da Acrópole" de Renan: "Este sombrio grupo de colinas, promontórios e vales, que o olhar abrange daqui, integralmente como se fosse uma pequena ilha perdida no oceano, eis apenas um ponto no mapa, tem produzido, ele só, o tumulto, mais glória, mais brilho, mais virtudes e mais crimes do que continentes inteiros. Este pedaço de ilhéu e de montanhas, donde saíram quasi ao

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: — A AMAZONA — Famosas pela força e bravura eram as Amazonas do passado. Esta moderna rapariga grega realiza os giros exaustivos da dança das Amazonas, que é a segunda versão das danças olímpicas. OS INSTRUMENTOS — Os instrumentos não diferem muito dos da antiguidade. Este é o tambor tocado com uma baqueta revestida de couro, e usado para marcar o ato e gracioso ritmo da dança. A AMAZONA — A dança da Amazona é a que requer mais vigor e resistência por parte da bailarina. Composta de saltos e giros caracteriza a força das Amazonas. Aqui está uma bailarina grega moderna fazendo um complicado volteio durante a dança.





NA PÁGINA
se trava. O
têm sofrido

mesmo tem
das, Demóc
Socrates, 3
dois milh
colonias a
novou as
vou, em s
se tornar
esta terra
Olimpo é
donde a

DA ESQU
A longa
é aqui in
jarros de



NA PAGINA AO LADO: — BATEM OS CIMBALOS — Os grupos rivais dos corredores de maratona põem-se a caminho. Os cimbais de bronze são percutidos, enquanto a luta se trava. Cena da moderna interpretação da antiga dança maratona. **EM CIMA: — OS INSTRUMENTOS MUSICAIS —** Os instrumentos musicais usados através do tempo têm sofrido pequenas variações de forma. Aqui vemos a senhora Pratsika, diretora da Academia de Dança de Atenas, tocando o cravo. As moças estudantes tocam os tambores, uma com a baqueta forrada outra com os dedos. Os outros instrumentos são a flauta e o clarinete.

mesmo tempo Milcíades, Leonidas, Trasíbulo, Epaminondas, Demóstenes, Alcibiades, Pericles, Platão, Aristides, Sócrates, Fídias; esta terra que devorou os exércitos de dois milhões de homens de Xerxes, que mandou suas colônias a Bizâncio, à Ásia, à África; que criou ou renovou as artes do espírito e as artes manuais e as elevou, em século e meio, a um grau de perfeição em que se tornariam típicas e não seriam mais ultrapassadas; esta terra cuja história é a nossa história e de que o Olimpo é ainda o céu de nossa imaginação; esta terra donde a filosofia e a poesia tomaram voo para o resto

do mundo, e para onde voltam sem cessar, como filhos que regressem à pátria: ei-la".

E' certo que a pequenina pátria de tantos milagres da história, da filosofia e da arte, como acontece com o resto do mundo, sofre, no momento, na sua carne e no seu espírito, as mais duras contingências da sua crônica de imortalidades.

Uma das reportagens mais cruéis espalhadas pelas revistas americanas, durante a guerra, foi mesmo a dos quinhentos gregos morrendo de fome, por dia, nas ruas de Atenas, enquanto os capatazes do nazismo lhes arre-

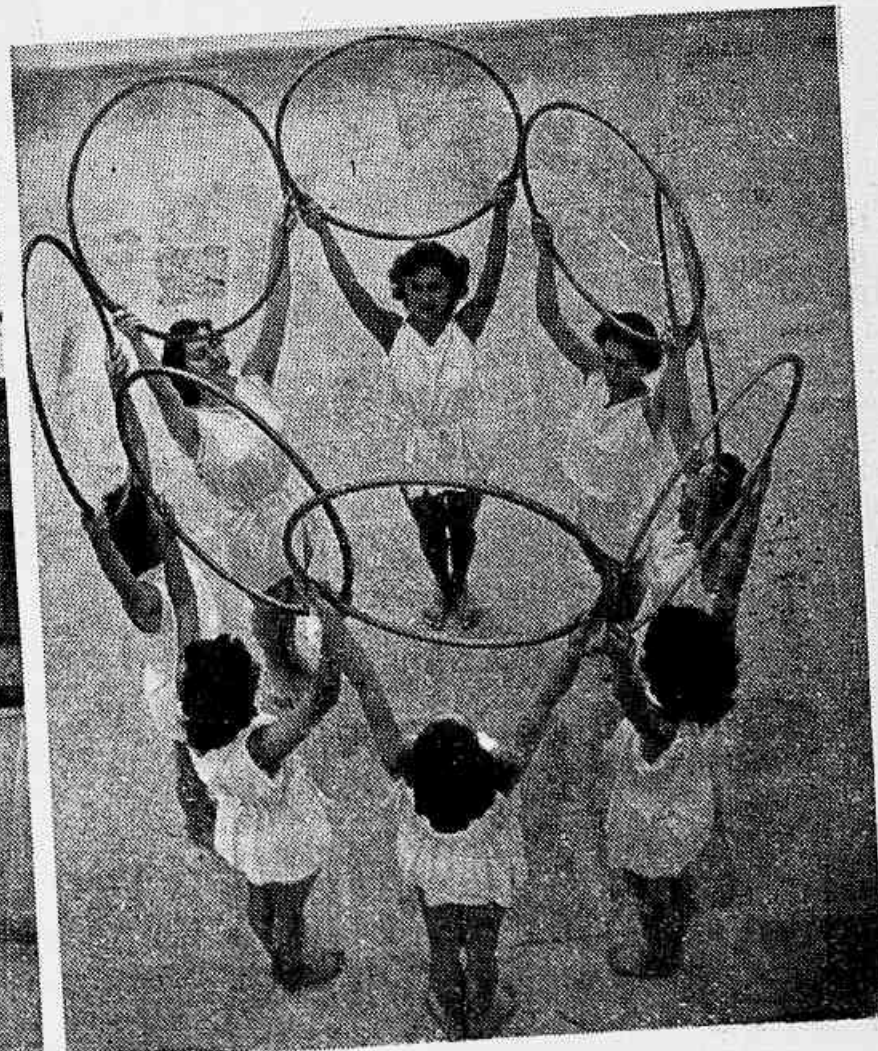
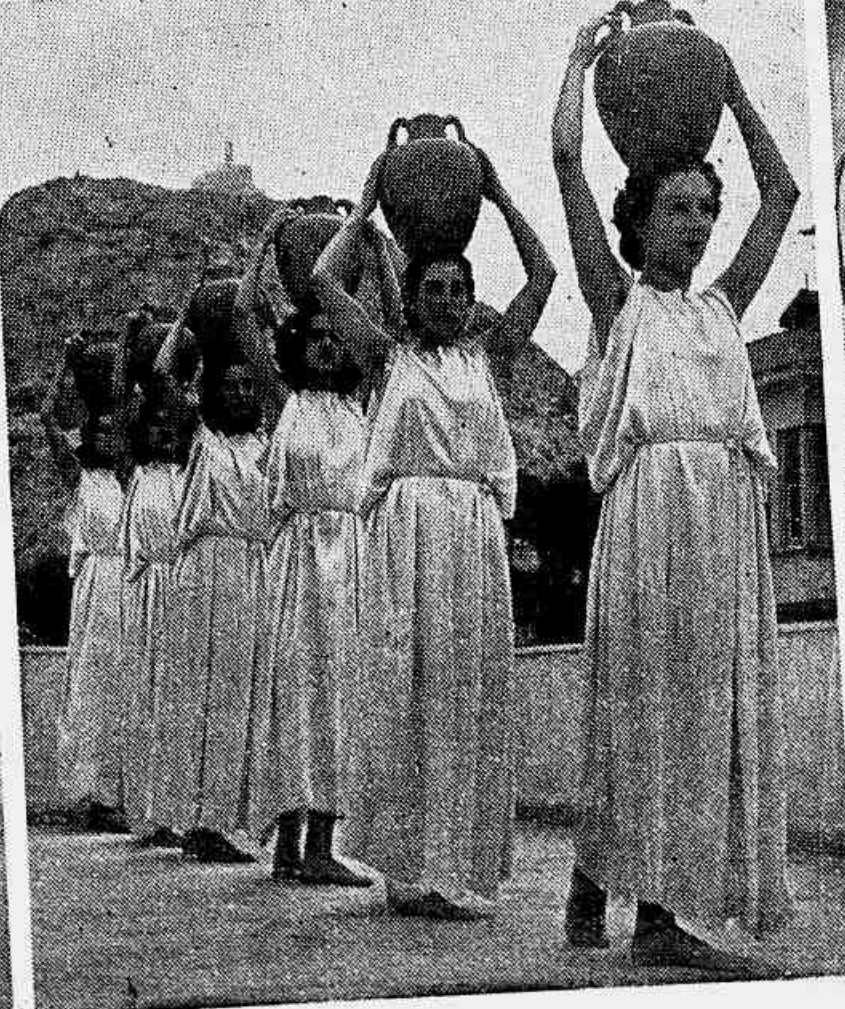
batavam, para os próprios regabofes, todos os meios de subsistência normal.

Depois, é o que tem vindo incessantemente no tremendo noticiário dos jornais, a espantosa chacina dos seus homens, ora guerrilheiros, ora comunistas, ao sabor do governo do dia.

São dezenas e dezenas de fuzilamentos, prisões em massa, julgamentos que não terminam mais. A guerra civil que a devasta hoje em dia tornou ainda mais ter-

(Continua na pág. 56)

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: A VESTE TRADICIONAL — A sra. Pratsika, diretora da Academia de Dança de Atenas, arranja a túnica de uma jovem dançarina grega. A longa veste grega, feita a mão, é conhecida como ateniense ou dórica. **AS AGUADEIRAS —** A dança das aguadeiras que ajudam a energia dos corredores da Maratona Olímpica é aqui interpretada por moças da Academia de Dança de Atenas. É uma dança muito graciosa, de passos simétricos. As moças vestem a tradicional túnica iônica e levam jarros de barro pousados na cabeça. **QUADRO SIMBÓLICO —** A simplicidade em tudo era sempre a nota primordial da cultura grega. Aqui se acham moças da moderna Atenas, executando a dança olímpica. Vestem túnicas curtas e usam arcos de madeira singela, como símbolos dos jogos olímpicos.



A VIDA DE SÃO PAULO

2 d. C. — 67 d. C.

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

SEU nome era Saulo. Mas seus pais lhe chamavam afetuosamente Paulo, o Pequeno — alcunha grega do "caçula" da família. O pequeno Saulo era, não só o menor, mas também o mais vivo dos filhos do rico fariseu — um dos "Intérpretes da Lei" na Judéia. Nasceu na cidade de Tarso, o centro do comércio de lá do mundo antigo, o menino foi criado no conhecimento, não só da "vontade do Senhor", como dos costumes dos homens. Sua educação foi estritamente judaica, temperada com um pouco de literatura e filosofia gregas. Aos quinze anos, de acordo com a injunção dos mestres judeus, foi enviado ao Colégio Rabinico de Jerusalém para "estudar doutrina". Mas, antes de ser matriculado no colégio, aprendera o ofício de tecelão. Também isso estava de acordo com a recomendação dos mestres judeus. "Aquele que não ensina um ofício a seu filho, ensina-o a roubar".

Quando terminou o curso, estava pronto, como o resto dos seus colegas, a utilizar as mãos na conquista da subsistência, e a cabeça no ensino gratuito da lei".

Foi um aderente estrito da lei bíblica. Jejuava regularmente, não carregava fardos no sábado, lavava as mãos e esfregava os pratos — "os fariseus", escarneciam seus rivais saduceus, "esfregariam o próprio sol, se pudessem" — e observava meticulosamente cada uma das 248 prescrições e 365 proibições do Código Mosaico.

E insistia em que seus próximos guardassem essas prescrições e proibições com tanto rigor como ele. Achava ser parte de suas obrigações odiar aqueles que ofendiam a Deus. Acreditava que os mais graves ofensores de Deus eram os "judeus cristãos", e tomou parte ativa na sua perseguição. "A muitos santos encerrei nas prisões, e quando foram mortos, ajuntei a minha voz contra eles". Em certa oportunidade, assistiu ao apedrejamento de um cristão chamado Estêvão. Longe de sentir piedade ante o espetáculo trágico, foi "inflamado pelo zelo" de exterminar toda a seita. Com esse fim em vista, partiu na sua missão de ódio para a cidade de Damasco.

Nessa viagem aconteceu uma coisa a Paulo. Renan chama-lhe "um ataque de oftalmia". Pessoalmente, Paulo a interpretou como "uma visão de luz". O que quer que fosse, demos-lhes um nome científico ou sobrenatural, provocou uma transformação miraculosa em seu caráter. Converteu um homem de ódio em um homem de amor.

Mas deixemos o próprio Paulo contar-nos a sua visão. "E no caminho aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente me cercou um resplendor de luz do céu. Caí em terra, e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E respondi: Senhor, quem és tu? E disse o Senhor: Eu sou Jesus de Nazaré... E aqueles que iam comigo também viram a luz, mas não ouviram a voz do que me falava. E eu disse: Senhor, que devo fazer? E disse-me o Senhor: Levanta-te, e entra em Damasco; e ali te dirão o que te cumpre fazer... E como não podia ver por causa daquele resplendor, os que iam comigo me guiaram pela mão e me conduziram a Damasco..."

Paulo fora a Damasco para perseguir; entrou na cidade para abençoar.

II

Diz um velho e cínico provérbio oriental: "Por que me odeias? Porventura te fiz algum bem?" No momento em que Paulo cessou de perseguir, começou a ser perseguido. Primeiro que tudo, contatos dele, "sofri a perda de bens". Mas, antes de muito tempo, esteve na iminência de sofrer a perda da vida. Os fanáticos "tomaram conselho entre si para o matar... e guardavam as portas (de Damasco) tanto de dia como de noite". Unicamente por meio de hábil estratégia conseguiu escapar; seus amigos o desceram pelo muro da cidade, dentro dum cesto.

Começou uma vida de exílio voluntário. Trocou a sua bolsa por uma coroa de espinhos. Como os apóstolos, tornou-se um mercador de paz — artigo pouco lucrativo, pelo qual lhe pagavam com murros e pedradas. Até os Apóstolos a princípio o receberam com desconfiança. Tudo o que sabiam dele, é que fora um dos maiores opressores dos cristãos. Duvidavam da

sua conversão. "Quem sabe não será um espião?"

Assim, evitado tanto pelos judeus como pelos gentios, foi algum tempo uma voz desprezada. E um corpo torturado pela dor. No curso de suas viagens contraíra "um espinho na carne" — um caso crônico de malária, ao parecer — e em toda a sua vida de missionário não logrou curar-se dos padecimentos físicos. Muitas e muitas vezes, desalentado, pensou em descartar o seu fardo sobre ombros "mais valentes e robustos". Mas sempre, nesses momentos, recordava as palavras ouvidas na sua visão. Devia ater-se à missão a que se devotara — realizar, pacientemente e sem queixumes, "aquilo que te cumpre fazer". E resolvia continuar.

Duas pessoas o encorajavam nessa resolução — o Apóstolo Pedro, e o mercador de panos Barnabé.

Pedro foi o primeiro Apóstolo que o acolheu em seu coração e em sua casa. "Este homem não é espião. É um verdadeiro discípulo do Senhor". Convidou Paulo a passar com ele uma quinzena — período em que os dois amigos trocaram muitas idéias. E tiveram, quicá, não poucas alterações. Pois ambos eram irascíveis, discutidores — e, não obstante, estimáveis. O contacto com Pedro infundiu em Paulo a crença na singela bondade do coração humano.

O mesmo resultado do seu contacto com Barnabé. Esse animador de homens — Barnabé quer dizer *filho da consolação* — renunciou, como o próprio Paulo, a uma carreira proveitosa para pregar a palavra de Deus. Ou antes, para encorajar Paulo a pregá-la. Porque, pessoalmente, era antes homem de ação que de palavra. Jovial, destemido e senhor de si, este an-

ção paternal, de barbas abundantes e fisionomia aberta, era quem trazia supridos de dinheiro e esperança os "irmãos". Conheceu Paulo em Tarso, aonde fora espontaneamente "com o fim de procurá-lo." Ficou encantado com o mocinho esbelto de voz eloquente, que, gracejando, se referia a si mesmo como "um rabino sem congregação". Incitou Paulo a procurar sua congregação de terra em terra. "Se os judeus não querem escutar-te, vai então para o meio dos gentios".

Paulo agradeceu-se da sugestão do mais velho. Era uma idéia atrevida e fascinante, esse plano de tirar "a palavra" de dentro dos seus limites tribais e espalhá-la por todas as nações da terra. "Farei como aconselhas", disse a Barnabé.

E assim "a palavra de Deus se expandia".

III

Juntos, o moço e o velho partiram para Antioquia. Aninhada entre o Monte Silvío e o Rio Orontes, a "Pérola do Oriente" era um escritório de estátuas, palácios, cascatas e parques. O bulevar de duas milhas que atravessa o centro da cidade estava calçado de "mármore branco deslumbrante — uma avenida digna de ser trilhada pelos deuses". Foi nesse baluarte dos deuses pagãos que o judeu exilado veio criar uma religião nova.

Pois o cristianismo nasceu em Antioquia. Antes da chegada de Paulo àquela cidade, os adeptos de Jesus constituíam apenas uma das muitas seitas judaicas. Acataavam os profetas judeus, obedeciam às leis judaicas, — "não vim destruir a lei", declara Jesus, "mas dar-lhe cumprimento" — e guardavam as festividades ju-

daicas. Não tinham igreja própria; como os outros judeus, reuniam-se nas sinagogas. A palavra *cristianismo* ainda não fora inventada. Os discípulos do "Profeta Nazareno" chamavam à sua doutrina revolucionária, simplesmente, *O Caminho*. Essa era a situação, alguns anos depois da morte de Jesus, até que, um dia, "foram os discípulos chamados cristãos, em Antioquia". A palavra *cristão* é a tradução grega do termo hebraico *mes-sianista* — isto é, discípulo do Ungido. Mas ainda por algum tempo, depois de receberem o novo nome, os cristãos se apegaram à religião antiga. "Para ser cristão, é preciso primeiramente ser judeu".

Então veio Paulo de Tarso e levantou um templo novo, mais adequado à nova denominação. O cristianismo, declarou, já não é uma religião exclusivamente para judeus, mas também para os gentios. (*Gentios* é uma palavra latina que significa *as nações do mundo*). E, a fim de tornar mais fácil aos povos não-judeus, com suas frouxas práticas pagãs, o adaptar-se à nova religião, despojou-a das prescrições e proibições do velho judaísmo ortodoxo. Substituiu-lhes um único requisito para a salvação — a fé na divindade de Cristo. "De onde concluímos que um homem é justificado pela fé sem as obras da lei".

Foi um atrevido rasgo de gênio. Pois o espírito humano está sempre à procura do caminho mais simples para a liberdade. O cristianismo popularizou-se no meio dos gentios. Mas em breve eles descobriram que o caminho não era tão simples como tinham imaginado. "Os deuses antigos tomam-se de ciúmes quando chegam os novos deuses". Os soberanos pagãos do mundo, particularmente os césores romanos, enfureciam-se contra os novos "apóstatas dos usos de seus pais". As estradas no império romano entraram a iluminar-se com tochas humanas. Era à luz dessas tochas que Paulo ia de cidade em cidade, absorvido no serviço de "Jesus, o Filho de Deus". A seu primitivo princípio de fé, entendeu necessário acrescentar outros dois — esperança e amor. Os sofrimentos lhe ampliaram o espírito. Seu templo do cristianismo asentava agora em três pedras angulares. "E dessas, a maior", escreveu (na sua Primeira Epístola aos Coríntios), "é o amor".

IV

Paulo foi um desses raros indivíduos que traduziram o amor passivo em caridade ativa. Devotou sua vida, não apenas à pregação da palavra, mas à organização de fundos de socorro aos pobres. Onde quer que aparecesse entre os cristãos, era duplamente bem-vindo. Pois trazia-lhes uma dupla bênção — alimento para o corpo e maná para a alma.

Mas nas comunidades não-cristãs, o caso era outro. O mundo pagão, afeito à multiplicidade dos deuses, não sabia como recebê-lo. Um dia, chegou, em companhia de Barnabé, a Listra — aldeia incrustada nos recursos do Kara-Dagh, a Montanha Negra. Era lá, de acordo com as lendas gregas, que os dois deuses pagãos, Júpiter e Mercúrio, tinham ido uma vez visitar Filémon e Baucis. Quando Barnabé e Paulo entraram pela rua da povoação, os habitantes arregalaram os olhos de espanto para os dois forasteiros — um, de abundantes barbas brancas; o outro, de figura gracil e airosa. Aquela noite, Paulo pregou-lhes a "boa nova — como Deus cumprira a promessa feita aos antepassados". Os habitantes arregalaram novamente os olhos, com espanto ainda maior. A manhã seguinte, Paulo foi despertado por um atropel de vozes e cantos. A população acorrera à sua pousada com um touro engrinaldado pronto para o sacrifício.

— A quem é dirigido o vosso sacrifício?

— A ti, e a ti, — respondeu o sacerdote, apontando sucessivamente Barnabé e Paulo. — Pois na verdade cremos que sois Júpiter e Mercúrio, de regresso à terra.

Paulo explicou ao povo que ele e Barnabé não eram deuses, mas homens. "Vimos para o meio de vós a fim de vos con-



São Paulo

VIDA LITERÁRIA

LEMBRO-ME de ter conhecido Rachel de Queiroz, por volta

MINHA PATRICIA RACHEL

ta de 1930, quando voltei ao Estado do Ceará, depois de formado na Bahia: mecinha ainda, de saia preta, blusa branca e boina azul marinho, os olhos imensamente curiosos e um certo ar entre caipica e frequista, a escandalizar o pessoal da terra, por se sentir nos cafés da Praça do Ferreira, com os rapazes do Liceu. Pouco tempo depois, quando aos botões pelas Lavras Diamantinas, às voltas com o paludismo, a sífilis e a antracose dos garimpeiros das margens do Paraguassu, fazia o meu brevíssimo surto clínico, foi na cidade de Andaraí que recebi o seu "O Quinze" e ainda hoje não me perdoo ter deixado a Augusto Frederico Schmidt a fama de ter sido seu arauto no campo das letras, pois nenhum livro brasileiro me deu maior choque direto com um pedaço do mundo em função literária do que aquele pequeno romance que era uma pequena obra prima. Era o Ceará inteiro que me vinha de novo de improviso, o meu Ceará das suas bíblicas que eu andara varando em 19, com o seu céu fuzilante, as suas várzeas de pura cinza do mundo morto, o esqueleto dos seus rebanhos e das suas árvores, a ronda goyesca das suas retirantes — a apagar o relance a bruta paisagem de pedras, serranias ásperas e grotões gorgolantes que era então o meu "habitat" de espantos. Naquela hora, porém, perdido numa tremenda crise moral, face à dúvida de um futuro que se cerrava em torno de mim, como os próprios chapadões balanços do meu horizonte de subsidiário, quem era eu, para, do fundo daquelas grotas perdidas, tentar o novo grito de "escritor do Norte", capaz de abalar as ouças da metrópole? Nem por isso deixei, no entanto, de seguir passo a passo, pelo correr dos tempos, a carreira

triuful da patriciazinha de tão alto destino literário que se elevaria logo mais à primeira categoria dos romancistas do norte, ao lado do bloco de José Américo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Amândio Fentes. "O Quinze", "João Miguel", "Caminho de Pedras" (que em boa hora o editor José Olímpio acaba de lançar este mês, no volume de "Três romances"), "As três Marias", firmaram definitivamente o nome daquela que é hoje considerada um dos mais vigorosos escritores do Brasil. Mas, a grande Rachel, a de nora ímpar, de estilo peculiaríssimo, de prodigiosa acuidade literária e humana, ainda estava para se revelar devidamente, num gênero até aqui em geral ignorado, por efetivamente ao alcance de todo e qualquer rabiscador de letras. Foi, na verdade, assinando certas crônicas na "Folha Carioca" e no "Correio da Manhã", há coisa de quatro anos, que descobrimos, ao lado da autora de quatro romances consagrados, a presença duma nova escritora, que, embora tratada de temas muita vez banais, logo se elevava a alturas raramente atingidas na língua portuguesa. No seu caso, a crônica deixa de ser um simples registro de fatos do cotidiano, para adquirir corpo de obra permanente, foros de literatura de primeira plana, documentário verbal da mais alta expressão estética. Não há nenhum intuito pejorativo em se dizer mesmo que esse talvez tenha sido o seu "estalo" de Vieira, não que aos seus livros do passado caiba qualquer despreço dagora por diante, tão alto igualmente o seu sentido humano e o vigor da sua linguagem plástica,

de que a releitura desta nova edição antes renova o primitivo encantamento, mas porque suas páginas desta fase atual servem para a verdadeira criação dum gênero que oscila entre a crônica e a memória, com um vivo sabor de novidade e uma capacidade de beleza de que não vemos exemplo entre nós. Acontece, assim, que a reunião de algumas das mais admiráveis dessas páginas — que admiráveis, aliás, e pode dizer de quantas têm aparecido sob o seu nome, nestes últimos anos — sob o título "A Donzela e a Moura Torta", em edição também de José Olímpio — vem mostrar esta coisa extraordinária: que a sua publicação em livro lhes dá um cunho de obra homogênea, a despeito da fulgurante versatilidade da temática, pelo poderoso sopro de lirismo, pela pungente penetração humana de tantas delas, pela maravilhosa perfeição literária a que a escritora atinge nessas crônicas. Tudo isso, porém, numa absoluta simplicidade de meios, num estilo de essencial e límpida sobriedade, pura carne, pura chama, especialmente puro amor pela pobre criatura humana dos nossos dias. Há antíteses, há analogias, há imagens, há sugestões, dessas de deixarem a respiração suspensa, há uma força de evocação, principalmente quando se trata do Ceará de nos por os olhos escurecendo, como nessa pequena sublimidade que é "Guaramiranga" e é também "Chuvvas no Ceará" e é mais, num sentido mais geral, "Sen Chico", e "Um brasileiro" (que mestre Graciliano Ramos diz ser um pequeno grande romance) e é "Olhos miopes", com uma palpitância de céu dentro do seu texto maravilhoso e é "Saudades do Carnaval", aquela história da moça morta orvalhada que nem uma flor e é "Cinquenta e cinco milhões de baixas", tudo isto enfim deste livro que é todo ele só de coisas belas. H. L.



O famoso autor de "A Cidadela", dr. A. J. Cronin, já bem conhecido dos leitores brasileiros.

UM NOVO ROMANCE DE CRONIN

Desde a publicação de "A Cidadela", na magnífica tradução de Genésio Amado, os romances do famoso doutor A. J. Cronin caíram no gosto do público brasileiro. "Sob a luz das estrelas", "As chaves do Reino" e os seus demais volumes, também editados por José Olímpio, têm sido grandes sucessos de livraria. Os jornais americanos anunciam agora o lançamento do que parece ser um dos maiores livros de conhecido escritor inglês, relacionado, como "A Cidadela", com a vida de um jovem médico, Robert Shannon, que um legado do avô permite apenas atingir o diploma e se vê em luta com uma pungente pobreza e com os seus ambiciosos ideais de pesquisa científica. A ambição do jovem, seu calado amor por uma colega, Jean Law, de quem o separa um vasto abismo de fundo religioso, o impenitente ardor do homem de ciência, que se vê desajudado de tudo e de todos, fazem do livro, segundo os críticos, um drama de intenso interesse, de profunda beleza literária e de segura observação psicológica. O título inglês do romance é "Shannon's Way", que os leitores brasileiros certamente não deixarão de ler em breve, em tradução para a nossa língua, como tem acontecido com os outros livros do dr. Cronin.

EMILY BRONTE NASCEU HÁ CENTO E TRINTA ANOS

Há cento e trinta anos, nascia em Thornton, na Inglaterra, Emily Bronte, autora de "O morro do vento uivante", considerado universalmente como um dos maiores romances jamais escritos. O ano passado celebrou-se em todo o mundo o centenário do aparecimento desse livro genial, e em dezembro do corrente ano decorrerá, por sua vez, o centenário da morte da estranha e furtiva criatura que viveu pouco mais de trinta anos, deixando, todavia, uma obra imorredoura, apesar de constituída apenas por aquele romance e um livro de poemas, "O vento da noite", ambos traduzidos para o nosso idioma e publicados pela Editora José Olímpio. Esses dois livros, de tão profunda substância humana e de tão alto cunho literário, continuam a afirmar a vitória do gênio sobre a transitoriedade das coisas e da vida.



A genial Emily Bronte, autora de "O morro do vento uivante" e de cuja morte decorrerá o centenário em dezembro deste ano.

REVISOR MECÂNICO

Uma estranha notícia, vinda, como sempre, dos Estados Unidos, anuncia que um professor da Folger Shakespeare Library, o dr. Carlton Hinman acaba de descobrir nada menos do que um revisor mecânico. Trata-se de um aparelho especial, no qual a célula foto-elétrica desempenha o papel principal. Em poucos segundos, faz-se, com perfeita segurança, a revisão duma página inteira. De agora em diante certos escritores vão passar mal, porquanto não podem mais lançar a culpa de suas sinçadas ortográficas à conta dos calunhados mártires desse ingrato e cansativo ofício.

OUTRO PROCESSO POR CAUSA DE "O AMANTE DE LADY CHATTERLEY"

A famosa obra de D. H. Lawrence movimenta de novo os tribunais da Inglaterra e da França, em virtude dos processos que editores de Londres e de Paris movem contra outras casas do mesmo gênero, acusadas de terem publicado uma versão da obra que não é a original e cujos direitos lhes pertencem. Sabe-se, aliás, que Lawrence escreveu três versões completas de "O amante", o que torna difícil prever-se o resultado do litígio.

"PROVINCIA DE SÃO PEDRO"

Falando há pouco de revistas e suplementos literários, chegamos a lamentar que a excelente "Província de São Pedro", uma das melhores publicações do gênero já aparecidas no Brasil, parecia ter suspenso a circulação. Felizmente esse receio se dissipa com a vinda do último número, o décimo, da magnífica e prestigiosa revista de cultura editada pela Livraria do Globo, sob a direção do esplêndido ensaísta que é Moisés Vellinho. "Província de São Pedro", pelo seu conteúdo e pela calorosa acolhida que tem tido em todo o país, transcende o âmbito regional, valendo como demonstração das mais expressivas da cultura nacional e universal. A seu respeito escreveu José Geraldo Vieira, o grande romancista de "A mulher que fugiu de Sodoma" e "A túnica e os dados": "A revista gaúcha 'Província de São Pedro' não é um calhamaço de literatura de tradição, nem tampouco uma experiência revolucionária de estética. É, isto sim, em forma e conteúdo, a revista onde faz ponto a inteligência séria do Brasil". Esse último número, agora posto à venda, contém um sumário do maior interesse, de que se destacam os seguintes ensaios: "Antes e depois de Balzac", de Otto Carpentier; "Língua e caráter", de Érico Veríssimo; "Um curiosíssimo estudo dos idiotismos americanos: 'André Gide'", de Charles Rolo e Jean de Seguey; "As congadas do sul do Brasil", de Roger Bastide, e outras colaborações do mesmo nível, de Reynaldo Moura, Darcy Azambuja, Maria Julieta Drummond, Paulo Ronai, João Clímaco de Oliveira, Silvio Neves, Breno Accioly, etc.

SEMANA FOLCLÓRICA

Há cento e dois anos o etnólogo inglês William John Thomas usava pela primeira vez a palavra "folk-lore". Em comemoração a essa data, a Comissão Nacional de Folclore tomou a iniciativa de promover uma Semana Folclórica, a partir do dia 22 do corrente, com um ciclo de conferências, exposições, mesas redondas sobre assuntos e temas populares, exibição de filmes, teatro de marionetes e um grande festival de cantigas de roda e folclore infantil.

NO RIO O SECRETÁRIO E A NETA DE RABINDRANATH TAGORE

Como adido cultural da Embaixada da Índia, no Brasil, acha-se há alguns meses no Rio o sr. B. Kripalini, que foi secretário de Tagore e é casado com uma neta do grande poeta da pátria de Ghandi. A senhora Kripalini é também escritora, continuando, assim, as tradições do avô, de quem o leitor brasileiro conhece já diversos livros — "A lua crescente", "O jardineiro", "O Gitanjali", "Memórias", etc. — excelentemente traduzidos por Guilherme de Almeida e outros nomes do maior prestígio nas letras brasileiras, e publicados em lindos volumes pela Editora José Olímpio.

A TETRALOGIA DE JOSÉ

Thomas Mann, que alguns consideram o maior romancista vivo, detentor do Prêmio Nobel, com a sua monumental "Montanha mágica", empreendeu, como se sabe, uma tetralogia bíblica, de que é figura principal José, filho de Jacó. A Livraria do Globo, que já havia lançado há meses "José e seus irmãos", escolhido como "Livro do mês", em agosto ou setembro do ano passado, quando do seu aparecimento, lança agora, na sua magnífica Coleção Nobel, o segundo volume desse ciclo, "O jovem José", no qual o grande escritor alemão relata o drama do filho de Raquel, belo rapaz, de sentimentos delicados e sonhos de artista, em choque terrível com a brutalidade dos irmãos feios e rudes. Thomas Mann, nesse livro, consegue uma fusão admirável do espírito clássico da antiguidade com o sentido da era contemporânea, o que levou Agnes Meyer a dizer que "O jovem José" marca o estabelecimento de uma verdadeira literatura universal, como Goethe a previa e como Nietzsche desejava, ao verborrar as restrições do nacionalismo. A narrativa bíblica incorpora-se, assim, ao número dos romances de poderosa e pungente atualidade, pela profunda emoção de que se reveste a luta do ódio e da inveja rasteira contra o espírito de renúncia e de rebeldia intelectual, que é de todos os tempos.



Mann, o grande romancista de "Montanha mágica", atualmente apresentado ao público brasileiro com o seu ciclo de José do Egito.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

O sr. Maciel de Oliveira não demonstra no presente livro mas em volumes anteriores provou que faz bons versos quando quer. E por que não quer sempre? Por que adotou a moda, ainda há pouco no auge mas já agora em visível decadência, de se fugir tanto quanto possível às regras clássicas e ao sagrado padrão da arte de versificar. Uma vez, porém, que lhe não falta inspiração nem engenho, um dia, como a tantos outros poetas tem sucedido, passará a metrificar e rimar com acerto, verificando que assim as suas produções nada perderam — muito pelo contrário. Esperemos. E, enquanto tal acontecimento se prepara, vamos apreciando, nas páginas de *Êxtase*, composições ora sem cadência ora sem rima ou sem as duas coisas, mas em que se nota o fundo de belo sentimento e o adorno das imagens felizes. Eis uma confissão que traz bem o cunho espontâneo e impetuoso da mocidade e que se intitula *Inconstância*:

Perdoa, amor, se não sou sincero...
Por tôdas que eu vejo me apaixono...
E querendo a tôdas como quero.
Tenho como castigo o abandono...

E eu te amo tanto, tanto...
Mas noutra que por acaso vejo,
Descubro um novo e irresistível encanto,
Tenta-me a aventura, o desejo...

É a inconstância de onda que me invade,
A volúpia de inquieto viajor
Que me faz sentir a volubilidade
E a insatisfação eterna do amor!

ÊXTASE

Páginas de poesia de Maciel
Oliveira

★

Pongetti — Rio de Janeiro
1948

TEMPLOS HISTÓRICOS DO RIO DE JANEIRO

Pesquisas e comentários de
Augusto Maurício

★

Rio de Janeiro, 1948

Em poucos meses se esgotou a primeira edição deste livro de real valor. E assiná-lamos: "de real valor", porque nem sempre — e toda a gente sabe disso — o êxito de mercado corresponde ao merecimento do escritor e às virtudes da obra. Frequentemente se tem notícia de tiragens enormes, por exemplo, de romances inferiores, produtos de mera fanciaras, se não notáveis apenas pela libertinagem e a torpesa, ao passo que nobres criações de pensamento e de arte jazem, em pilha, no balcão dos livreiros ou são relegados para o fundo do estabelecimento, até que o autor e seu verdadeiro editor os mande buscar. O chamado grosso público pratica a miude dessas injustiças; e aqueles que podiam educar-lhe o espírito e o sentimento não fazem, por via de regra, senão manter-lhe o mau gosto para, o mais possível, o explorarem. O rutilante João da Eça dizia estar retardando a publicação do seu famoso livro *As memórias de um átomo*, à espera de que o país soubesse ler. Esperemos nós também que a maioria dos frequentadores, tanto de livrarias como de "sebos", aprendam, à sua custa, a distinguir o bom do mau.

Com os *Templos Históricos do Rio de Janeiro* nos oferece o sr. Augusto Maurício uma obra em tudo e por tudo digna da estima dos educados, dos entendidos. Sem pedantismo erudito, sem rebuscamentos de estilo ou qualquer propósito de sensacionalismo, compôs estas trezentas páginas, que da primeira à última, deveras interessam. Contamos a história de cada igreja e cada capela, história a que se

mistura, às vezes, um pouco de lenda que a não prejudica, antes a enriquece, graças à contribuição, preciosa sempre, da poesia. Com o mais escrupuloso cuidado reuniu e combinou os dados de informação; confrontou e apurou as datas que em documentos diversos não concordassem; procurou dar a cada episódio o vulto e a importância que lhe competiam. O seu trabalho foi sempre, além de esmerado, superiormente honesto. E assim qualquer de nós, acompanhando com a devida atenção estes capítulos, ficará conhecendo um pouco melhor ou até muito melhor as casas de religião que não só respeita como também admira: uma vasta e opulenta Coladária; uma discreta e com ares de remota Santa Antônia dos Pobres; uma principessa, imperial Nossa Senhora da Glória; e a Lapa dos Mercadores, onde se respira a tradição festiva e se sente a devoção do povo; a Penha, que passou de madrinha de foliões e valentões, a padroeira de intelectuais, poetas e de todos nós, jornalistas; São Bento e São Francisco da Penitência, nos quais, celebrando os milagres dos santos, também as mãos dos homens, em obras de arte, de imortalizaram... E todas as grandiosas ou enternecedoras moradas de Deus nesta terra por Deus tão favorecida e sempre tão abençoada.

Enriquecem o volume numerosos desenhos e fotografias

★

O sr. Joaquim Leitão é um dos escritores portugueses de mais ampla e variada bagagem. Figuram nesta o romance, o conto, a crônica, a entrevista, o teatro, a conferência, a biografia, o ensaio crítico o estudo histórico, o comentário político ou social. Anda tudo por vinte e oito volumes e cerca de quarenta opúsculos contendo os seus discursos e mais importantes comunicações na Academia das Ciências de Lisboa, bem como trabalhos de revista, jornal, etc. Assim o homem de letras se tem multiplicado — ou dividido — através de uma carreira que já vai longe mas se mantém ativa e brilhante, como sempre.

Desta vez, é uma série de contos que o sr. Joaquim Leitão nos oferece; e ainda nesse tipo literário se ostenta a diversidade dos temas e dos processos de execução. Além de um prólogo intitulado *Décima musa*, constam do volume três partes distintas: *Figuras de hoje, Figuras de ontem, Figuras eternas*. São assim indicados os assuntos lisboetas ou provincianos, algumas reconstituições de figuras e cenas da Itália antiga e um grupo de criações religiosas

Situa-se o prólogo no Olimpo, num momento em que Zeus, fatigado — o que é bem pouco divino — de governar os mundos, adormece e as Musas que, a princípio, na mitologia grega, eram três e depois subiram a nove, entram a discutir os próprios méritos e privilégios perante a eternidade. Sem que as modere o receio de interromper o sono do amo e senhor prolongam aquela controvérsia, so leno por vezes, outras vezes acalorada, quase colérica... Em matéria de rivalidade, prioridade, são as deusas iguais às mulheres; não há meio de chegarem a acordo. Mas o autor mais ou menos consegue conciliá-las, levantando a criar uma nova musa, a musa número dez, de maneira que nenhuma das nove se sinta vencedora nem vencida. E, da primeira à última linha destas vinte páginas, o estilo se mantém engalanado e altíssimo, por entre a pontaria das imagens e as frases em que há uma espécie de orquestração.

Nas histórias regionais entram lavradores e cantadeiras, gente de feira e de romaria, alguns ciganos também que, nomadas embora, de certo modo se enquadram no cenário, se envolvem no ambiente, assumem o aspecto e a vida do *terroir*. Avalta nessa série o caso de um moço, trabalha-

der de pedreira, que sonhou ser escultor e, apanhado por um bloco enorme, morre em plena ilusão. Entre as narrativas lieboetas vem a aventura de um monárquico dos vendidos no combate de Monsanto, o qual é levado a salvação por uma mulher que lhe não diz quem é nem pergunta como ele se chama — e esse conto deixa imaginar, adivinhar, talvez, alguma coisa de autobiografia. Seguem-se evocações da Lisboa antiga, com as suas ruas pitorescas, os seus personagens que, pela fisionomia, o indumento e as palavras, parecem hoje lendários. E a última parte do livro resa — é duplamente o caso de se dizer — das notidades à lareira, das crenças e práticas de que se compõe a poesia popular do Natal.

Continue o sr. Joaquim Leitão, por muitos anos e bons, a escrever e a publicar, eis o voto que, de espírito e coração, devem fazer todos os amantes das belas letras.

★

TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE

★

Tradução de Oliveira Ribeiro
Neto

★

Livraria Martins Editora —
São Paulo, 1948

Que fizessem obra para larga divulgação e para durar, só conhecíamos até agora três tradutores de peças inteiras de Shakespeare: dois portugueses, El Rei D. Luís e o sr. Júlio Damas, e um brasileiro radicado em Portugal, José Antônio de Freitas. Foram deste último as excelentes versões de *Hamlet* e de *Otelo* levadas à cena em Lisboa, cabendo em ambas o protagonista a Eduardo Brásão, outros personagens a João e Augusto Rosa, e merecendo também especial referência o grande Antônio Pedro que, no Coveiro do *Hamlet*, conseguiu a mais surpreendente e impressionante criação. José Antônio de Freitas teve que acomodar as peças às condições do teatro moderno que as poderiam favorecer perante os hábitos e as exigências do público. Em vez de observar a divisão das cenas, formando cada uma um quadro, fundiu-as tanto quanto possível para evitar as dificuldades que a *mise-en-scène* ofereceria sem as simplificações e as convenções da primitiva. O que então se fez para a interpretação de Brásão e Rosas já em Itália se havia feito para as de Emmanuel de Rossi, mais tarde de Novelli e de Zaccarelli. Arranjos semelhantes, fora da tradução exata de Letourneur, se elegeram em França, onde o *Hamlet* foi encarnado por Mounet Sully, Albert Lambert fils e Sarah Bernhardt — para só falar dessa peça e dos três maiores intérpretes. Em outros países análogas modificações sobre o original shakespeariano. E na Rússia os adaptadores foram às do cabo: alteraram a ação e os diálogos, vestiram personagens à moderna, tudo atualizaram e tanto quanto possível "russificaram".

O sr. Oliveira Ribeiro Neto não precisava de atender às imposições do palco. Fez obra honesta e fiel. Respeitou o texto, não apenas no sentido dos termos, mas também na extensão das frases e no seu efeito musical. Por isso, às vezes acontece experimentar o leitor certa estranheza ante o feitiço dado às orações que nenhum escritor dos nossos se lembraria de compor assim. Mas o consagrado rimador das *Canções das sete cores* e dos *Cantos de glória* cuida o mais possível de manter a sua correção e elegância de prosador, sem prejuízo do corte, o jôgo, o ar do estilo original. Está visto que, para bem se avaliar este trabalho, seria necessário conhecer a fundo o inglês e a linguagem daquela época — o que infelizmente não é o nosso caso. Julgamos, porém, ter bem a impressão, a noção da maneira como o sr. Oliveira Ribeiro Neto cumpriu a sua tarefa, empregando nela, a par dos recursos da inteligência e da cultura, um esmero perfeito. Assumiu em *Romeu e Julieta*, assim em *Hamlet* e *Macbeth*, as três peças que formam o presente volume. Não pensa ele em fazer representar. Se, porém, houver um diretor teatral bastante artista — cuidadoso para isso, tanto melhor.

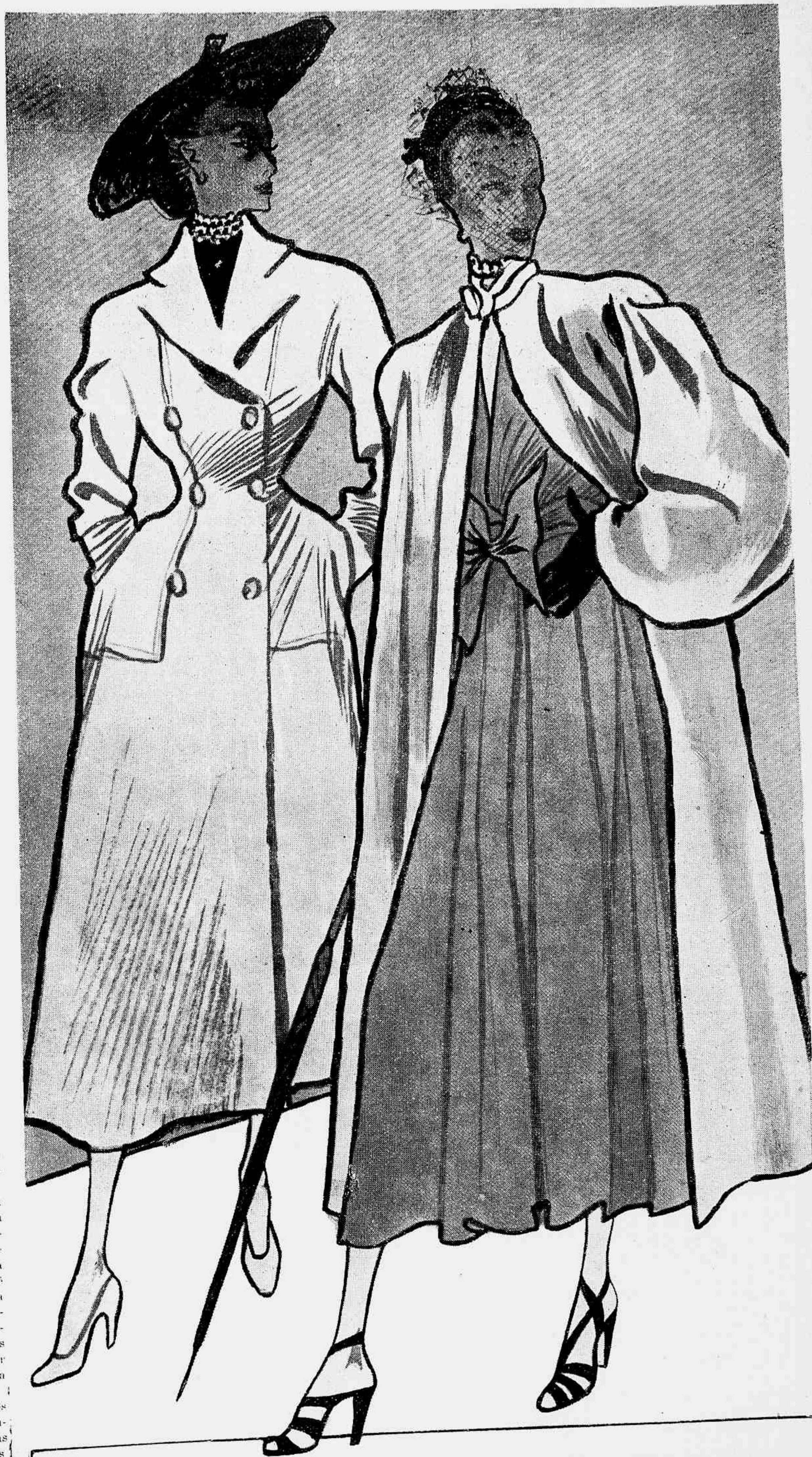
A INCONSTÂNCIA DE CHRISTIAN DIOR

A nos guiamos pelo que dizem os recentes telegramas de Paris, Christian Dior, o homem que revolucionou a moda feminina, introduzindo a saia ampla e comprida, a cinturinha de vespa e os ombros arredondados, mudou de idéia. Não sabemos quais os motivos que o teriam levado a uma tão brusca mudança de opinião, mas bem que gostaríamos de conhecê-los. Sabemos que Mr. Dior lançou a nova moda a fim de fazer voltar a mulher à época em que existia nos seus trajes e na sua silhueta maior poesia, maior graça, maior beleza. Alegava ainda Mr. Dior, a fim de impingir às mulheres do mundo inteiro as suas inovações, que falta à mulher atual (a do ano passado) a feminilidade tão necessária à sua atração. O que era preciso, sem perda de tempo, era readquirir essa feminilidade, o que se conseguiria acentuando certas curvas e gastando alguns metros mais de fazenda na confecção de um vestido. Fosse porque estivessem cansadas da moda em uso, fosse porque se iludissem com a promessa do retorno ao romantismo e ao cavalheirismo, o fato é que, não sem alguma relutância e muita oposição, as mulheres aderiram à "nova linha". Foi uma completa revolução na silhueta e no bolso. Dispendiosíssima, a nova moda levou muita gente a fazer verdadeiros sacrifícios. Podia-se até passar sem almoço durante um mês, mas sem uma saia comprida, nunca! Muitos maridos viram sumir, de um momento para outro, as suas poucas reservas, só porque a "cara-metade" se recusava a sair com vestidos fora de moda. Um novo guarda-roupa teve que ser feito, pois raros eram os vestidos que podiam ser ostentados na rua, apesar das barras e dos babados que o encompridavam. E tudo o mais sofreu a influência da nova moda. Sapatos de ponta e de coleira; saias de baixo com babados e rendas; guarda-chaves com mais de um metro de comprimento, bolsas retangulares, jóias antigas, etc., etc.

Quando, finalmente, a mulher se encontrou em condições de poder enfrentar a opinião pública e o olhar das amigas (não nos referimos às que têm dinheiro bastante para adquirir logo qualquer novidade que apareça), quando, finalmente, ela pôde ostentar, orgulhosa, a sua saia de seis metros de pano; quando, finalmente, se achou pronta, rigorosamente em dia com o "new look", eis que chega o terrível telegrama: "Christian Dior apresentará saias mais curtas para o outono próximo. Apenas cinco centímetros abaixo da rótula e nada mais!". Cinco centímetros abaixo da rótula, nem mais um milímetro! Nada mais de saias pelos tornozelos (sempre existiu o exagero) e, certamente, atrás disso outras novidades virão! As combinações voltarão a viver dias gloriosos, os sapatos passarão a ser redondos ou quadrados, os guarda-chuvas encolherão... Tudo porque Mr. Dior mudou de idéia. É possível que Mr. Dior se tenha democratizado. Ele que, pela voz de um seu desenhista, declarara que a nova moda era feita apenas para as mulheres ricas, para aquelas que possuíam carros e "chauffeurs", pois que já era tempo de diferenciar pelo traje a mulher ociosa da mulher que trabalha, é bem possível que tenha mudado de idéia a esse respeito. Talvez que agora, desiludido com esse grupo tão requintado, procure se agarrar ao outro grupo, menos rico e mais numeroso, mas que nem por isso deixa de ter bom gosto e elegância e procura andar em dia com a moda.

Cuidado, porém, Mr. Dior. As mulheres deste último grupo não gostam de ser tratadas como "bonitas cabeças ócas": elas querem vestir bem, querem ser graciosas femininas, etc., mas não têm tempo e dinheiro para perder com as suas indecisões. Decida-se de uma vez, Mr. Dior, e procure agora palavras mais bonitas para justificar a sua própria inconstância.

Kitty



NOS BASTIDORES FEMININOS

Aqui estão dois elegantíssimos casacos, criações de Christian Dior, para os dias de inverno.



LUCILIA FRAGA E AS FLORES QUE NÃO MURCHAM

TODOS os anos, mais ou menos por esta época, fins de inverno, chegada da primavera, as flores de Lucilia Fraga enchem o salão do Palace Hotel. São as primeiras da estação e todo o Rio intelectual corre a senti-las a caridosá docura. Ninguém como a pintora paulista sabe transportar para a tela o colorido, a leveza, a doce fragilidade das pétalas e dos caules. E a transparência dos cristais, a graça esmaecida das velhas porcelanas. Especializou-se no gênero, embora pudesse vencer em outros. Ainda nesta exposição, há algumas figuras muito boas entre os vasos de rosas e os ramos de lilases e de acélias. Mas as flores são o seu grande motivo.

Foi seu professor Pedro Alexandrino, quem lhe dirigiu o talento para a composição.

— Eu desejava ficar-me definitivamente no retrato e na figura, conta Lucilia. Mas meu saudoso mestre aconselhou: "Se você se dedicar a pintar flores, será insuperável no Brasil". Segui o conselho e não me arrependo.

Foi um estudo muito sério o seu aprendizado de arte; três anos só de desenho e "crayon"; depois, cinco anos de pintura. Lição por lição, cada segredo da técnica muito bem aprendido antes de passar adiante. Só em 1925 fez a primeira exposição, numa salinha alugada na rua da Quitanda, em São Paulo. Apresentou 193 trabalhos, escolhidos entre os melhores feitos durante o seu longo curso. E o mestre não teve motivos para decepcionar-se com a aluna cujo talento cultivara pacientemente: no primeiro dia da exposição foram vendidos quarenta quadros, no segundo vinte, e no fim do quinze dias cento e vinte.

Dai para cá, Lucilia Fraga tem exposto quase todos os anos no Rio. E sempre com o mesmo sucesso. Três exposições em Buenos Aires, em 1935, 1937 e, agora, no mês de maio, tiveram a melhor acolhida da crítica e foram autênticos êxitos de venda. A propósito, ela recorda:

— Em 1935, quando preparava minha primeira exposição em Buenos Aires, só, pela primeira vez em país estrangeiro, o dono da Galeria Muller me quis poupar a uma decepção: "O público portenho — me disse — é muito frio; se a senhora conseguir vender dois quadros, pode considerar-se vitoriosa". E me mostrou as exposições quase encerradas nos salões vizinhos; eram pouquíssimas as etiquetas de venda. Pois, com grande surpresa de ambos, vendi dezoito trabalhos em quinze dias. Um deles, uma grande composição de orquídeas, foi adquirido pelo sr. Liverato, colecionador famoso de Buenos Aires, pela importância de 600 pesos; pouco depois, num leilão de arte, foi arrematado por 3.500.

Mas o sucesso comercial não é tudo para Lucilia Fraga. Longo disso. Ela pinta amorosamente, idealizando um quadro, fazendo-lhe o esboço, e procurando — às vezes durante anos — o vaso, a lâmpada, o "bibelet" que há de acompanhar um apinhado de cravos ou uma nuvem de acélias. E há grandes emoções na busca e no encontro: grandes emoções quando a cor, a forma, o gesto de uma haste e a transparência de uma pétala correspondem exatamente ao que imaginara. Foi assim com sua tela mais querida — uma janela, cortinas de tule, um vaso cheio de polvos brancos e róseos, um punhado de cravos vermelhos. Vendeu-a em Buenos Aires e tem saudades dela como de um filho.

Mas há o álbum das lembranças: miniaturas de todas as telas que se vão embora, com o nome e o endereço de quem as leva. E todas têm a sua história. "Os polvos", por exemplo, foi pintado em 1930, quando o rumor da revolução enchia as ruas de São Paulo. Lucilia Fraga associou a todas essas imagens delicadas a expectativa da nova hora que estava soando.

Música. Muita leitura. Uma cátedra de desenho na Escola Normal de São Paulo. E pintura todos os dias, que é isso o seu vício e o seu amor. Um convite de Belloni para expor em Montevideo, Buenos Aires que a reclama para 1940. A arte dominando uma vida que se entrega toda ao seu doce jugo.

Sarah Marques

○ S modelos aqui apresentados foram criados especialmente para serem usados fora da saia. São todos modelos de muita originalidade e sem dúvida encantadores.



Blusas

JÁ se esboçam os projetos para a nova temporada. E para ela você deverá estar preparada, realçando, com a sua elegância e bom-gosto, a sua beleza. Aqui, três sugestões de três dos mais famosos costureiros parisienses. O primeiro, de Jean Dessès, é formado por uma saia de veludo negro e blusão original em cetim rosa e preto. O segundo, de Robert Piguet, é em "faïence" azul-vivo com guarnição de pele. O último, de Pierre Balmain, é executado em dois tons delicados de cetim, também guarnecido de peles.



DE JEAN DESSÈS

COM um vestido de linhas sóbrias, elegante casaco em tom contrastante de pesada sêda. Pala lisa sôbre os ombros; corpo em largas pregas. Simples mas elegante modelo com listras horizontais; amplo casaco em finíssima lâ bege.



DE MAGGY ROUFF

JUVENIL modelo em sêda branca, abotoando atrás. Pregas pespontadas na blusa, abrindo-se da cintura para baixo. Acompanha-o êste elegante casaco em sêda pesada verde-esmeralda. Bolsos abotoados. Mangas e gola amplas.





Carven

DE Carven aqui apresentamos êste lindo modelo para noite, em taletá em duas côres com largas listras. Decote muito baixo e "drapé" sobre o busto. Saia bem ampla.



modelinhos



LEIAM SUAS RESPOSTAS

Olhos Verdes (São Paulo) — Na sua idade, e com a sua falta de experiência, é preciso agir com enorme cuidado. No momento, você diz que ele "faz a sua felicidade"; felicidade puramente transitória, já se vê; e felicidade que poderá vir a ser a sua infelicidade, mais tarde, caso você não saiba conduzir bem o namorado.

Pela idade, o rapaz deve ser muito experimentado, e deve ter tido uma série de namoros e de aventuras. Ora, a rapazes nessas condições só interessam, para casar, moças que se mostrem difíceis, quase inatingíveis, moças que os dominem pela força moral. Eles já estão fartos de facilidades — têm uma aventura em cada canto, e se prendem justamente pelo que não conseguem obter de pronto. A moça deve pôr-se a cavaleiro da situação, como um prêmio a obter, e não como uma das cartas de um baralho que o jogador amoroso manéja à vontade.

Isso não quer dizer que você fique enjoada ou inalcançável. Você pode atender aos telefonemas dele e mesmo ir ao seu encontro quando for possível. Porém, marcando sempre a sua posição firme em relação a ele, fazendo-se respeitar e não admitindo intimidades.

Sei que isso é horrível para quem ama. A vontade é cair nos braços da criatura amada e dizer tudo o que a ternura nos sugere. Mas você, Olhos Verdes, de modo algum deve fazer isso. Infelizmente, a vida não é como a desejáramos, e sim como ela é. No amor também, como em tudo, há sempre uma luta de personalidades. Aquela que confessa amar, como que abre uma brecha por onde o inimigo pode entrar à vontade. As confissões só devem vir quando houver plena certeza dos sentimentos da parte contrária.

Temos a impressão, também, de que você está dramatizando excessivamente o caso, com sério perigo para o seu bom desenvolvimento futuro. Ouça as doces palavras que ele diz, alegre-se em silêncio com elas, se elas lhe causam prazer; porém não creia nelas cegamente: os homens, pela própria função do seu sexo, estão destinados a conquistar, pela força e pela persuasão, o maior número possível de prêsas a fim de aumentar a espécie.

As palavras dos homens têm essa finalidade: atordoar. Defenda-se com inteligência. Olhos Verdes, e o tempo mostrará que temos razão.

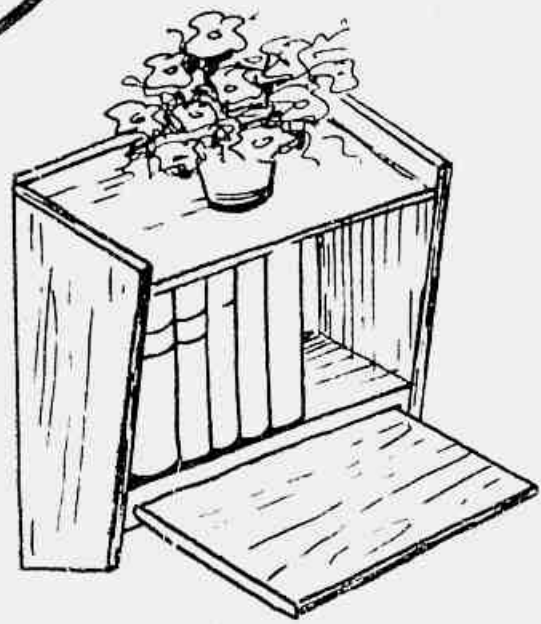
Pagê (Cacoeiro do Itapemirim) — As decepções que você menciona não foram trazidas pelo mundo, propriamente, e sim por você mesmo. O mundo sempre foi o que é, com diferenças simplesmente superficiais. Você, porém, imaginou-o diferente, muitíssimo melhor, e agora, na hora de conferir a imaginação com a realidade, encontrou desfalques que o entristecem e desanimam.

Não há motivo para isso. Aceite a realidade como ela é, por um lado. E, por outro, compreenda que cabe a nós mesmos acrescentar-lhe o que achamos imperfeito e insatisfatório. Em grande parte, o mundo é aquilo que nós o fazemos. Se você o quer melhor, ajude a melhorá-lo, e não se ponha, simplesmente, a chorar suas inexistentes ruínas.

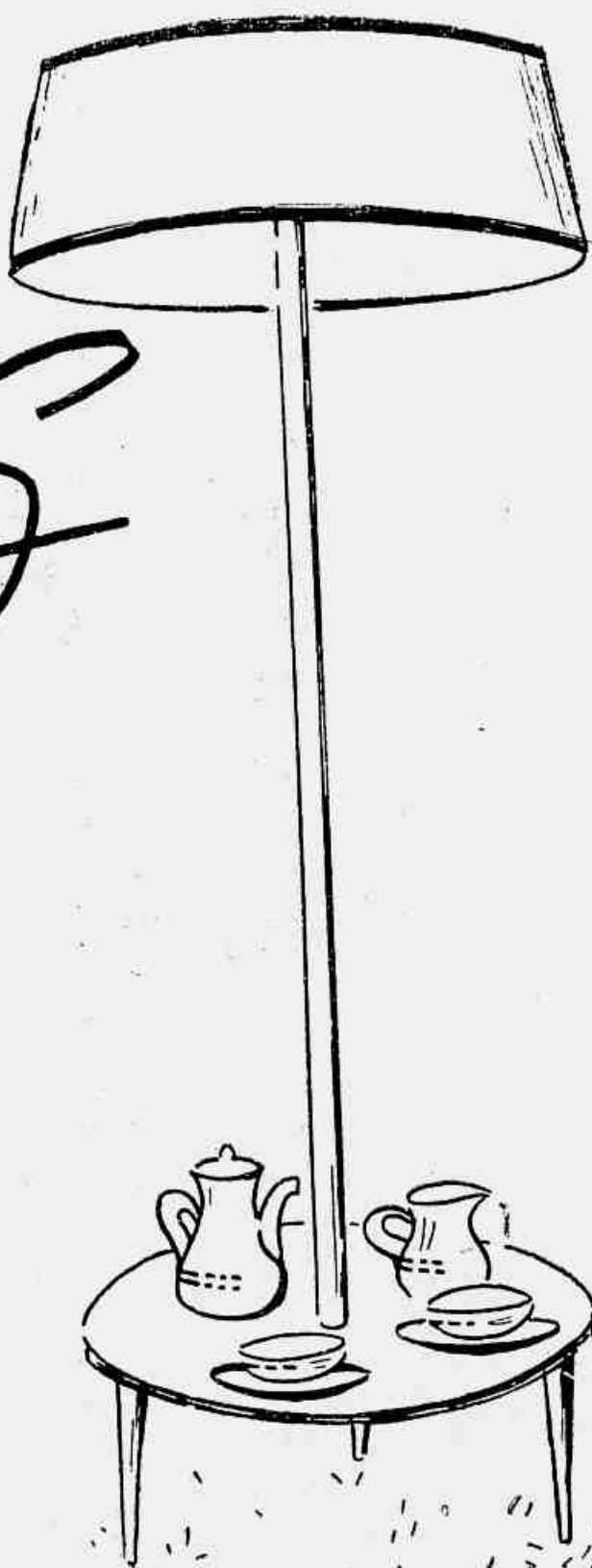
Há muita coisa boa, muita gente esplêndida vivendo neste planeta, pode crer. Vale a pena. Só que precisamos um pouco de coragem para engolir, de pernoite, a sabugem que está em toda parte.

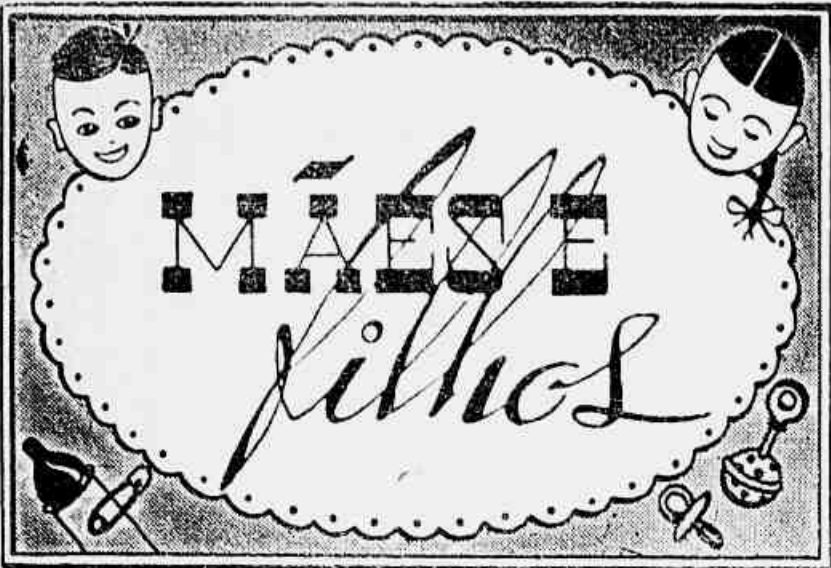
Confidente

INTERIORES



SOBRIEDADE e distinção são as características destes dois dormitórios. O primeiro apresenta um armário original, com abertura para livros, bibelots, etc. Tapetes listrados verde e branco. Pequenas prateleiras são colocadas nas paredes, em substituição às mesinhas de cabeceira. Este é um ambiente de grande simplicidade e linhas bem modernas. No segundo, notem o recanto formado pelas duas poltronas e pelo original *abat-jour*, que também serve de mesinha. Tanto as colchas como os forros das poltronas e as cortinas laterais são do mesmo tecido. Tapete bege claro.





A IDADE DA TEIMOSIA

DANTE de mim estavam a senhora, justo ante apanhada, e a menina, muito brancinha, de saia tão comprida com o de sua mãe.

— Pois é como eu ia lhe dizendo — continuava a mãe. — Eu não domino mais esta menina. É a senhora soubesse o que ela faz!... coisas que nem parecem de criança! Agora deu para me afogar. Basta eu dizer uma coisa, que pau é pau, que pedra é pedra, para que ela me contrarie. Dizer para ela não fazer uma coisa é o mesmo que mandar fazer. E ainda bate com o pé no chão. E diz: "Não faço! Não faço!". E aí que eu pegue na correia e perco a paciência. Muitas vezes não quero bater, porque sei que pancada de mais faz a criança perder a vergonha, mas que é que a senhora quer que eu faça com uma menina destas.

A menina olhava lá para fora, além da janela, mas eu sentia muito bem o quanto ela estava satisfeita de falar assim dela, de ser o "pivot" principal da conversa; se eu a encarasse nos olhos, soubesse ler malícia em olhos de criança, estaria certa de ver brilhar nas suas pupilas uma fírtia machadeana, um certo ar de displicent triunfo por vencer tão bem o adulto.

— Ainda outro dia — prosseguia lamentavelmente a mãe — ela me fez uma má-criação horrível e quando eu ameaçei de lhe bater, gritou bem alto: "Bate, bate logo de uma vez!". Eu fiquei com tanta raiva que até me esqueci; se eu avançasse para esta menina, com o ódio que estava, tenho certeza de que podia matá-la. E sabe então a senhora o que eu fiz? Bati em mim mesma! A senhora pode não acreditar, mas bati em mim mesma, para destruir a minha raiva!

Cientificamente eu não deveria ter deixado a senhora falar assim tão abertamente diante da filha; deveria tê-la conduzido até um gabinete particular e deixar que contasse suas queixas da criança e usar idêntico processo para a garota. Mas se vocês souberem que esta história, que estava sendo contada a mim pela primeira vez, já fora repisada mil vezes aos vizinhos, conhecidos e visitas, verão que nenhuma importância mais tinha o fato de a menina ouvir mais uma vez o relato de tão tristes cenas. Preciso também frisar que esta senhora se considerava excelente mãe: "Faço tudo por esta menina; dou-lhe os melhores vestidos. No seu aniversário gasto um dinheirão e ela escolhe os brinquedos mais caros que deseja. Eu me sacrifico sempre por ela; ainda não cresceu e me paga desta maneira! Imagine só quando não precisar mais de mim!...".

Chamo mais uma vez atenção sobre esta atitude antipática dos pais que se colocam diante dos filhos como fiscais de impostos, cobrando sempre juros e atrasados pelos seus encargos; mas dei o meu lado, e passemos ao miolo da questão: a oposição franca que se criara entre mãe e filha; e agora aproveito o ensejo para fazer também um parêntesis: — Que idade julgam os leitores ter a menina-problema? Adolescente? Menina-e-mocça já com ares de casadoura para desafiar tão alto mamãe? Nada disto; tem apenas três anos de idade. Que aconteceu, pois, com esta precoce rebelde, a quem os carinhos, o chicote, os presentes caros e balas não têm o dom de convencer? Uma coisa bem simples: a mãe fizera de uma fase natural da infância um problema sério e permanente; o problema está, no entanto, mais na cabeça da genitora que na da criança; mas, mais tarde, não duvido que se instale definitivamente na personalidade da menina, numa expressão constante de oposição ao meio, como processo de se afirmar contra o meio, que, no caso, assume a figura materna.

A criança é bom que se saiba, antes de aprender a andar, espera inquietamente que o mundo venha até ela; o mais que pode alcançar está no raio das suas mãozinhas extremamente apreensivas; quando se põe ereta e invade o mundo, sente que começa a afirmação de si mesma como um ser autônomo e independente; eis por que, no limiar dos três anos, quando já pode dominar as próprias quedas e oscilações no espaço, torna-se terrivelmente teimosa, isto é, cônica da sua personalidade. "Eu já sei fazer isto, eu quero aquilo, eu posso fazer, parecem dizer esta única linguagem: eu sou eu!". As mães carinhosas e compreensivas, embora não saibam psicologia, sabem vencer esta crise, concordando habilmente os desejos da criança, elogiando-a e lhe fazendo crer que é ela quem faz as coisas, mas, na realidade, impondo o que é preciso; darei um exemplo: diz a mãe: — "Uma menina inteligente não bate o pé deste modo. Eu sei que você é muito esperta para fazer uma tolice destas". A criança prefere o elogio à ação desastrosa.

No nosso caso tal não aconteceu e bem cedo a mãe quis impor não somente a sua vontade à filha, que, por sua vez, é bem voluntariosa; surge, então, o problema com a clássica correia, silenciadora de resistências, tanto de crianças como de políticos rebeldes, e, queira Deus que estes não tenham sido crianças eternamente violentadas em suas personalidades...

Só me resta uma observação, e um tanto melancólica: a mãe irascível realizou talvez, de uma forma indireta, o desejo da criança teimosa e surrada tantas vezes: ver castigado, também, pela mesma correia o algoz que a supliciava há tanto tempo.

Zóia de Laet





AQUI estão cinco novos modelos de Paris. A esquerda — Inspirado nos quadros antigos, aqui temos um elegantíssimo "beret" em dois tons de feltro. Ao alto — Feltro branco com renda preta. Modelo de Legroux Sœurs. A direita — Florence apresenta um chapéu feito com uma rede de lã angorá. Em baixo, à esquerda — Em "gros-grain" branco com grande pássaro também branco. Criação de Maud Roser. A direita — Veludo negro, "aigrettes" e véu negro com grandes pastilhas. Modelo de Maria Guy.



A PINTURA E MARIE BASHKIRTSEFF

Do diário de Marie Bashkirtseff, resumindo impressões dos seus primeiros tempos como aluna da famosa academia Julian: "Quinta-feira, 4 de outubro — O dia passa voando, quando se desenhava das oito às doze e da uma às cinco. Só o trajeto leva quase hora e meia. Por isso cheguei ao modelo que só tive seis horas de trabalho. Quando penso nos anos e anos perdidos... Quatro anos perdidos! Já estaria fazendo os históricos, se tivesse começado há quatro anos. O que sabia antes não me serviu de nada. Ao contrário, tive que recomenciar. Tudo quanto fiz até hoje não passa de brincadeira de mal-gosto!"

A ORIGEM DO PUDOR...

Do diário de Marie Bashkirtseff, nas suas impressões sobre os modelos: "Segunda-feira, 8 de outubro — Tive um novo modelo para estudo de cabeças, esta manhã. Um tipo de cançonetista de café concerto, que cantou no intervalo das poses. A tarde, o modelo foi uma moedinha. Dizem que é em dezessete anos, mas já está com o corpo lindamente deformado. Ouvi dizer que essas raparigas levam uma vida impossível. A pose é difícil e tem-me dado trabalho. O que deixa a humanidade envergonhada da própria nudez é a convicção de que não é perfeita. Se estivessemos seguros de não ter uma única mancha na pele, nem um só músculo mal feito, nem pé deformado, passearíamos completamente nus, sem o menor acanhamento. Muitas vezes a gente não percebe, mas é isto, e não outra coisa, a origem do pudor. Pode alguém resistir ao desejo de mostrar algo realmente belo e de que pode orgulhar-se? Quem jamais guardou para si somente um tesouro ou uma beleza, sem gabá-la, a começar pelo rei Candaulo? Mas quanto mais facilmente temos de nos contentar com o rosto, mais difíceis nos mostramos em relação ao corpo".

BELEZA E PUDOR

Em continuação das mesmas considerações, diz Marie Bashkirtseff: "O pudor só desaparece em face da perfeição, pois a beleza é todo-poderosa. E desde que se possa fazer alguma coisa além de "Que beleza!", é que a beleza não está de todo presente. E então achamos lugar para censuras e escrúpulos. Disse que a beleza completa é liberta de tudo, e o mesmo pode dizer-se de tudo quanto é perfeito. Uma música que nos permite perceber os defeitos do cenário não é perfeita. Um ato heróico, que dá lugar a outro sentimento, que não seja o de admiração, não é um ato de heroísmo completo. É preciso que o que se ouve ou o que se vê seja suficientemente grande para ocupar todo o nosso ser, — e então será perfeito. Desde que, ao contemplar uma mulher despidida, tivermos a sensação de inconveniência, podemos estar certos de que esta mulher não é uma expressão de beleza, pois, ao contemplá-la, podemos achar lugar para idéias diferentes da que deveria ter penetrado nosso cérebro por intermédio dos olhos. É porque a beleza não bastava para ocupar todo o nosso pensamento. E, nesse caso, os que se mostram têm vergonha e os que contemplam se sentem acanhados. Temos vergonha porque sabemos que os outros nos acham mal; mas, se não nos achassem mal, seria coisa aceita e não sentiríamos vergonha. Do que se deduz que a perfeição e a beleza absolutas anulam a censura e suprimem o pudor".

DEDICATÓRIA

No manuscrito de seu romance "Romola", espreta a escritora inglesa Mary Ann Evans Cross, que, na vida literária, se tornou célebre sob o nome de George Eliot: "Ao Espírito, cujo perfeito amor tem sido a melhor fonte de minha visão e de minha fortaleza, este manuscrito é oferecido por sua devotada esposa, a escritora".

A ÚLTIMA PALAVRA DA SABEDORIA HUMANA!

Numa carta dirigida a John Sibree, em 1848 George Eliot transcreveu alguns versos em francês acompanhados das seguintes expressões:

"Le bonheur et le malheur
Nes viennent du même auteur,
— Voilà la ressemblance.
Le bonheur nos rend heureux
Et le malheur malheureux,
— Voilà la différence".

(Seleção de L. B. especial para REVISTA DA SEMANA)

WEEK-END NA COZINHA

No reinado de Luis XIV, a arte culinária atingiu o seu apogeu; senhoras da corte e amantes do rei, procuravam criar "menus" que agradassem ao requintado paladar real. Mme. de Sevigné, passou a história com uma reputação de cozinheira que quase iguala a que goza como literata. Portanto, quando aconselhamos a você que vá para a cozinha, a sua sensibilidade não deverá ficar chocada. Não há humilhação, não há rebaixamento de nível social, não há, enfim, nada de deprimente. Como viu, mulheres famosas pela sua beleza ou pela sua inteligência, se dedicaram também à arte culinária, porque já naquela época se havia compreendido que um dos caminhos mais curtos para alcançar o coração do homem era o estômago...

Por que então não fazemos o mesmo? Por que então não aliarmos aos nossos já existentes predicados mais este também?

O principal é começar.

★

SOPA DE FEIJÃO BRANCO

Ingredientes — 250 grs. de feijão branco, 100 grs. de manteiga, 1 cebola, 2 cravos, sal.

Preparação — Cozinhase o feijão e em seguida reduz-se a um purê macio. Juntam-se então o sal necessário, a cebola picadinha e os cravos. Leva-se ao fogo durante cinco minutos, mexendo-se sempre. No momento de servir retiram-se os cravos e junta-se a manteiga.

★

CAMARÕES COM MOLHO BRANCO

Ingredientes — 500 grs. de camarões frescos, 1 cebola, 3 cebolinhas, molho branco, salsa.

Preparação — Tratam-se e temperam-se os camarões e põem-se numa caçarola com um pouco d'água; junta-se-lhes a cebola, as cebolinhas e a salsa picadinhas e levam-se ao fogo para cozinhar. Em seguida escorrem-se numa peneira, dispõem-se numa travessa e regam-se com molho branco.

★

CREME DE BAUNILHA

Ingredientes — 600 grs. de açúcar, 2 litros de leite, 12 ovos, 1 colher, das de sopa, de essência de baunilha.

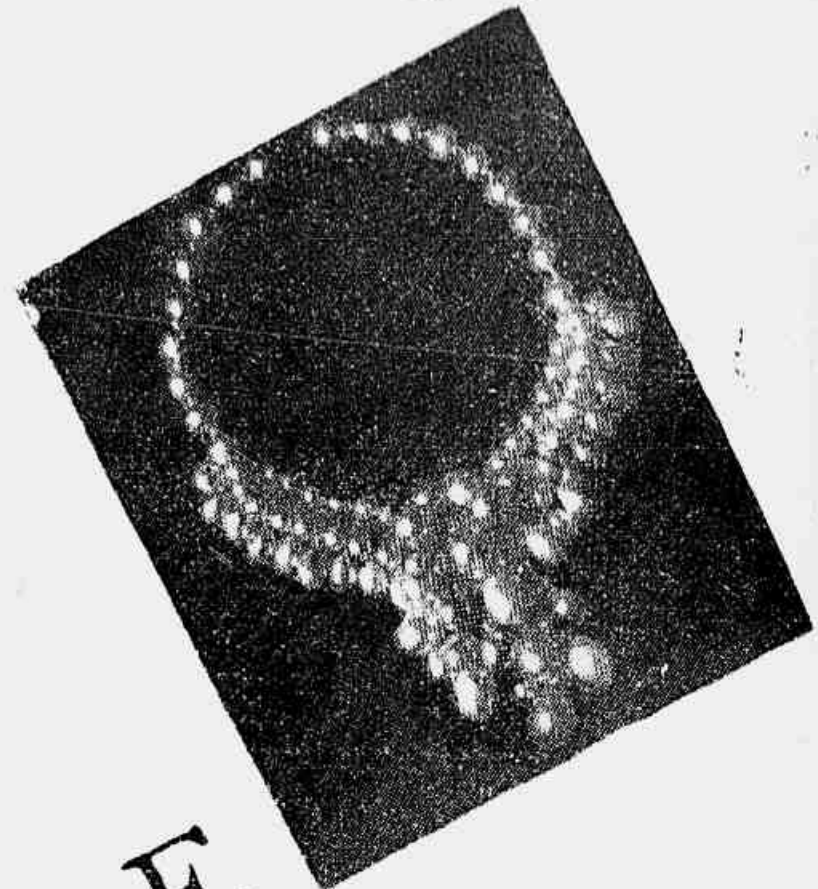
Preparação — Batem-se muito bem as gemas com o açúcar e põe-se o leite no fogo para ferver. Em seguida adiciona-se-lhe a baunilha. Mistura-se tudo e despeja-se numa caçarola, retirando-se antes que ferva. Passa-se por peneira, deixa-se esfriar, acrescentam-se as claras batidas em neve, despeja-se na sorveteira e congela-se.

★

BROINHAS FOFAS

Ingredientes — 3 ovos, 1 prato raso de fubá de milho, ½ prato de baunha, ½ prato de açúcar, 1 colher de chá, de bicarbonato de sódio.

Preparação — Põe-se a baunha numa caçarola e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, retira-se e despeja-se sobre o fubá. Em seguida, juntam-se-lhes o açúcar, os ovos e o bicarbonato; mistura-se tudo, fazem-se as broinhas e colocam-se em tabuleiros untados com manteiga e assam-se em forno quente.



DETALHES E

Colar de pérolas de diversos tamanhos, criado por Christian Dior

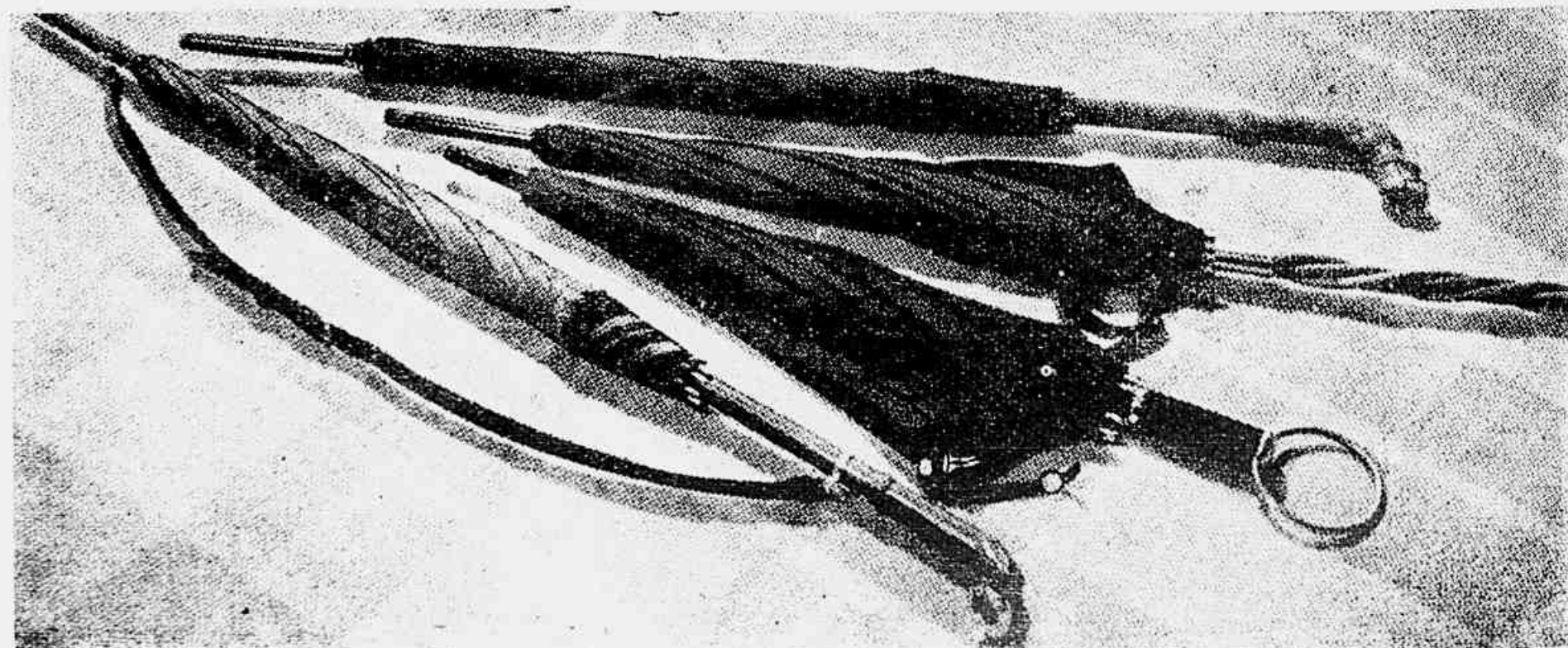
Um laço de veludo preto arre-mata uma trança loura, dando grande elegância a este penteado

Voltemos às rendas. Elas dão um charme bem feminino à mulher. Reparem nesta linda gola, criação de Maggy Rouff

Saias e combinações apropriadas aos novos vestidos. A moda das saias longas continua; é preciso segui-la

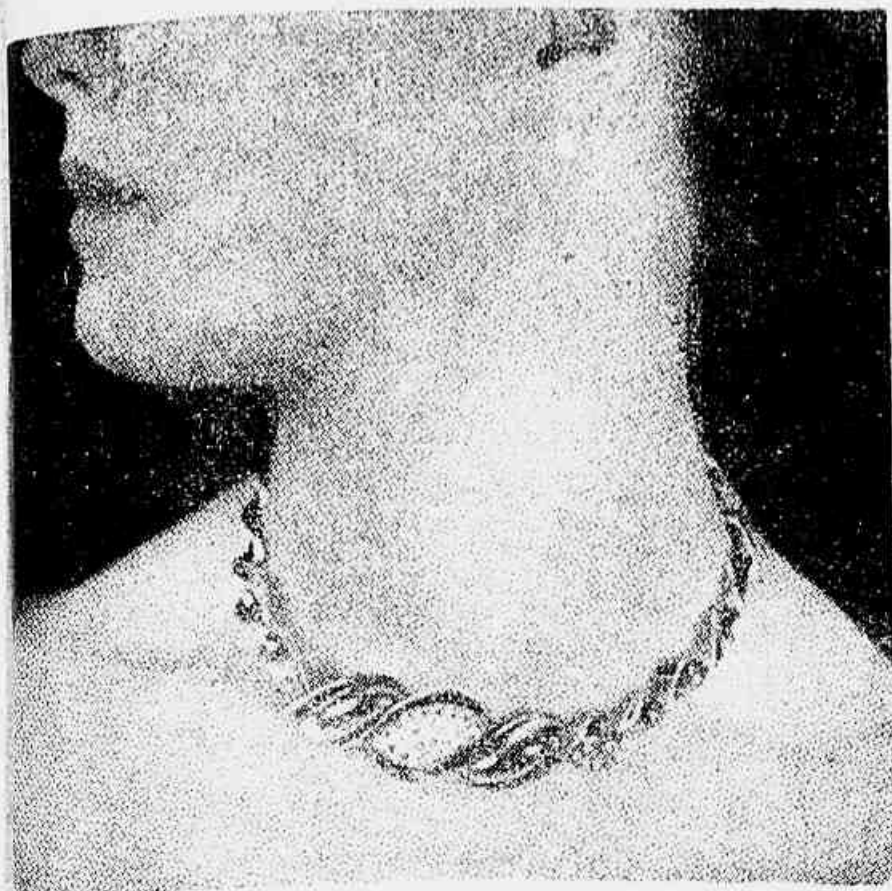


Esguios e elegantes são os guarda-chuvas da presente estação. Aqui estão alguns dos últimos modelos de Paris



Colar de multicolorido

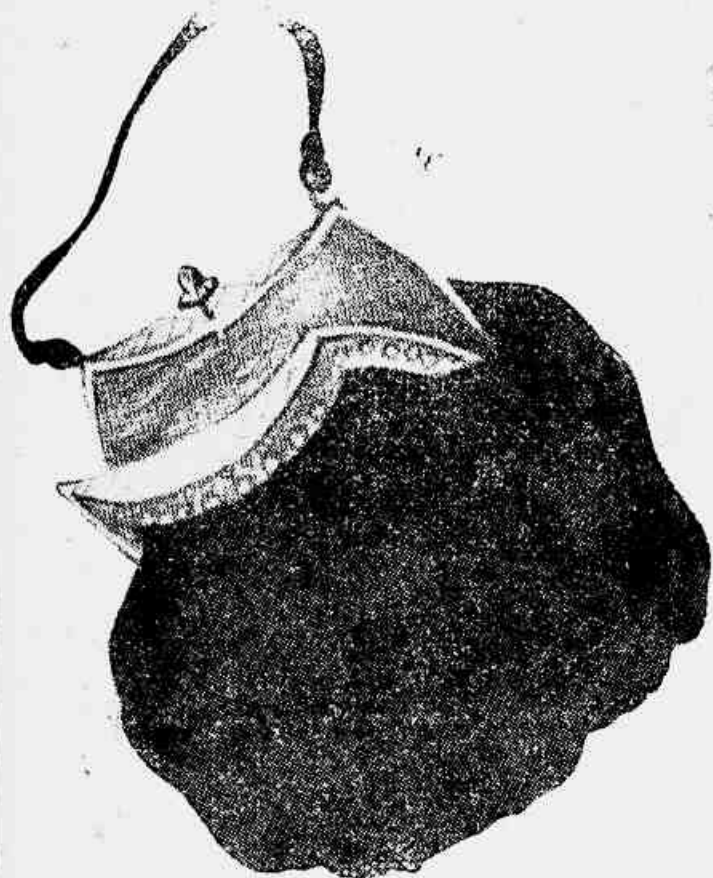
Bolsa p... ta; gua...



Colar de ouro com pedras multicores, um lindo complemento para a sua **toilette**



Camisola de noite em crepe lingerie com incrustações de renda



Bolsa para noite, em camurça preta; guarnição de prata com pedras



Para os dias frios estas elegantes botinas de camurça cinza com vivo marrom

NOVIDADES



Blusas traspasadas, com amplos decotes, estão muito em moda. Este é um lindo modelo

Maggy Rouff apresentou este colete de veludo preto com um vistoso bordado em prata



A DECADÊNCIA DO ÓPERA — O METROPOLITAN FECHOU AS PORTAS ESTE ANO — E O MUNICIPAL NÃO ANIMA OS AMANTES DA ARTE LÍRICA — RECORDAÇÕES, UM CALDEIRÃO E SIR THOMAS BEECHAM

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para ILUSTRISTA DA SEMANA)

Há alguns anos atrás, um repórter curioso andou procurando os principais sobreviventes da chamada "época áurea da ópera" para que, saindo do ostracismo de suas respectivas aposentadorias, deusessem sobre a propalada decadência do gênero em que tanto se distinguiram. Veio às colunas da imprensa Amelita Galli Curci, Vió Frances Alda, que foi esposa do grande empresário Gatti Casazza, além de uma das principais figuras do elenco do Metropolitan no início do século. Até Tito Schippa falou sobre o assunto, ainda que relutante em confessar-se "uma figura do passado". O próprio Gigli não se furtou às perguntas do jornalista.

A opinião geral foi desfavorável à ópera, tal como a temos, hoje em dia, nos palcos célebres. Foram evocadas figuras "insubstituíveis": Caruso, Titta Ruffo...

Os cantores contemporâneos, setindo-se atingidos, responderam à altura. Lembraram, com malícia, que só se conserva, do passado, os grandes nomes. E pediram licença para contar alguns dos fracassos monumentais, algumas das deficiências da organização das temporadas líricas. Zinka Milanov, só para não esquecer do Metropolitan, foi das mais calorosas defensoras dos artistas de hoje.

O CIRURGIAO E A CANTORA

Recolhamos alguns dos episódios evocados. De Galli Curci lembrou-se que, certa vez, querendo aumentar o volume de sua voz, entregou-se aos cuidados de um famoso cirurgião, que, infelizmente, não pôde satisfazê-la. E, assim, pretendeu-se assinalar uma das características dos estilos daqueles cantores: as vozes aspiravam menos à perfeição da "boa escola" do que ao volume, emitido para impressionar e ensurdecer ouvintes, como o famoso Tamagno, que, numa sala pequena, com janelas fechadas, era capaz de arrebentar as vidraças com um dó de peito.

Se os "astros" da época áurea da ópera se preocupavam tanto com o "volume" de suas respectivas vozes, é fácil imaginar como seriam os elementos de menor destaque...

A MÍMICA E A OBESIDADE

Prosseguindo no libelo, alegaram cantores dos nossos dias: as orquestras eram deficientes, isto é, reduzidas; não se fazia o que Sir Thomas Beecham, um regente britânico, fez com a nossa patrícia Bidu Savão, afogando-lhe a voz delicada com o peso de uma orquestra de quase uma centena de professores.

Ademais, o público, hoje, não tolera mais ação dramática à maneira antiga, com aqueles gestos largos e o exagero que deliciava nossos avós. Os cantores são forçados a representar, também, cuidando da parte cênica. O menor descuido, qualquer desleixo, um arrebatamento à moda antiga, e risos irreverentes põem no ridículo o pobre artista.

Não se admite mais o cantor parado no meio do palco, usando os braços para denotar emoção, atirando as mãos para um lado e para outro, o que, no dicionário cênico do passado, significava "intenso sofrimento"... Hoje, o cantor é forçado a movimentar-se e, por isso, não pode mais cultivar aquelas enxúndias que caracterizaram toda uma geração de elementos dedicados à arte lírica.

Imaginem, hoje em dia, uma Alda de bela voz mas obesa como seus antepassados líricos. Seria um fracasso. Lembra-se, a respeito, o insucesso de Lina Pagliughi, soprano ligeiro como poucos, que não conseguiu contrato nos Estados Unidos porque, alegaram, seria difícil conceber, por exemplo, um Rigoletto, ópera em que o libeto manda que a protagonista seja colocada dentro de um saco e carregada por um de seus colegas, com uma senhora cujas amplas proporções exigiriam um saco gigantesco e extenuariam o pobre coitado que haveria de carregá-la, se para tanto tivesse forças... Ademais, acrescentaram, como justificar a paixão do Duque de Mantua por Gilda tão descomunal? Fosse a heroína da história como a cantora, e o lar de Rigoletto não teria sido perturbado pelo inquieto e aventureiro aristocrata...

O METROPOLITAN FECHA AS PORTAS

De Rosa Raisa, lembrou-se que, certa vez, interpretava "La Juive", de Halévy, e quando, ao final, foi atirada num gigantesco caldeirão, onde, segundo a história, morreria queimada, a elasticidade do acolchoado colocado ali para amortecer-lhe a queda, projetou-a no ar, novamente. Assim, ela caiu, mas voltou a aparecer na superfície, para cair, então, definitivamente, como quem se joga numa rede de bombeiro e fica saltando no ar...

Apesar de tudo, porém, a crise da ópera parece que aí está. A Comissão que dirige o Metropolitan confessou-se incompetente para debelá-la e anunciou que não haverá temporada lírica este ano, por falta de verba. Já pelo Municipal não teremos a lírica estrangeira. Talvez se faça, segundo foi proposto, uma série de espetáculos com artistas nacionais. E' tudo muito incerto.



DILU MELO

NO cancioneiro nacional Dilu Melo figura em primeiro plano. Dedicando-se ao gênero regionalista, sua produção é conhecida em todo o continente americano, através de inúmeras gravações. Uma de suas composições de sucesso, a toada "Fiz a cama na varanda", segundo informes da própria fábrica gravadora, continua batendo o "record" de venda. Ainda a propósito dessa melodia, podemos informar serem inúmeros os arranjos feitos, tal o agrado despertado pela música em aprêço.

Compositora, intérprete e executante, Dilu Melo distancia-se dos profissionais do mesmo ofício. Ao contrário dos outros, ela procura dar oportunidade aos elementos novos, dotados de valor. Contam-se aqueles escolhidos pela autora de "Conceição da Praia" para lançadores de suas composições. Neusa Maria, Alcides Gherardi, Marlene e Os Trovadores figuram na lista. E' que Dilu conhece o ambiente radiofônico. Sabe da existência de "panelinhas". E' sabedora do "boycot" feito aos novos. Por isso, vai ao encontro destes, favorecendo-os nas primeiras audições. Esta uma das causas de sua popularidade no "broadcast" carioca, onde tanto tem brilhado, não só como compositora, mas também como intérprete de nossa música folclórica.

A. MIGUEIS

SEM IMPORTANCIA

Bolero de Ben Molar — Versão de Haroldo Barbosa

Nosso romance
Começou
Sem importância
Naquele beijo
Que te dei
Sem importância

E viverá
Para nós dois
Eternamente
Aquê amor
Que começou
Tão suavemente

Depois passou
E o que passou
Sem importância
Foi a ilusão
De uma emoção
Sem importância

Nosso romance
Começou
Sem importância
e terminou
Para nós dois
Sem importância.

WHATS GOOD ABOUT GOOD BYE

Leo Rodin e Harold Arlen

What's good about good bye?
What's fair about farwell?
You know a broken spell
Your love could bring eternal spring
Your kiss could be a magic thing
Your smile could be a shining light
Burning from day to day
More lovely from night
But if you should go away
Our dream would go astray
Our song would be a sigh
Say you're mine for ever
Say you're mine but never say good bye.

RUMBA NEGRA

Rumba de Anselmo Sacasas

Rumba, rumba, rumba, rumba negra
rumba, rumba, rumba de africano
mira negra esta si que es una rumba
negra rumba africana de verdad

Oye como sueñan los tambores
mira como bailan los rumberos
esta rumba, rumba, rumba, rumba negra
negra rumba africana de verdad.

LUVAS

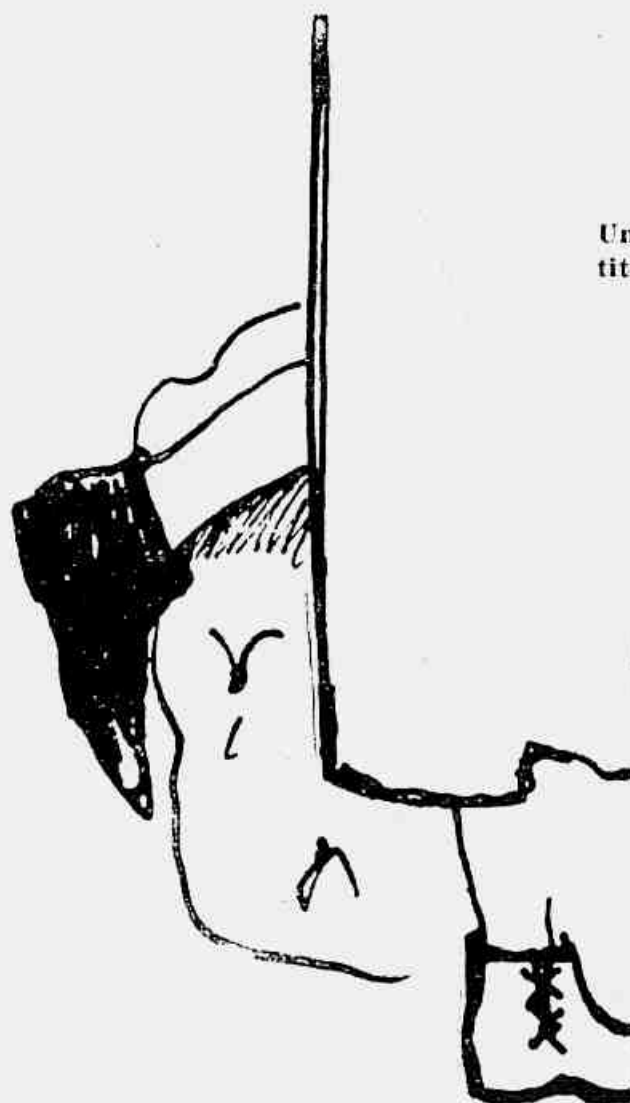


A armadura de Joana D'Arc inclui manoplas brilhantes. John Fredericks criou luvas em couro ou lã para o dia, e em cetim ou brocado para a noite

MODELOS JOANA D'ARC

INSPIRANDO-SE no recente filme "Joan of Arc", rodado nos estúdios americanos com Ingrid Bergman no papel da santa de Orléans, os figurinistas da R.K.O. lançaram ao mundo originalíssimas criações, que atingem quase toda a indumentária feminina, alguns dos quais apresentamos às nossas leitoras.

SAPATOS



Um novo sapato para substituir as atuais "pantufas"



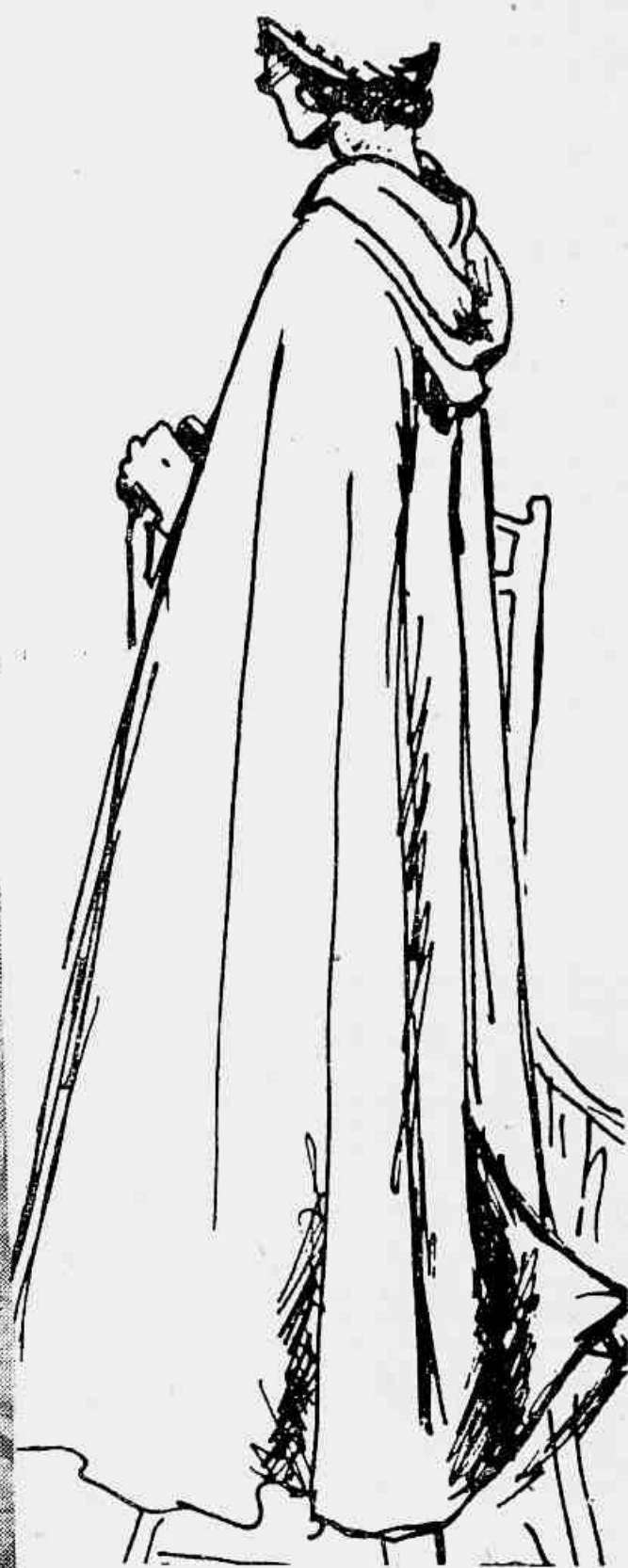
CAPACETE



O capacete dos guerreiros do século XV serviu de modelo para este chapéu de feltro esportivo

CAPA

No filme, Ingrid Bergman usa uma longa capa sobre a armadura de prata. A cópia, de John Fredericks, pode ser feita tanto para verão como para o inverno, dependendo apenas da espécie do tecido empregado

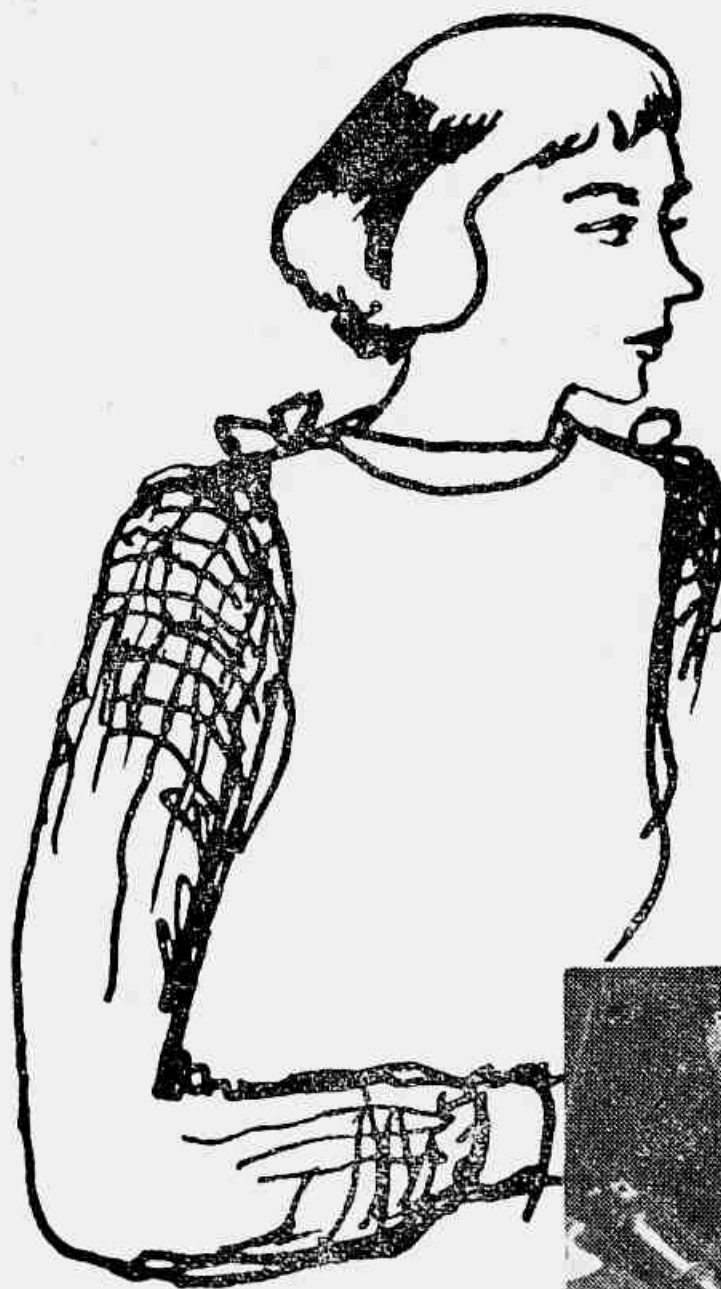


MANGAS

O gibão de Joana D'Arc é interpretado por John Fredericks como um elegante traje para outono, em jersey ou veludo, preso na frente e inteiramente solto atrás



SWEATER



As novas "sweaters" terão um acentuado "ar" de Joana D'Arc. As mangas serão feitas com fios metálicos



O Brasil assinou recentemente um acordo aeronáutico com a Suíça, o qual prevê o estabelecimento de serviços aéreos regulares entre os dois países.

Os novos bimotores da Pan American World Airways, que voam 450 quilômetros por hora, já estão prestando serviço entre Miami e Cuba, Miami e as Bahamas e na rota Miami-Jamaica. Estes Clippers tipo "Convair", que estão providos de cabines herméticas e equipados com ar condicionado, serão incorporados este verão às demais rotas da América Latina à proporção que forem sendo recebidos da fábrica.

O governo do Canadá projetou transportar todas as suas cartas por via aérea, sem aumentar as tarifas postais.

O gerente da Divisão Latino-Americana da Pan American World Airways, sr. Humphrey W. Toomey, foi condecorado pelo governo brasileiro com a Ordem do Mérito Aeronáutico por seu trabalho em prol do desenvolvimento da aviação comercial neste país.

Segundo foi recentemente divulgado, as forças armadas dos Estados Unidos têm uma verba de quase dois bilhões de dólares para a aquisição de 3.366 aviões militares, a serem fabricados por 12 empresas norte-americanas.

O capitão George L. Blackford, piloto da Pan American World Airways, recebeu o elogio da crítica artística pela coleção de aquarelas de sua autoria. Durante os seus pequenos ócios, o piloto se ocupa também em construir, com muito pouca ajuda, uma casa em Miami.

Na Califórnia estão sendo feitas experiências com um "sapato voador". O piloto deste estranho aparelho coloca-se de pé entre os dois motores de 65 cavalos de força, que fazem girar umas hélices horizontais de cerca de 75 centímetros. Sobre varas verticais, uma de cada lado, estão montados dois aceleradores que controlam a estabilidade lateral. O piloto inclina-se para trás ou para diante, segundo a direção em que queira voar.

O único cardeal aviador do mundo é Francisco Spellman, de Nova York, que aprendeu a voar na Europa e tem licença de piloto.

O capitão Charles Yeager, que alcançou velocidades maiores do que a do som, com o avião "Bell XS-1", brevemente tentará voar a 2.700 quilômetros por hora no mesmo aparelho, segundo anunciaram as Forças Aéreas norte-americanas. Outro avião de retro-propulsão da armada estadunidense, o "XF-58", segundo se informa, também alcançou velocidades super-sônicas.

O governo cubano concedeu autorização definitiva à Cia. Cubana de Aviação, subsidiária da Pan American World Airways, para realizar vôos regulares entre Havana e Madrid. Desde há algum tempo a empresa vem prestando serviço nesta rota duas vezes por semana em caráter provisório.

A Trans World Airline, seguindo o exemplo de sua congênera United Air Lines, acaba de pedir autorização ao Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos para aumentar 10% nos preços de suas passagens. O aumento deverá começar a vigorar a partir de 1º de setembro próximo.

A Pan American Airways terminou a construção de um frigorífico com capacidade para a carga de um avião, em seu hangar em Boeing Field, em Seattle. O fim deste frigorífico é possibilitar aos embarcadores a entrega de mercadorias perecíveis ao aeroporto em qualquer ocasião conveniente e conservá-las frescas até a hora da partida do avião.

O governo britânico confirmou na Câmara dos Comuns que decidiu autorizar a BOAC a comprar 22 "Conedair IV", versão canadense do "Douglas DC-6", devido ao fracasso do "Tudor II", quadrimotor para 40 passageiros, construído pela A. V. Roe & Company, que não preencheu as exigências de seu programa de vôos de prova. O primeiro dos 22 "Conedairs" encomendados será entregue à BOAC dentro de 8 meses.

O Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos expediu uma citação contra a Virgin Islands Air Services Inc., a Inter-American Airways Inc. e Karl Knight, acusando-os de violação consciente e deliberada da Lei de Aeronáutica Civil. Knight é funcionário de ambas as companhias.

A Air France agora está usando "Constellations" em sua rota Paris-Rio-Buenos Aires, em vez de "DC-4".

A National Airlines passou a empregar em todas as operações de Havana exclusivamente sua frota de "DC-6" de 58 passageiros. Todos os horários entre Havana e Washington, Nova York, Tampa e Miami estão sendo operados pelos "DC-6".

A Grã-Bretanha e a França estão discutindo planos para juntarem os seus serviços de aviação comercial. Isso contribuiria para uma integração política e econômica mais estreita da Europa Ocidental.

(Noticiário compilado por E. de Oliveira, especialmente para REVISTA DA SEMANA)



NOVAS e interessantes criações de Paris apresentam-se às nossas leitoras, nesta página. Ao alto vemos: modelo de Madeleine Vramant, com capeline e pele na barra da saia. De Charles Montaigne é este elegantíssimo modelo em jersey verde claro. Saia plissada arrematada ao alto por drapeado; criação de L. Mendel. Em baixo: "duas-peças" de Rosine, guarnecida de peles. Modelo para reunião, em seda preta, amplo decote; tecido cinza com "pois" pretos formando drapeado sobre os ombros e na saia.

MODELOS DE PARIS





NO TELEFONE

(Cont. na pág. 22)

fizeram de propósito para que ele se afastasse... atraíram-no a qualquer armadilha. Perco a cabeça... não posso respirar mais, de tanto medo! Penso que estou ouvindo... no jardim... muito longe... Espera, deixa que eu escute...

Curvado sobre o bocal eu não respirava mais:

— Luisinha, peço-te, não me deixes neste silêncio... Que é que estás ouvindo?...

São os cães que estão rosnando... Agora estão latindo... latem furiosamente... estão correndo para o pequeno bosque... agora se calaram... calaram-se de repente... É uma calma de morte!... Entretanto... sim... parece, na areia da avenida, estou ouvindo passos surdos e furtivos... Parece gente que avança para a casa...

— Fala, fala, Luisa! Eu sufoco, eu fico louco! Que é que estás ouvindo ainda, diz, que é que estás ouvindo?



Faça! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sedida. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómei nem substâncias ácidas ou corrosivas. Também se usa para as gengivas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



Agora ... quantos pretendentes!...



Antes, ela era sempre esquecida nos bailes, nas festas e reuniões... Sua aparência não despertava atração... Ninguém a desejava para seu par... e ela invejava a beleza de suas amigas... Até que um dia...



...uma verdadeira amiga lhe disse: "Você precisa cuidar de sua pele, Rosinha! Não continue a iludir-se com o maquilhagem exagerado para disfarçar as imperfeições da pele. Corrija-as com Leite de Colônia."



Foi um conselho sincero... Agora, Rosinha é quem se vê obrigada a "esquecer" tantos admiradores... E suas amigas invejam aquela sedutora beleza natural que o Leite de Colônia proporcionou à sua pele



EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares e milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira - famosa pela sua beleza - considera o Leite de Colônia o seu embelezador básico!

Não oculte e nem disfarce! CORRIJA as imperfeições da pele com LEITE DE COLÔNIA

É uma ilusão!... Além de tornar a beleza artificial, o excessivo maquilhagem para ocultar as imperfeições do seu rosto é nocivo à vital respiração da pele. Corrija manchas, cravos, sardas, espinhas e outras erupções da cutis com Leite de Colônia. Aplique-o, diariamente, pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó e, à noite, numa última limpeza da cutis. E sua pele conquistará aquela beleza natural tão desejada por todas as mulheres. Leite de Colônia limpa... alveja... amacia e protege sua pele.

Leite de Colônia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record

— Nada mais... quase nada mais... Oh! sim, um leve rangido disfarçado e contínuo, como um formão que alguém metesse prudentemente por baixo da persiana, para forçá-la... A persiana cedeu... partiu-se um vidro!... Oh! como estão com medo!

Comecei a rangir no aparelho: — Telefona para Marselha, que avisem a polícia, os gendarmes!

— Que adianta? A cidade fica a três léguas... Chegarão muito tarde... e depois, não sei mais... fico louca...

— Faze barulho... ou te escondes, fuge... Sim, é isto, pega o pequeno e foge!

— Não posso, não tenho mais forças... Estão subindo, os degraus estão estalando... estão no corredor... estão me procurando, tateiam... Marcelo!... Meu Deus! Vem!... Acudam!... Socorro!... Socorro!

Foram dois breves soluços de indistinto terror, depois um ruído vago, confuso, uma crepitação de sons indefiníveis, depois mais nada.

Então senti alguma coisa estalar no meu cérebro e caí de borco, num vazio infinito...

E, arquejante, como se revivesse essa lembrança terrível, o senhor Marcoux concluiu:

— Procure a "Gazeta Judiciária" para

os detalhes do crime reconhecido pelo título sensacional de "A matança de Morande". Nêle perdi minha mulher, meu filho e meus dois criados.

Mas o que nenhum noticiário contará, o que nenhuma frase exprimirá jamais, é este pesadelo inventado pela Ciência, esta espantosa tortura dum homem que, a cem léguas de distância, escuta os gritos desesperados da mulher e do filho que estão estrangulando, sem poder fazer mais do que uivar de impotência diante duma pequena prancha de madeira!

A vida de São Paulo

(Cont. na pág. 34)

verter dos licenciosos deuses pagãos ao Deus cristão do amor".

Tendo dito estas palavras, Paulo voltou aos seus aposentos. Mas não ao repouso. Se aquele estrangeiro não era um deus, raciocinaram os habitantes de Listra, então devia ser um blasfemador. Arrastaram-no para fora da casa "e o apedrejaram na rua e o conduziram a um campo".

Deixaram-no por morto. Mas Paulo possuía uma vitalidade excepcional. E uma coragem extraordinária. "Tendo-o rodea-

do os discípulos," conta-nos São Lucas, "levantou-se e voltou à povoação".

Desta vez o povo o escutou e compreendeu quem era ele — um homem disposto a "dar a vida pela verdade".

V

A verdade, como a concebia São Paulo, compreende uma realidade espiritual triplice — Deus como pai, Jesus como filho, e os homens como irmãos.

Deus, declarava Paulo, é o Deus único dos profetas judeus, o Pai da raça humana. "Para nós há um Deus, o Pai, de quem são todas as coisas, e em quem são todas as coisas". Mil e seiscentos anos depois da enunciação desse credo, encontramos a mesma concepção da divindade expressada na filosofia de Spinoza. "Afirma," escreve este panteísta judeu, "que Deus é a causa imane de todas as coisas. Digo que tudo é Deus; tudo se move e vive em Deus. E isso, eu o afirmo com o Apóstolo Paulo".

Paulo acreditava em Deus, o Pai, e Jesus, o Filho. Jesus, sustentava Paulo, não é apenas o Filho de Deus, mas o Revelador de Deus à humanidade. Um revelador da misericórdia divina por meio de seus próprios sofrimentos. São Paulo, como os hebreus antigos, acreditava no

A XII CONFERÊNCIA MUNDIAL DE COOPERSTOWN



Estes aspectos dizem respeito à 12ª Conferência Mundial de Bandeirantes, que vem de ter lugar em Cooperstown, Estados Unidos da América do Norte. Um, mostra o belo edifício em Cooperstown, onde se realizaram as sessões e ficaram hospedados os delegados, inclusive dez brasileiros; outro, é um flagrante apanhado no Palácio do Catete, nesta capital, quando os bandeirantes do Brasil foram apresentar suas despedidas ao sr. presidente da República, antes de seguirem para a Norte-América, vendo-se, no centro, o sr. comandante Raul Reis, da Casa Militar da Presidência.

A senhora Delgado de Carvalho, presidente da Federação de Bandeirantes do Brasil, enviou ao conclave a seguinte mensagem:

"É um privilégio que apreciamos profundamente, estarmos nesse poderoso e magnífico país, entre as hospedeiras de nossas irmãs ultra americanas do mundo bandeirante.

Conquanto nosso movimento não tenha ainda alcançado no Brasil as proporções que têm nos países anglo-saxões, sinto-me ufana em dizer que o espírito da organização tem sido conservado tão exato quanto possível.

As Bandeirantes brasileiras vieram aqui para cooperar num sistema de mútuo entendimento, que adotaram de boa vontade em seu próprio país, como uma regra de vida social. Nosso nome "Bandeirantes" recorda nossos antepassados coloniais que penetraram no interior do continente, para encontrar ouro e pedras preciosas e acrescer a área territorial que Deus lhes havia dado. Assim penetramos e exploramos as almas e espíritos de nossa geração, a fim de extrair deles o metal precioso dos ideais humanos e da boa vontade. Queremos que a mulher brasileira encontre a sua personalidade e seja verdadeira para consigo mesma; esta é a tarefa das Bandeirantes de hoje.

Assim, pois, sentimo-nos felizes de nos agregar a todas vós nessa Conferência, para pôr em comum a riqueza de nossos sentimentos femininos, porque todas nós almejamos encontrar o melhor caminho para a paz universal. Nunca talvez estivesse o mundo tão necessitado de influências pacíficas e de domínio de preconceitos.

Se são necessárias mudanças, que haja mudanças, mas conservemos em nossas mentes, enquanto objetivos e procedimentos são considerados aqui, as fascinantes palavras da liderança Baden-Powelliana: "Mudança para um entendimento mútuo mais íntimo e a habilidade de ver com os olhos do outro, num espírito de cordial simpatia."



sacrifício — mas de outra espécie. Em vez de se sacrificar o homem a Deus (como no caso de Isaac), Deus sacrificava-se pelo homem. No velho Testamento, o homem ocasionalmente se encontrava frente a frente com Deus. No Novo Testamento, Deus vem passar uma temporada frente a frente com o homem. E descendo assim ao nível da humanidade, Jesus levanta a humanidade ao nível de Deus.

Pois somente por intermédio de Jesus, afirmava Paulo, pode o homem conhecer a sua afinidade com Deus — e com os seus semelhantes. "Todos os homens são irmãos diante de Deus Pai". Paulo foi um dos primeiros democratas genuínos na história do mundo. Acreditava na democracia espiritual da boa vontade fraterna. Toda a humanidade é uma família única — ou melhor, uma unidade orgânica. "Pois assim como há muitas partes unidas nos nossos corpos... assim formamos um corpo pela união com Cristo, e, individualmente, somos parte uns dos outros". Portanto, insistia Paulo, "sirvamos o Senhor" servindo aos nossos semelhantes... "sejam incensáveis na hospitalidade... vivamos em harmonia uns com os outros... e em paz com toda a humanidade". Nesta injunção de relações pacíficas na família humana, São Paulo incluía não só os cristãos, mas todos os homens — tanto judeus como gentios. "O anelo e a súplica do meu coração... é por todos eles, para que sejam salvos... Pois (aos olhos do Senhor) não há distinção entre judeus e gentios... ele é o mesmo Senhor de todos..."

Paulo declarava que todos nós, tanto crentes como descrentes, somos os irmãos humanos do divino Filho de Deus. Jesus sacrificou-se por toda a humanidade. E foi por amor de toda a humanidade que ele se revelou após a crucificação. Sua ressurreição depois da morte devia servir de prova ao mundo de que há uma ressurreição depois de todas as mortes. Não existe a morte.

A crença na imortalidade era um dos princípios cardiais do credo de Paulo. No início da sua missão, tivera a certeza de que ninguém mais morreria. O Reino dos Céus, declarava, estava realmente a chegar. Mas corria o tempo, e Paulo, vendo serem queimados, crucificados e apedrejados os companheiros, cessou de proclamar a vida eterna neste mundo, e começou a esperar uma vida posterior. Todos os homens têm de morrer, mas a morte é apenas a transição de um estágio de vida a outro.

Explicou essa teoria em cartas aos seus discípulos. Começou com uma comparação entre o corpo humano e a semente de uma planta. A semente deve apodrecer

na terra para que a planta se desenvolva acima do solo. "O que semeais não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeais, não semeais o corpo que há de nascer, mas o simples grão..." Não desesperemos, portanto, se vemos jazer morto na terra o "simples grão". Pois o homem tem, não só um corpo natural, como um corpo espiritual. O corpo de carne e sangue morre, mas o corpo do espírito desabrocha em beleza imortal. A antiga vida "semeia-se em corrupção, e ressuscitará em incorrupção; semeia-se em ignomínia, e ressuscitará em glória; semeia-se em fraqueza, e ressuscitará com vigor; semeia-se em corpo... (que) é da terra, terrenal; ressuscitará em corpo... (que) é do céu, celeste..."

Essa, pois, a esperança que São Paulo ofereceu a todo filho do homem na sua imortal fraternidade com o Filho de Deus. "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó sepultura, a tua vitória?"

VI

E assim revestido com a couraça do espírito contra o medo da morte, São Paulo prosseguiu na sua missão. Em toda a parte, as pessoas do povo o escutavam e eram confortadas. Mas os maus guias dos homens — aqueles que transformavam suas religiões em carreiras de vantagens pessoais — o temiam e perseguiram. Pois ele repetida e inexoravelmente lhes denunciava os propósitos desonestos. Sua boca eloquente não sabia apenas reconfortar, mas também zurrir. "Vede a verdade, ó desprezadores, e espantai-vos, e perecei". Nem sempre conseguia dominar seu gênio impulsivo. Como Jeremias e Jesus antes dele, entrou no próprio Templo para acusar os sacerdotes face a face. Prenderam-no, mandando-o a juízo perante Félix, o governador romano da Judéia — homem que, nas palavras do historiador antigo Tácito, "exercia a autoridade dum rei com o espírito de um escravo".

Paulo compareceu diante de Félix, não como um prisioneiro diante de seu juiz, mas como um mestre diante do aluno. "Felix", escreve São Lucas, "ficou espavorido" com as palavras do ousado cristão. De bom grado o entregaria a seus legionários para que o açoitassem. Mas Paulo conhecia os seus direitos legais. "Não te é lícito açoitares um homem que é cidadão romano, e não foi condenado".

Passou então a explicar que não era culpado de nenhum crime, salvo o de confortar seus correligionários e reunir fundos para acudir-lhes às necessidades físicas.

A frase "reunir fundos", o governador prestou atenção. Aquêle homem podia vir a ser uma fonte de lucros para ele. Talvez conseguisse induzir Paulo a com-

"A SINFONIA PASTORAL"

(Continuação da pág. 25)

Jacques volta para Lausanne. Com o decorrer do tempo, o sentimento que vai no coração do pastor transforma-se em paixão violenta. Gertrude, de quem ele afastara o filho, corresponde-lhe suavemente, inocentemente, pois em sua alma pura não havia pecado. Com a chegada do dr. Martins, o pastor pede-lhe que faça um novo exame nos olhos de Gertrude. O médico conclui que havia probabilidades de a moça recuperar a vista, arriscando-se a uma melindrosa intervenção cirúrgica. A pedido do pastor, leva-a para Lausanne e ali a opera. A operação se faz com absoluto sucesso.

Ver pela primeira vez o mundo é uma estranha e prodigiosa experiência para Gertrude. Ela se avista com Jacques e ambos se convertem à fé católica. Jacques era em verdade o homem que ela amava, mas sentiam que havia entre eles o pai... E a moça volta para a aldeia perdida entre as neves, trazendo no coração um tormento.

A moça vive numa angústia e só vê uma solução para o seu drama: o suicídio. Passeando ao longo do rio, franqueia a ponte e mergulha nas águas. Retiram-na do rio desfalecida, levam-na para a casa de Louise de la R... Quando ela recobra os sentidos vê que um homem está orando, ajoelhado aos pés de sua cama. Era o pastor.

Então Gertrude lhe diz suavemente toda a verdade. E morre.

Quando Jacques chega, pergunta ao pai por que não havia chamado um padre para assistir os últimos momentos de Gertrude. Ela e ele haviam-se convertido à fé católica. Diz que não podia julgá-lo. Era seu filho. Mas os seus erros afastavam-no do pai para sempre. E parte.

Desamparado, atormentado, o pastor volta para casa e atira-se aos pés de Amélie, a sua esposa. Pede-lhe que reze por ele. Amélie, condoída pelo sofrimento daquele homem prostrado aos seus pés, murmura lentamente uma oração.

praz sua liberdade. Pelo menos, tentaria.

Assim pôs a Apóstolo sob "custódia leve" — *liberam custodiam*. Concedia-lhe a liberdade de ir e vir dentro da cidade (de Cesaréia), de conversar com seus amigos, e até de o visitar no castelo. Mas não lhe permitia deixar a cidade. Deste modo, esperava conservar à mão o "coletor de fundos", e convenceu-o por fim a abrir a bolsa. Repetidas vezes convidou Paulo a uma palestra "amistosa". Mas o único assunto que o governador conseguia fazê-lo versar, conta-nos São Lucas, era "a justiça, a temperança e o juízo vindeiro".

Dois anos esteve o Apóstolo, já entrado em anos, confinado dentro da cidade. Veio então um novo governador para a Judéia — e uma nova esperança para Paulo. Como cidadão romano, tinha direito de recorrer a novo julgamento, perante o imperador romano. Félix lhe denegara reiteradamente esse recurso. Mas agora lhe vinha outra oportunidade, com outro homem. Paulo pediu audiência ao novo governador. Festo, e mais uma vez apresentou sua pretensão. *Appello Caesarem* — apelo a César para que me julgue".

"Muito bem", disse Festo, homem muito mais liberal que seu predecessor, "para César irás".

VII

Foi na viagem a Roma que o Apóstolo alcançou o apogeu da sua vida tempestuosa. Depois de o navio ter "navegado vagarosamente por muitos dias" — a história é vividamente narrada na linguagem de São Lucas — "sobreviu uma tempestade de vento". Navegaram muitos dias castigados pelo nordeste, "sem vermos o sol nem as estrelas, e tendo já perdido toda esperança de nos salvarmos". Nesse período de expectação, só uma voz soava animadora. "Não temais", dizia Paulo; "o navio pode socobrar, mas as nossas vidas serão salvas". Isso lhe fôra revelado, declarou, numa visão divina.

E realmente, perdeu-se o navio, porém não as vidas. Na hora suprema do perigo, quando as vagas começavam a espedaçar a pópa, o Apóstolo colocou-se no comando da tripulação. Sempre assumia o encargo de dirigir nos momentos críticos. Antes que tudo, mandou que os homens comessem alguma coisa. Pois estavam em jejum havia muitos dias, e precisavam de vigor para enfrentar a provação próxima. E então, depois de se terem refeito, "ordenou que os que sabiam nadar se lançassem ao mar e chegassem primeiro à terra; e os demais, uns em tábuas e outros em pedaços do navio. E assim aconteceu que todos escaparam a salvo para a terra".

Finalmente, a bonança depois da tempestade. O tribunal supremo de Roma absolveu-o de todas as acusações políticas e deixou-o viver em paz. "E Paulo residia dois anos inteiros na sua casa alugada" — estamos novamente citando S. Lucas — "e recebia todos quantos vinham vê-lo; pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem que ninguém lho impedisse". Escrevia cartas de encorajamento a seus discípulos, e em troca recebia deles toda a sorte de "presentes" — pequenas provas de afei-

ção, coisas de pouco preço mas de grande valor. "Que há mais precioso que a terna consideração de amigo para amigo?"

Não tem base sólida a crença, alimentada por muitos biógrafos, de que Paulo morresse mártir. Numa de suas últimas epístolas (aos Filipenses), escreveu que não era molestado ao conquistar adeptos "no palácio". Foi nessa ocupação de "conquistar adeptos" que terminou seus dias. E foi com um sorriso de alívio e satisfação que depôs finalmente o seu fardo. "Peleei o bom combate, cheguei ao fim da jornada, mantive a fé".

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé").

Entre estudantes

(Continuação da pág. 19)

Na vez a ocasião era boa. Ele sentia também que havia alguém atrás dele, no limiar da porta e levantou um pouco a voz no intuito de ser ouvido pela sua camarada: — Quero dizer a ilusão de que existe qualquer coisa acima da matéria.

— Ah! eis aí afinal o seu *credo*, retorquiu o estudante louro. Tudo é ilusão, não é verdade?

Todas as nossas aspirações para uma vida diferente das dos cachorros, e todos os nossos esforços para nos elevarmos acima de nós mesmos! Mas veja como você é ilógico: tomemos, por exemplo, o seu socialismo. Por que é que você se inquieta com o que entende com os interesses da raça? Por que se ocupa com o mendigo que está na ribeira? Por que se dá tanto ao trabalho de emprestar este livro — com um movimento de cabeça ele indicava William Morris — a todos os estudantes que se acham no laboratório?

— A todas as estudantes, disse o corcunda a meia voz, e deitou para trás um olhar malicioso.

A jovem vestida de escuro, e de olhos melancólicos acabava de entrar; ela conservava-se em pé, do outro lado da mesa, atrás do corcunda, tendo na mão o avental dobrado, e, meio voltada, prestava atenção à discussão. Não notou no corcunda, porque os seus olhos voltavam-se de Hill para o seu interlocutor. Hill vira-a entrar; ela não podia duvidar disso ao ver os esforços que ele fazia para parecer que o ignorava; ela compreendeu e isso lhe agradou.

— Não vejo razão, dizia Hill, para que o homem viva como um bruto, porque não conhece nada além da matéria e não tem a esperança de viver ainda cem anos.

— E por que não havia ele de viver como um bruto? perguntou o mancebo louro.

— E por que havia de viver como um bruto?

— Que móvel tem ele?

— Aí está a grande palavra de toda a gente religiosa. Não se trata senão de móveis. Um homem não pode praticar o bem unicamente por amor do bem?

Houve uma pausa. O louro continuou com uma espécie de hesitação na voz.

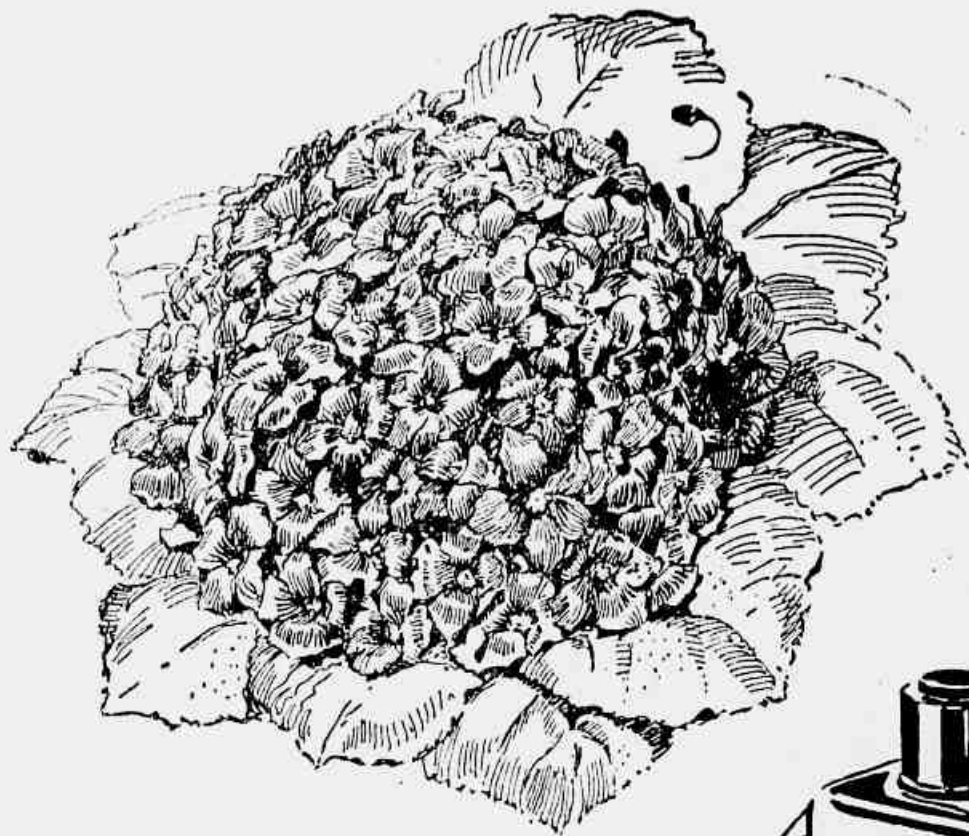
Mas, vejamos, quando eu digo o móvel...

Isto era para ganhar tempo. Então o corcunda veio em seu socorro e insinuou uma pergunta. Aquela, com as suas perguntas, era formidável nas discussões entre os estudantes: as suas perguntas tornavam invariavelmente a forma de uma intimação de definição.

— Qual é a sua definição do bem? perguntou ele.

A esta pergunta, Hill perdeu subitamente a paciência; mas, no momento mesmo em que ele era interrogado, chegou-lhe o socorro na pessoa de Brooks, auxiliar-preparador, que entrava pela porta do gabinete das coleções, carregando pelas pernas posteriores um certo número de cobaias recém-mortas.

— Aqui está o último lote da estação, exclamou o jovem que ainda nada tinha dito. Brooks adiantava-se, pondo um par de cobaias em cima de cada mesa. A discussão terminou bruscamente: aqueles dos estudantes que não estavam nos seus lugares precipitaram-se para escolher o seu tema de experiência. Ouvia-se no recinto um rumor de chaves, quando se abriram os armários onde estavam os instrumentos de dissecação. Hill estava em pé junto da sua mesa, tendo já tirado do bolso a caixa dos escalpelos.



Loção
VERA VIOLETTA

UMA CREAÇÃO INIMITAVEL DE

ROGER & GALLET

RIO • PARIS



CAMPEÕES OLÍMPICOS DE TURISMO OS "DIRIGENTES" BRASILEIROS!

Com o regresso de atletas e dirigentes que estiveram em Londres, disputando as Olimpíadas, confirmou-se aquilo que todos os desportistas sinceros já esperavam: — os "cartolas" da delegação brasileira conseguiram realizar a mais sensacional das façanhas nacionais na capital britânica, a conquista do único título olímpico, — o de campeões de turismo, — que foi brilhantemente alcançado, com muitos e muitos pontos de diferença sobre os representantes das demais nações concorrentes. Levy Kleiman, continuando na sua série de sensacionais revelações que vem fazendo em "Esporte Ilustrado", sobre a administração esportiva nacional, apresenta na edição que já se acha à venda ângulos inéditos e a história da conquista do título olímpico de turismo pelos "dirigentes" brasileiros.

"O Almirante vai de vento em pópa", é a reportagem de Luis Mendes, agora o primeiro locutor esportivo da cidade pelas arrojadas iniciativas que vem realizando à frente do Departamento Esportivo da Rádio Globo e pela sua técnica precisa em reportar os jogos que irradia. Luis Mendes nessa reportagem conta a marcha invicta do líder no campeonato carioca. Ilustram esta reportagem vários flagrantes fotográficos de José Santos.

Uma nova e sensacional página da única revista de todos os esportes do Brasil: "Reportagens-Relâmpago", com três assuntos diferentes assinados pelo "repórter-coletivo", Mauro Pinheiro: "Velho como o vinho...", "A verdade é esta" e "Aprendam, meus filhos..."

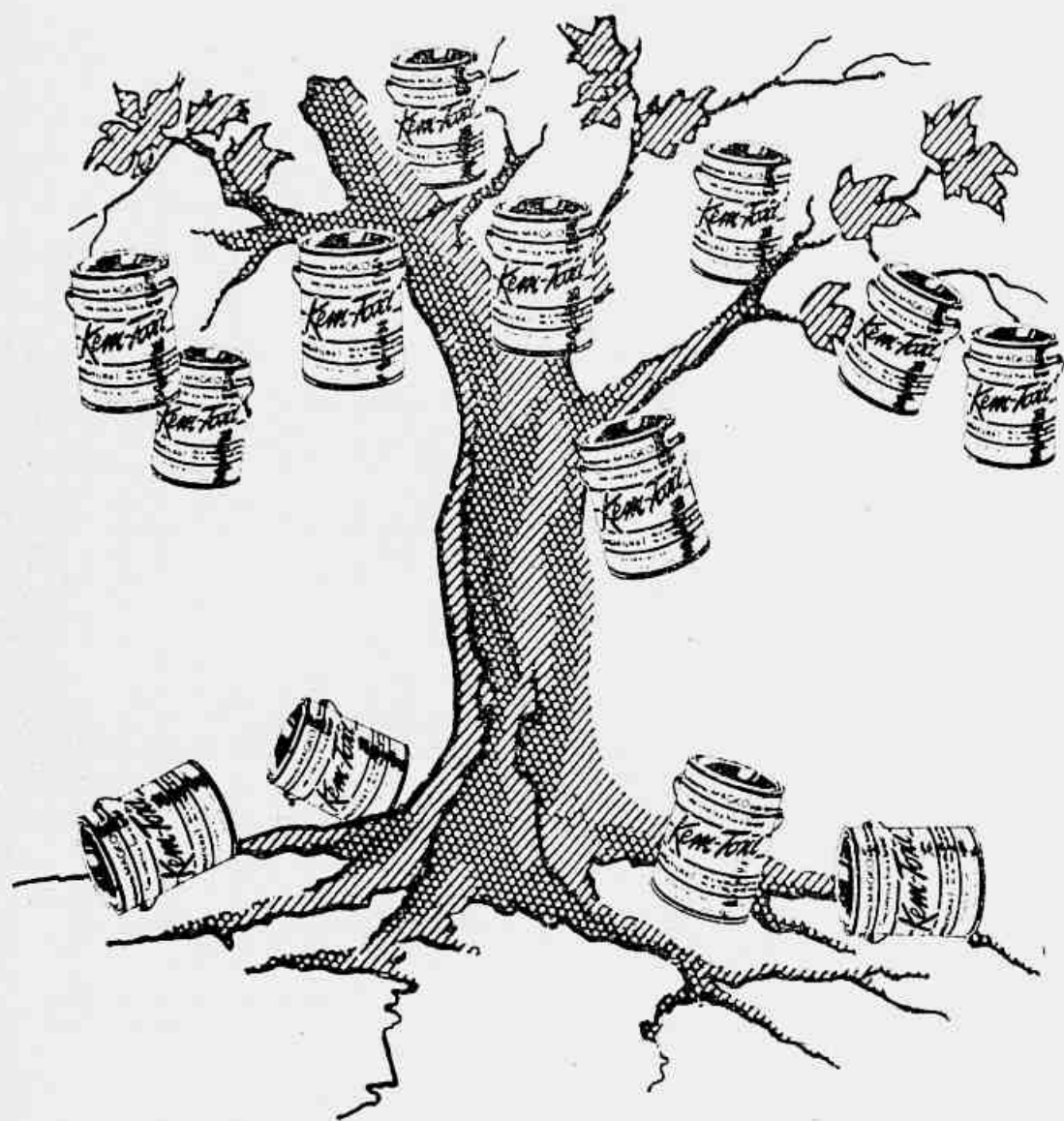
Além destas atrações, "Esporte Ilustrado" publica nessa edição: Vasco x América Mineiro, Vasco x São Cristóvão e Flamengo x Madureira, em reportagens fotográficas de José Santos; "Hugo Severo, campeão brasileiro de tênis de mesa", e "Vitória dos cariocas em toda a linha", reportagens de Silvío Rangel sobre os triunfos metropolitanos no campeonato brasileiro; "A Rio-Petrópolis-Rio", a sensacional competição ciclística, numa reportagem de Ivan Antunes, com fotos de Josué Marinho; "Os raquetistas cariocas venceram a Taça "Antônio da Silva Campos", por Mister Lob; "A desforra dos argentinos" e "O contra-ataque, a chave da vitória do Flamengo sobre os argentinos", as duas últimas exibições do selecionado portenho de basket, vistas por Saldanha Marinho, o cronista-técnico, com uma espetacular fotografia de José Santos, focalizando o campo de basket da Associação Atlética do Grajaú, no jogo do Flamengo; "Não aprendemos box nas Olimpíadas", reportagem de R. A. A. Coutinho sobre as impressões dos lutadores nacionais acerca do certame de Londres; as reportagens da 7ª rodada do campeonato carioca de futebol, por Rubens Cunha, Luis Mendes, Mariz Meira e Charles Guimarães; o interestadual Vasco x América Mineiro, por Mário Renato; os remadores que venceram os 16 páreos da regata do Vasco, prova por prova; "O Rádio Esportivo", com as novidades do sem-fio especializado; "Os dirigentes brilharam em São Paulo", reportagem de Silvío Cintra Filho sobre a atuação dos paredros cariocas no campeonato brasileiro de vôlei; "A campanha internacional do futebol português", crônica de Alvaro Silva, de Lisboa; "Brilha o Cruzeiro no campeonato mineiro", etc.

A capa colorida do "último número de "Esporte Ilustrado" focaliza o trio final do Fluminense: Pé de Valsa, Castilho e Hélio, e a contra-capas, a cores, a equipe carioca bi-campeã brasileira de tênis de mesa.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

se **Kem-Tone** desse nas árvores...



...não teríamos que nos desculpar

...pela escassês de certas cores. Todavia, já instalamos

novas máquinas para aumentar a produção, atendendo

assim à procura sempre crescente de Kem-Tone —

a tinta mais vendida em todo o mundo.

E lembre-se — há somente uma Kem-Tone!

À venda nas melhores casas do
centro e de todos os bairros.

Exija a genuína



TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
DO BRASIL

SÃO PAULO: RUA BARÃO DE ITAPETINGA 124

REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

A jovem de escuro deu um passo para o seu lado e, apontando-se à mesa, disse-lhe carinhosamente:

— Sabe, senhor Hill, que eu já lhe restitui o seu livro?

Durante toda a cena, o espírito de Hill não se ocupava senão dela e do livro, mas simulou olhar e ver o volume pela primeira vez.

— Ah! bem, respondeu ele pegando no livro. Agradou-lhe?

— Tenho que lhe fazer, oportunamente, algumas perguntas sobre ele.

— Como todo o gosto. Isso me dará muito prazer.

Ele deteve-se com ar constrangido.

— Agradou-lhe?

— É um livro admirável. Apenas há nele algumas passagens que não compreendo.

Subitamente, o silêncio foi imposto a todo o laboratório por um ruído esquisito. Era o chefe dos trabalhos que estava à pedra, pronto a começar a lição do dia; e ele tinha o costume de reclamar o silêncio por um grito, que participava do "psiu!" ordinariamente em uso, e do som estridente do clarim. A moça de escuro deslizou apressadamente para o seu lugar que era justamente diante do lugar de Hill. Este, sem se ocupar mais com ela, tirou um caderno de dentro da gaveta, virou precipitadamente as páginas, tirou do bolso uma ponta de lapis, e achou-se no dever de tomar muitas notas sobre a lição que ia principiar. Por quanto lições e demonstrações são o Evangelho dos colegiais; os livros, à exceção dos do mestre, todos podem ignorá-los, há mesmo vantagem em ignorá-los.

Hill era filho de um tamancueiro de Landport; e graças ao feliz acaso de uma boa composição, tinha sido colocado pelas autoridades na escola profissional da aldeia. Ele viveu em Londres à sua custa, com um guinéio por semana e achou que, com ordem, aquela soma era também suficiente para a sua toilette, para a compra de uma capa impermeável em segunda mão, de tinta, agulhas, linha e de tudo o que é necessário a um homem em uma cidade. Ele estava ainda no seu primeiro ano e no seu primeiro semestre; mas seu velho pai, em Landport, tinha já atraído muitas antipatias, em diversas tavernas, gabando sem cessar o "meu filho professor".

Hill era um rapaz vigoroso; tinha um tranqüilo desdém pelo clero; tinha também a bela ambição de reformar o mundo. A sua bolsa lhe parecia um brilhante favor de que cumpria tirar todo o partido possível. Ele principiara a ler aos sete anos, e, desde então, tinha lido atentamente tudo o que lhe chegou às mãos, fosse bom ou fosse mau. A sua experiência do mundo limitava-se ao conhecimento da ilha de Portsea; conhecimento esse, que tinha adquirido mormente na fábrica de calçado, onde havia trabalhado a jornal, depois de ter feito o sétimo exame na escola comunal.

Hill possuía um talento notável para falar; a conferência dos estudantes (a qual na subida da escada e pelo lado do anti-teatro de metalurgia ficado junto de máquinas de moer e de modelos de minas), reconhecia já esse talento e acedia-o fazendo barulho com as carteiras toda as vezes que Hill se levantava para falar. Ele estava juntamente nessa bela idade, em que a vida, semelhante a um amplo vale, seguindo-se a um estreito desfiladeiro, se nos abre aos pés, terra prometida das descobertas e das conquistas imagináveis. A não ser a sua ignorância do latim e do francês, não havia limites que se interpussem à ambição de Hill.

A princípio, tinha sido a sua atenção muito equitativamente dividida entre os trabalhos de biologia do colégio e as teorias sociais e teológicas a que se havia dedicado de corpo e alma. À noite, quando a biblioteca do Museu não estava aberta, ele se sentava no seu leito, no quarto que ocupava em Chelsea, com um casaco e um cache-nez; redigia a lição, revia as suas notas de disseção, até que Thorpe o chamasse de fora por um assobio (a proprietária não consentia em abrir a porta às visitas dos locatários alojados nas mansardas); então saíam ambos a vagar ao longo das ruas, escuras ou iluminadas a gaz, discutindo, perfeitamente como na nossa história, sobre a idéia em si, sobre o bem, sobre Carrile e sobre a reforma social. No meio de tudo isto, Hill, fa-

lando não somente a Thorpe, mas eventualmente a todos quantos passavam, perdia às vezes o fio dos seus argumentos; e que cometera o erro de reparar em uma certa carinha gentil e arrebecada que, ao passar, lhe deixara uma olhadela significativa. Ah! ciência e virtude, tinheis sido esquecidas! Uma ou duas vezes, ultimamente, tinha ficado patente que um terceiro interesse havia surgido no coração de Hill: por diversas vezes tinha-se deixado distrair dos sonites mesoblasticos ou do fim provável do blastoporo pelo pensamento da jovem de olhos castanhos, sentada a uma mesa diante dele.

Esta, com quanto fosse uma aluna contribuinte, não desdenhava falar-lhe sem arrogância. Ao considerar a educação que ela havia recebido e os conhecimentos que devia possuir, Hill sentiu-se humilhado. Foi ele quem primeiro lhe dirigiu a palavra relativamente a uma dificuldade sobre o atisfenóide do crânio de um coelho, e certificou-se de que, pelo menos em biologia, não tinha razão de abdicar perante ela. Desde então, a propósito fosse do que fosse, eles se elevaram a generalidades; ao passo que Hill investia contra ela sobre o terreno do socialismo (um instinto secreto inclinava-o a evitar qualquer discussão religiosa), ela empreendia a educação artística do seu camarada. Ela tinha um ou dois anos mais do que ele, ele nunca se preocupou com isso. As "Novidades de parte alguma" tinham fornecido ocasião de uma troca de boas maneiras. Imbuído de princípios absurdos, Hill nunca tinha "perdido o seu tempo" a ler versos; isto se afirmava a ela uma tremenda fraqueza. Um dia, na hora do lunch, encontrando-o só, por acaso, na pequena galeria, onde estavam expostos os esqueletos, ocupado a comer às escondidas o pãozinho que constituía toda a sua merenda, ela retirou-se apressadamente, depois voltou atrás para lhe oferecer, com gesto furtivo, um volume de Browning. Ele conservou-se de lado na frente dela e tomou o livro com um movimento constrangido, porque com a outra mão pegava no pãozinho. Ao afastar-se, ela notou que a voz do mancebo tinha perdido um pouco da sua jovial sonoridade.

Isto se passava em seguida aos exames de anatomia comparada, na véspera do dia em que o colégio ia dar férias a todos os alunos e ficaria rigorosamente fechado para as festas do Natal. A preocupação que lhe dava o grande esforço a fazer para a primeira prova que ele devia exibir, tinha por algum tempo dominado todos os outros cuidados de Hill. Ele ficou surpreendido ao perceber que, na avaliação das probabilidades, a que todos se entregavam, ninguém o considerava como um candidato sério à medalha da fundação Harvey de que deviam decidir aquele exame e os dois seguintes. Foi mais ou menos por essa época que Wedderburn, cuja concorrência ele nunca rejeitara, principiou a se lhe apresentar como um rival. De comum acórd, ele e Thorpe decidiram que as digressões noturnas cessariam durante as três semanas que precediam aos exames, mas a proprietária observou que, pelo preço que ela levava, não lhe era, de certo, possível fornecer tanto azeite. Hill andava de um lado para outro, com pequenas fichas na mão, contendo, por exemplo, listas dos órgãos do camarão, dos ossos da cabeça dos coelhos, tabela do sistema nervoso, etc.; nessas ocasiões ele se tornava um verdadeiro flagelo para os pedestres que caminhavam em direção oposta a ele.

Por uma natural compensação, a poesia e a jovem de olhos castanhos ocuparam para ele as festas de Natal. Os resultados esperados do exame tinham conservado tão pouca importância no seu espírito que lhe causava admiração a impaciência que o pai manifestava. Ainda mesmo que ele quisesse, não poderia encontrar em Landport os meios de estudar a anatomia comparada, e era muito pobre para comprar os livros; mas, na biblioteca pública, a coleção dos poetas era bastante rica e a curiosidade de Hill pôde satisfazer-se plenamente. Ele embebeu-se das harmonias facis de Longfellow e de Tennyson, alimentou-se de Shakespeare, descobriu em Pope uma alma-irmã, e em Shelly um mestre; ouviu — para lhes fugir — as vozes de sereia de Elisa Cook e de Mme. Hemans. Não leu, porém, mais nada de Browning, esperando que, à sua

*Indispensável e
Insubstituível*

NO CABELO COM
ONDULAÇÃO
PERMANENTE



USE

Self-Ker

SABÃO OLEOSO

Os cabelos são a moldura do seu rosto. Não há beleza perfeita se os cabelos não são lindos. SELF-KER lhe dará esta beleza desejada.



Encontra-se á venda
CASAS HERMANY
DROGARIA V. SILVA
FARMACIA NOVA LTDA.
Rua Voluntarios da Patria.
GARRAFA GRANDE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alfaca "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas S. A.

volta para Londres, a jovem Haysman lhe emprestaria novos volumes.

Ele voltou de casa para o colégio com aquele livro de Browning enrolado no seu avental de tecido encerado; tinha o espírito repleto das mais bellas idéias gerais sobre a poesia. Chegou ao ponto de preparar frases destinadas a lhe proporcionar um bom acolhimento, quando regressasse. Era por uma manhã excepcionalmente agradável para Londres; fazia um frio límpido e intenso e o céu estava completamente azul; uma leve calmaria se fazia sentir em todas as coisas; os raios quentes do sol caíam entre os grupos de casas, e, do lado iluminado da rua, pareciam semear ambar e ouro. No vestibulo do colégio, Hill tirou a luva e escreveu o seu nome com os dedos tão hirtos e frio que o traço com que costumava sublinhar a sua assinatura, saiu muito trêmulo. Em toda a parte ele julgava ver a jovem Haysman. Chegado que foi à escada, voltou-se daí viu uma multidão acotovelando-se por cima dele, diante do quadro das comunicações oficiais. Talvez estivesse ali a lista da classificação para a biologia. Hill esqueceu Browning e a jovem Haysman e foi reunir-se ao grupo. Finalmente, com a face esmagada contra a manga da pessoa que estava acima dele, no degrau superior, — ele leu esta lista:

1.ª Categoria.

- 1.º H. J. Somers Wedderburn;
- 2.º William Hill.

Em seguida vinha uma outra série que não nos interessa absolutamente. Coisa singular, Hill não se preocupou de procurar o nome de Thorpe na lista de física; retirou-se imediatamente do apertão, e, em um curioso estado de alma, formado ao mesmo tempo do orgulho de estar acima dos alunos de segunda categoria e do rude desapontamento causado pelo sucesso de Wedderburne, subiu a escada. Em cima, quando pendurava o sobretudo em um corredor, o chefe dos trabalhos de zoologia — um jovem mestre, ex-estudante de Oxford, que o tinha na conta de um grosseiro pretensioso — apresentou-lhe as suas mais cordiais felicitações.

Quando chegou à entrada do laboratório, Hill parou por um instante para respirar, depois entrou. Tendo deitado os olhos para as grades superiores, avistou as cinco moças reunidas nos seus lugares, e Wedderburn, outrora tão reservado, apoiado com graça a uma janela, brincando com a borla do store e conversando, ao que parecia, com as cinco estudantes. Ora, Hill era capaz de falar, sem timidez até com firmeza a uma moça; caso necessário fosse; ele faria um discurso a uma assembleia de moças; mas, conservar-se assim, à sua vontade, discutir, dando réplicas e achando respostas prontas no meio de um grupo, isto (ele o sentia) estava acima dos seus recursos.

Enquanto ele subia a escada, não experimentara senão sentimentos generosos em relação a Wedderburn, uma certa admiração, uma vontade imperiosa de lhe apertar a mão diante de todos e de bom grado, como a um concorrente que só havia ganho o primeiro lugar. Mas, antes do Natal, Wedderburn nunca chegara ao extremo de tagarelar. Em um instante aquela névoa de mau humor se condensou em uma profunda antipatia. Quando ele chegou ao seu lugar, Wedderburn dirigiu-lhe descuidadamente um cumprimento, e os camaradas, que o rodeavam, apenas lhe volveram uma vista d'olhos. A jovem Haysman olhou para ele com o ar mais distraído possível.

— Não sou da sua opinião, sr. Wedderburn, dizia ela.

— Cumpre-me fecilitá-lo pelo resultado do seu exame, sr. Hill, disse a jovem vestida de verde olhando por cima dos óculos e voltando-se para ele com um sorriso radiante.

— Oh! Não há de que, respondeu Hill, que não tinha ouvidos senão para a conversação de Wedderburn com a jovem Haysman, e que só queria ouvir o que eles diziam.

— Essa não é a opinião de nós outros, pobres diabos da segunda categoria, continuou a moça dos óculos.

Que estaria dizendo Wedderburn? Ele falava de William Morris! Hill não respondeu à sua interlocutora e o sorriso ex-

pirou-lhe nos lábios. Não conseguia ouvir, nem tão pouco encontrava um meio de intervir. Wedderburn que leve a breca! Dito isto, sentou-se abriu o saco, imaginando se devia restituir o volume de Browning imediatamente, ali mesmo, aos olhos de todos, e, renunciando a isso, tirou os novos cadernos destinados ao curso de botânica elementar que ia principiar para terminar em fevereiro. Neste momento, um homem gordo e pesado, com olhos pardos claros e de rosto claro, Elmdon, o professor de botânica que tinha vindo de Kew para janeiro e fevereiro, entrou pela porta do anfiteatro e atravessou todo o laboratório esfregando as mãos e sorrindo com muda afabilidade.

Nas seis semanas que se seguiram, Hill passou por variadas emoções, muito rápidas e muito complexas. A mór parte do tempo, Wedderburn era o seu ponto de mira, coisa essa de que a jovem Haysman nunca se apercebeu. Ela teve ocasião de lhe dizer (por isso que, na relativa solidão do museu, falaram ambos do socialismo, de Browning e de questões gerais) que tinha encontrado Wedderburn em casa de pessoas de seu conhecimento, e acrescentou:

— A inteligência dele é de família; como sabe ele é filho de um grande oculista.

— Cá por mim, meu pai é tamanqueiro, replicou Hill fora de propósito.

Tendo dito isto, compreendeu que tinha sido desastrado; mas aquele movimento de ciúme não desagradou a moça, pois esta compreendeu que fora ela quem o inspirava. A luta com Wedderburn era desigual, Hill sofria com isto, ao mesmo tempo que notava a dianteira que o rival tomara sobre ele. Wedderburn tinha por pai um homem eminente, e até isso era tido por todos como um mérito da sua parte!

E, ao passo que Hill tinha que se fazer conhecer por si só, que falar a jovem Haysman somente dentro do laboratório, por cima dos cadáveres de porcos da Índia, esse Wedderburn entrava com segurança no seu nível social e podia entreter-se com ela em uma linguagem elegante, linguagem que Hill compreendia, certo, mas que se sentia incapaz de falar. Nem ao menos ele ambicionava falar essa linguagem... Desde então afigurou-se-lhe que, vir para ali todos os dias com uns punhos muito brancos, um traje elegante, um penteado muito bem feito, uma correção perfeita, era da parte de Wedderburn o mesmo que portar-se como um homem mal educado, desdenhando os outros. Ainda mais, houve também dissimulação em portar-se ele durante certo tempo como as demais pessoas, em fingir modéstia, em deixar que Hill se considerasse o campeão do ano, depois em erguer-se inopinadamente diante dele e encher-se de orgulho daquela maneira. Acrescente-se a isso que Wedderburn manifestava uma disposição crescente a se ligar a todos os grupos em que se achava a jovem Haysman, e ousava buscar ocasião de difundir idéias contrárias ao socialismo e ao ateísmo.

Por meio de alusões claras, leves e diretas aos campeões do socialismo, ele impeliu Hill a praticar descortezias, de tal modo que este acabou por detestar as graças de Bernard Shaw, as edições de luxo e as suntuosas tapeçarias de William Morris, e os desenhos absurdos de Walter Crane, pouco mais ou menos do mesmo modo que detestava Wedderburn em pessoa.

As dissensões no laboratório, depois de terem sido outrora para ele outras tantas ocasiões de se fazer notar, tornavam-se agora perigosas, degeneravam em pelejas; Hill saía delas com a idéia confusa de que a sua honra ficava empenhada. Na conferência dos estudantes, ele percebeu claramente, pelos aplausos que acompanhavam o rumor das carteiras, que podia pulverizar o adversário; somente acontecia que Wedderburn nunca vinha deixar-se pulverizar, sob o pretexto (que desagradável presunção!) de que "tinha de ir jantar em sociedade!"

Cumprir que se não creia que todas essas coisas se apresentavam sob um prisma tão amargo ao espírito de Hill. Hill era, por natureza, inclinado a generalizar.

(Continua no próximo número)

AS MULHERES LINDAS
AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplice Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME

Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
Revista da Semana
em São Paulo

Tratar com
JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º andar — Sala 217
Fone: 6-6718

"MELISSA"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de LE GRAND CANNON JR.
— Desenhos de JOHN FULTON



A faca vibrou...



Gowan olhou-os. Estava orgulhoso deles



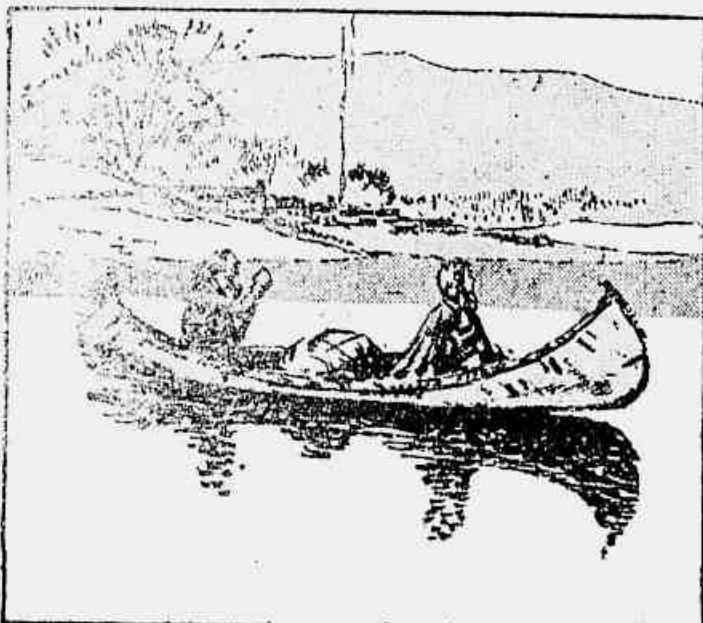
— Amen, — terminou. — Amen, — responderam todos

Joe Felipe gritou de raiva quando viu que errara. A faca foi eravar-se no portal, acima da cabeça de Whit, vibrou e caiu ao solo. Whit fechou a porta e acompanhou Melissa. A caminho da casa do sacerdote, pensou em fazer o elogio da beleza dela, naquele dia. E o fez. No resto do trajeto Melissa não soube se seus pés pisavam mesmo o solo ou não. Gowan cumprimentou-os, acrescentando: — Creio que não há dúvida quanto ao que desejam... — Whit sorriu. Melissa também, se bem que um sorriso muito mais feliz. Gowan olhou de um para o outro. Estava orgulhoso deles. — Estou contente em vê-los aqui — explicou. E diante do fogo, ouviu toda a

história de Potter, do capitão e de Joe Felipe. Resolveu que afinal não deveria ser muito difícil obter o consentimento do capitão Butler. Era só mostrar a ele que a população não veria com bons olhos o fato de estar querendo entregar a filha a Joe Felipe... e mencionar também um possível banho de breu, seguido de uma roupa de plumas. Quanto à exigência de três semanas para os proclamas... bem, naquela mesma noite haveria sermão e ele pediria à congregação que dispensasse o prazo. Gowan expôs o plano ao casal e saiu à procura do capitão Butler. À noite, depois do sermão, expôs o problema dos proclamas e pediu votação. Mas o "Marujo" Lord se

ergueu e gritou que todos estavam a favor. O apoio foi geral. E assim o pastor casou-os... um casamento calmo, sem espalhafatos.

Whit e Melissa deixaram a igreja e seguiram pela estrada. Pouco depois já não mais ouviam as pessoas que os acompanhavam. Whit fez força para falar. — Melissa, sinto muito não ter ainda uma casa para você. — Ela parou e o abraçou. — Que tem isso? O que interessa é que estejamos juntos. — Whit não conseguiu falar. — Puxou-a. — Acha que amanhã já poderemos partir, Whit? — Amanhã ou depois, com certeza... — E de mãos dadas seguiram os dois, calados...



A aldeia ficou para trás...



Tinha de ser ali!



Melissa ergueu-se para o ramo...



Estava magoada. Só quisera ajudar

— Agora partimos de verdade — disse Whit. — Resta chegarmos lá. — Sentia-se aliviado. Melissa estava ali na canoa, com ele. A aldeia ficou para trás. Ele remava fácil, como sempre acontece ao se iniciar qualquer jornada. Avançaram bem e ao começo da tarde o rio já se estreitava. Whit procurava passagem por entre as rochas, calculando e medindo, para ir na certa. Num certo trecho, o rio cobria grande distância muito veloz e sobre muitos escolhos. Mas não havia lugar em que pudesse cruzá-lo... Encontrou um, no qual porém havia uma pequena árvore

prêsa às pedras do fundo. Seria por ali mesmo. Mas a passagem era ainda menor do que pensara. O remo tocava galhos submersos, mas tocava para a frente. Melissa, sem nada poder fazer para ajudá-lo, torcia nervosa as mãos, quando viu um ramo da árvore bem acima da sua cabeça. Se pudesse agarrá-lo daria um bom impulso à canoa. E quando se ergueu para fazê-lo, Whit berrou de trás que ficasse quieta. Melissa caiu de novo no banco, assustada. Depois, chegando ao remanso, Whit explicou-lhe a dificuldade por que tinham passado. Ela sacudiu a cabeça.

Whit fitou-a. — Que é que há? — perguntou. Ela estava rígida no banco. — Nada. — Whit pôs-se a refletir e logo percebeu. — Se tivesse agarrado aquele ramo, ele teria cedido e você caído para trás. Então, que nos teria acontecido? Eu tinha de gritar com você... — Bem, mas agora já não mais precisa gritar. — Ele custou um pouco a responder. — E, tem razão. Enfim, nada aconteceu. — Mas Melissa ainda estava magoada. Quisera apenas ajudar...



A água começava a gelar



Acamparam na bifurcação



Seus sapatinhos não resistirão...



Tudo acabará bem, Melissa.

De dia, subiam o rio Merrimack; de noite, acampavam nas barrancas. Durante boa parte do trajeto tiveram bom tempo. Depois começou a esfriar. Whit preparou o fogo e foi ver o rio. Meteu a mão dentro d'água. Começava o congelamento, se bem que o gelo talvez só no dia seguinte começasse a prejudicá-los... Antes mesmo de clarear o dia já estavam no rio, de modo que chegaram à bifurcação antes de escurecer e ali passaram a noite. Melissa ainda dormia na manhã seguinte quando ele, com fome, saiu de baixo da cobertura e pôs-se em ação em torno do fogo. Preparou comida e então despertou-a.

Assim que ela acabou de comer, Whit disse que lhe queria ver os pés. Ela os estendeu para o exame, em meias e sandálias. Whit se ajoelhou. Explicou onde estavam e os riscos que ainda teriam pela frente; que pensara em seguir a pé, quando o rio gelasse, mas que se esquecera dos perigos dela. — Mas eu posso andar muito bem, Whit? — Você pede, — respondeu ele, — mas com a neve esses sapatinhos não aguentam nem meio dia de marcha. E, vamos mesmo é pelo rio, com gelo ou sem gelo. Tenho material de reparo, para o caso de alguma brecha na

canoa. — Melissa então figurou a hipótese de um naufrágio. — Então eu a levarei a nado para a margem. Será esforço muito menor do que carregá-la daqui até Sandwich. — E segurando-a pelo ombro: — Tudo há de acabar bem, Melissa. — Ela se queixou de que não o auxiliava em nada. — Tanto você está me auxiliando, Melissa, que se não estivesse aqui comigo eu nunca teria partido. E não me refiro apenas a esta viagem, refiro-me a tudo. Nunca iria a lugar nenhum sem você! — Você irá, sim, Whit. Está bem: pelo rio!

"MELISSA"

Este folhetim continuará
no próximo número, nestas
mesmas páginas

Tradução de JORGE A. FORTES
especialmente para
REVISTA DA SEMANA



Whit sentiu que se abria o fundo da canoa. Viraram...



— Não pare nunca! Ouviu?



Whit procurou encorajá-la...

Do Merrimack passaram a um pequeno afluente. As águas eram serenas e Whit remava facilmente, quando passaram por uma ilha. De um lado a margem era cheia de grandes árvores; do outro alta e íngreme, como duas casas, uma em cima da outra. A meio caminho Whit sentiu a proa deslizando mansamente por sobre um tronco submerso. Deu toda a força, para trás, tentando recuperar a flutuação. Sentiu abrir-se o fundo da canoa, que se inclinou para a esquerda. Melissa se desequilibrou e lá foram ambos para a água. Momentaneamente Whit a perdeu de vista, ao ser empurrado pela correnteza para baixo do tronco que os fizera emborcar. Voltou à tona um pouco distante, mas viu que ela estava bem, que já nadava

para a margem. Alcançou-a e tratou de ajudá-la, pois as saias pesadas a atrapalhavam. Quando atingiu pé, tomou-a nos braços. Melissa tossia, já sem forças, e pelo seu rosto corria um filete de sangue, de um corte na bochecha. Nem parecia perceber a presença dele, ali. Whit carregou-a para cima do escarpado barranco e deitou-a. Cinco minutos depois ela já podia se manter em pé. Agora restava arranjar um foguinho. Ele perguntou se ela podia ficar andando sozinha enquanto ele fosse tentar recuperar as coisas. Ela balançou a cabeça. — Faça força, Melissa. Não pare nunca. Está me compreendendo? — Só de olhar para ela ele se sentia mal...

a cabecinha caída para o peito, muito pálida, o sangue na face. Whit se atirou ao rio, alcançou a canoa e mergulhou sucessivamente em busca do rifle, da pólvora, da faca, etc. Mergulhou até que seus músculos se recusaram a funcionar. Descansou um pouco e nadou de volta para Melissa. Procurou encorajá-la. — Está mais aquecida? — Ela só balançava a cabeça. — Olhe, não saia daqui de perto do fogo. Voltarei num instante. Preciso fazer uma coisa. — Precisava era voltar às águas geladas do rio, pois sem a machadinha não poderia manter a fogueira acesa. E sem a fogueira... bem, Melissa não escaparia do resfriado, ou de coisa pior...



Mergulhou de novo em busca da canoa



Conseguiu subir... sem saber como



— Aquela fumaça... é para onde vamos?



Whit beijou-a... sem dizer palavra

Whit mergulhou de novo. Apanhou o machado e o levou para a margem. Lutou bastante ainda para recuperar o saco de mantimentos e o das roupas. Ficou algum tempo deitado na margem, exausto, até que pôde prosseguir. Tornou a mergulhar e rebocou a canoa para lugar seguro. Depois de tudo isso, nem ele soube como conseguiu galgar a ribanceira. Voltou afinal para perto de Melissa... Whit passou a noite em claro. Conservava o fogo e cuidava da esposa. Usou de todos os recursos conhecidos para livrá-la do mal. Passaram ali mesmo todo

o dia seguinte. Enquanto ele cuidava de restaurar a canoa, ela repousava. Na manhã seguinte partiram, finalmente. Já quase ao escurecer, para o norte, Whit viu a fumaça das casas de Sandwich. Sentiu qualquer coisa presa na garganta. Por um instante esteve emudecido. — Aquela fumaça — disse ela — é para onde vamos? — Era sim. A casa de Jonas Moore ficava bem perto do rio. Jonas já estava na minúscula praia, esperando. Falou animado com Whit, enquanto amarrava a canoa e aju-

dava Melissa a desembarcar. Aquela mão pesada no braço dela inspirava confiança. Melissa gostou de Jonas Moore. Whit apresentou-os, e Jonas comentou na sua voz rouca: — Ela não é lá muito corpulenta, hein? — Não, — respondeu Whit, — mas é robusta. — Jonas subiu na frente. Melissa seguiu devagar, para logo depois voltar-se para Whit... enquanto Jonas seguia. Melissa abraçou-o. Whit beijou-a, sem nada dizer. Então os dois seguiram atrás de Jonas.



— Menina, faça o que lhe vou dizer



Whit olhou para a montanha. Era a mesma...



Jonas o ajudou a erguer a casa



E lá ficou... inconsciente

A esposa de Jonas, Ida, teve pena de Melissa assim que a viu. A pobrezinha estava tão cansada da viagem que nem mesmo notava que estava imunda. E assim a sra. Moore pôs os homens na rua e foi cuidar de Melissa. — Menina, — aconselhou, — sou duas vezes mais velha que você. Não se preocupe com o resto e faça o que eu mandar. Agora vamos despir essas roupas... parece até que você andou metida no rio. — Melissa confirmou, acrescentando que não fora culpa do esposo. — Não, eu sei que não foi. Essas coisas acontecem. Jonas diz que seu marido é um excelente homem.

Pouco depois Melissa estava com roupas limpas de Ida.

Os homens voltaram, conversou-se um pouco e foram todos para a cama. Melissa ficou acordada. Amanhã, ela sabia. Whit ia deixá-la ali. Mas afinal o sono triunfou... estava cansada de mais para resistir. Na manhã seguinte Whit saiu cedo. Quando chegou à terra que escolhera, largou a mochila e olhou para a montanha. Estava a mesma coisa; não mudara. A casa que imaginara teria seis cabos de machado em comprimento para três de largura. Demarcou o terreno, armou um barracão e se lançou ao corte dos troncos. Oito dias depois tinha tudo cortado. Jonas veio ajudá-lo a erguer a casa e a fazer a cobertura. A construção da chaminé Whit reservou para si. E aos poucos empilhou as pedras, uma pra cá outra pra

lá, tudo muito lentamente mas de modo seguro. Enquanto houvesse luz, não descansava um segundo. E de noite quase não dormia. Pensava naquela chaminé e sentia as pedras nas pontas dos dedos. Quando passou do teto, já trabalhava como se estivesse sonhando. Não comia há dia e meio, mas isso não tinha importância. Uma coisa estranha acontecera: não sentia necessidade de comer.

Pondo a última pedra no lugar, Whit viu que estava tudo terminado... só restava uma coisa a fazer! Desceu lá de cima, pisou o chão, sentindo-se enfraquecido, olhou para o alto e seu salto resvalou numa pedra. Caiu. Sua cabeça bateu numa outra pedra e lá ficou ele... amolecido no chão, inconsciente.

o sangue
e mer-
pólvora,
se recusa-
de volta
mais aque-
não saia
e. Preciso
as geladas
manter a
elissa não



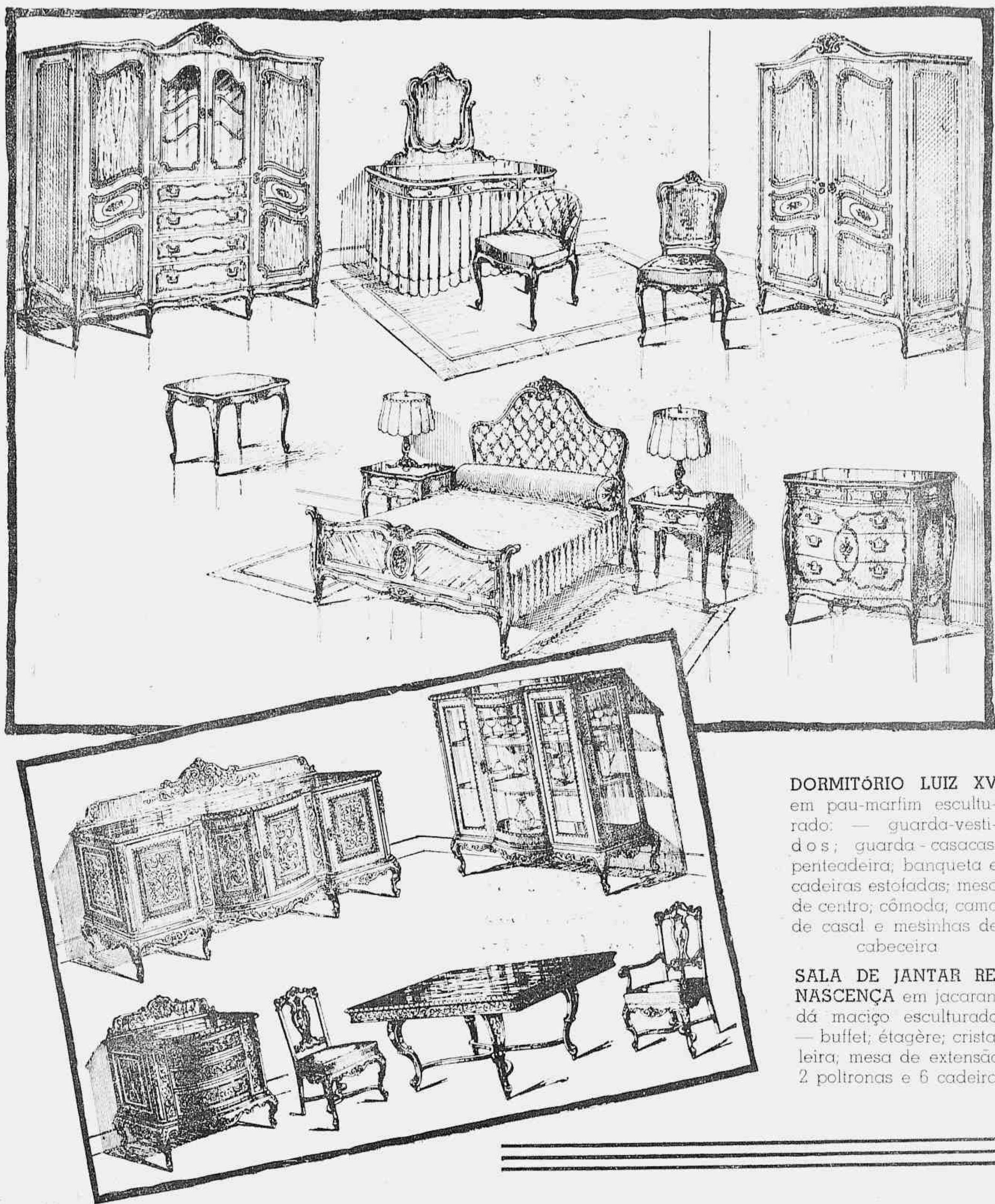
er palavra

la no braço
nas Moore.
voz rouca;
ão, — res-
na frente.
tar-se para
çou-o. Whit
uiram atrás



escente

o. Enquanto
E de noite
e sentia as
sou do teto.
Não comia
a. Uma coisa
de comer.
a que estava
azer! Desceu
uecido, olhou
a. Calu. Sua
... amolecido



DORMITÓRIO LUIZ XV
em pau-marfim escultu-
rado: — guarda-vesti-
dos; guarda-casacas;
penteadeira; banqueta e
cadeiras estofadas; mesa
de centro; cômoda; cama
de casal e mesinhas de
cabeceira

**SALA DE JANTAR RE-
NASCENÇA** em jacaran-
dá maciço esculturado:
— buffet; étagère; crista-
leira; mesa de extensão;
2 poltronas e 6 cadeiras

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

inimitáveis e inconfundíveis

TAPETES — PASSADEIRAS — TECIDOS — CORTINAS
EM SORTIMENTOS E PREÇOS QUE NÃO ADMITEM CONFRONTO

ASA
MARCA

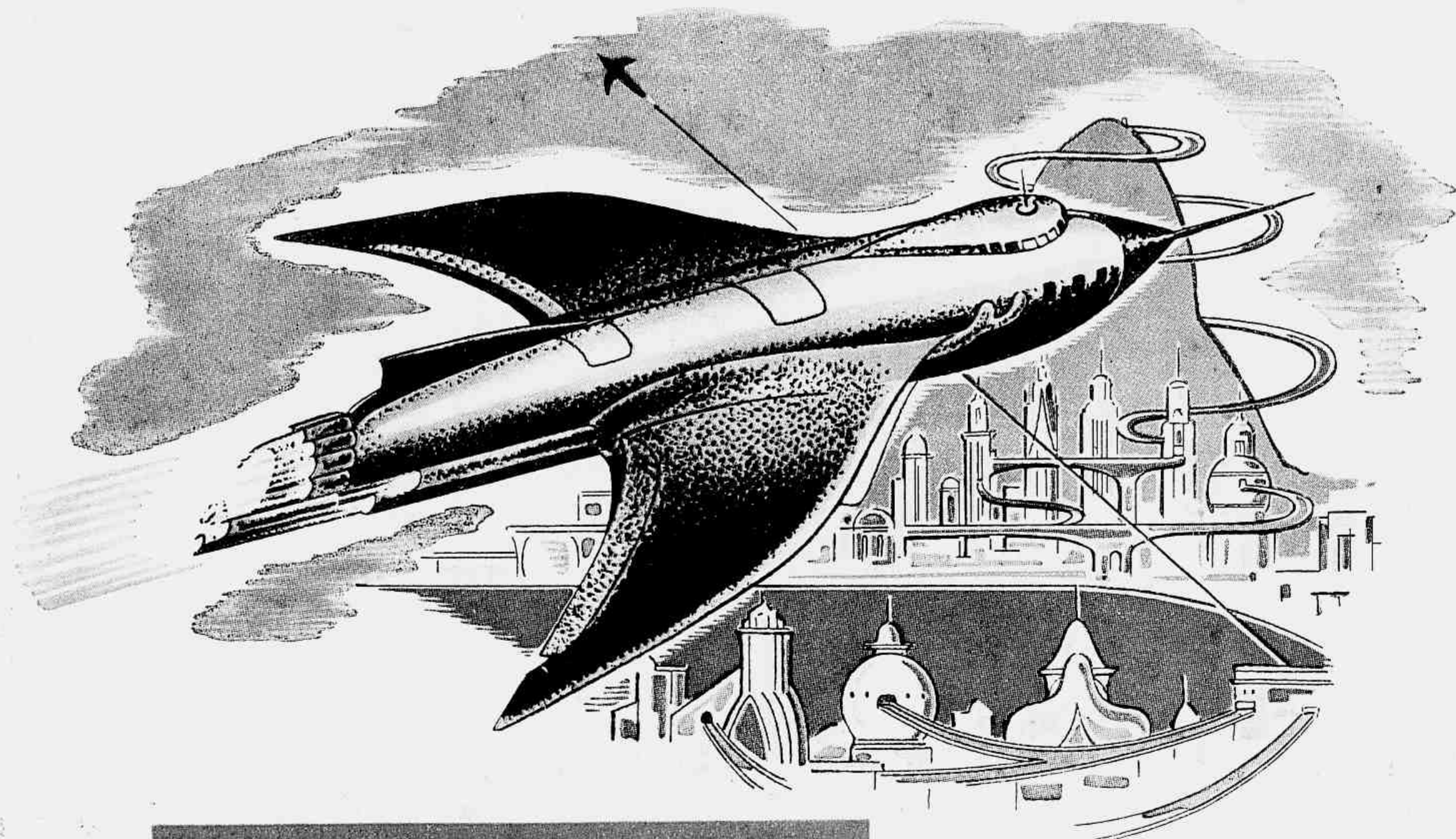
Fundada em 1912

UNES
REGISTRADA

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

CURIOSIDADES

Continental



NO BRASIL fumam-se por dia milhões de cigarros Continental. Se você fumasse uma carteira por dia e tivesse de fumar todos esses cigarros, teria que viver até o ano de 2.610!

CONTINENTAL é o cigarro de qualidade mais popular em todo o Brasil. Ligados ponta com ponta, os cigarros CONTINENTAL fumados num só dia atingiriam 350 quilômetros. Prefira também o cigarro cuja qualidade é atestada por tão larga preferência.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



COMPANHIA DE CIGARROS

Souza Cruz